KRISHNAMURTI

EXPERIMENTE UM NÔVO CAMINHO

ICK

Um Novo Caminho

J. Krishnamurti

O MUNDO se acha num estado de crise, e observa-se desintegração, degeneração. Vemo-nos arrastados por essa onda de degeneração e parecemos totalmente incapazes de mover-nos para fora dela. Pois bem, para que estas palestras tenham algum valor, alguma significação, temos de averiguar o que é necessário fazer, para sairmos desta onda de degeneração.

Durante estas palestras e subseqüentes perguntas e respostas, iremos tratar de descobrir por nós mesmos, sem nenhuma sombra de dúvida, aquela extraordinária energia que surge espontânea e que, natural e inevitavelmente, nos impelirá para fora da onda de degenerescência.

Só a mente que está completamente só pode achar a realidade. E existe uma realidade - não uma realidade teórica, não uma certa coisa inventada pelas religiões organizadas ou experimentada por uns poucos santos, conforme o peculiar condicionamento de cada um, porém uma realidade, uma imensidade que só pode ser descoberta pela mente que percebeu seus próprios movimentos e compreendeu a si própria.

-J. KRISHNAMURTI

ÍNDICE

Pavilhão de conferências em Saanen

Titulo do original:
TALKS BY KRISHNAMURTI IN EUROPE 1963
Tradução
de
HUGO VELOSO

SUMÁRIO

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

Perguntas:

1- Como ocorre a separação entre o pensamento e o pensador?

2- Não é a consciência do tempo que cria a separação?

3- Conscientemente estamos de acordo com o que dizeis; mas, inconscientemente, atuamos de maneira completamente contrária. Por que acontece isso?

4- Ainda que escutemos com todo o nosso ser, isso, por si só, bastaria para influir no inconsciente?

6 - A compreensão do sofrimento

Perguntas:

1- O bom humor é uma fuga ao sofrimento?

2- Pode o sofrimento profundo transformar-se em profunda alegria?

3- Tenho raros momentos de lucidez total. Este é meu destino para o resto da vida?

4- Até que ponto é atenuado o sofrimento pela aceitação dele?

7 - O medo à morte

Pergunta:

1- Morrer é um ato de vontade, ou é o próprio desconhecido?

8 - A meditação

Perguntas:

1- Como pode ser mantida a atenção decorrente do percebimento?

2- O desejo de libertação não é, em parte, a causa de nosso condicionamento?

9 - Ação e inação

Perguntas:

1- Sem perfeita harmonia do pensamento e sentimento, é possível estar cônscio?

2- Para pensar claramente necessitamos de "espaço" na mente. Como encontrar esse espaço?

3- Há diferença entre observar a si próprio, e observar um objeto exterior?

4- A ação espontânea é ação correta?

10 - A Realidade ou Deus

Perguntas:

1- Quem é que percebe? Há diferença entre percebimento e "observação pelo observador"?

2- Falais da "extraordinária energia" de que se necessita para a atenção completa. Como se pode adquirir essa energia?

PALESTRAS EM SAANEN - SUÍÇA

1 - A mente séria

7 de julho de 1963

COMO vamos realizar dez palestras, conviria estabelecermos, já na primeira, uma base correta, não só verbalmente, mas também, se possível, de uma maneira diferente e mais significativa. Essa maneira diferente exigirá de todos nós ativa cooperação, e não simples e passiva audição do que se está dizendo - pois isso, em verdade, pouco significa. Mas se, ao mesmo tempo que estivermos escutando, tratarmos de examinar, refletida e seriamente, nosso próprio coração e mente e de fixar, em nós mesmos, as bases corretas, serão então verdadeiramente significativas estas reuniões.

Desejo agora, se me permitis, explicar o que entendo pela palavra "sério". Em geral, pensamos ser "sérios", isto é, dispostos a um exame refletido dos problemas da vida - e até certo ponto o somos, pois do contrário não estaríamos aqui. Despendestes grande soma de dinheiro, de energia e de tempo, sujeitando-vos aos incômodos de uma viagem, para virdes aqui; portanto, em certo grau, deveis ser sérios. Mas, tratemos de averiguar juntos o que entendemos por essa palavra.

A mente vulgar, superficial, pode também tornar-se muito "séria"; mas, quando se torna "séria", torna-se também algo absurda. Não sei se já notastes como as pessoas de mente vazia se mostram, freqüentemente, muito sérias. São muito loquazes, tomam ares importantes, e para essa mente tudo se torna um problema que cumpre estudar, analisar, penetrar; entretanto, continua a ser uma mente muito pouco profunda. E há, também, a mente muito lida, muito hábil no argumentar, no analisar, capaz de aduzir citações, extraídas de seu vasto reservatório de conhecimentos. Como muito bem sabeis, Asse tipo de mente é solerte, incisivo, hábil, mas eu não a chamaria uma mente séria, como assim não o chamaria à mente superficial que quer mostrar-se séria. E há, ainda, a mente sentimental, emotiva, que facilmente se apaixona e se deixa levar a um sentimento de superficial qualidade, chamado "devoção"; mas essa mente, para mim, também não é séria.

Por mente séria entendo aquela que é profundamente religiosa. A mente religiosa pode ser intelectual, ser capaz de argumentar, de discutir, mas suas bases se acham num nível completamente diferente. A mente religiosa não pertence a nenhuma sociedade, grupo ou religião organizada, em particular. Os componentes de tais grupos não são sérios, em absoluto, ainda que se tornem monges e freiras, ainda que freqüentem a igreja todos os dias ou três vezes ao dia, ou o que quer que façam. Não quero parecer dogmático ou intolerante, mas ireis perceber, ao prosseguirmos, quanto é necessário, urgente, termos uma mente que não esteja simplesmente a buscar; porque a mente que busca está sempre em conflito. Apreciarei toda esta matéria no decorrer destas dez palestras.

O importante é termos uma mente que tenta - ou, pensando melhor, prefiro não empregar a palavra "tentar", que é uma palavra burguesa, se assim me posso expressar, sem denotar condenação. Não dou à palavra "burguês o sentido que lhe dão os comunistas. Quero apenas indicar que é uma mente vulgar, embotada, aquela que diz "tentarei". Seriedade não é questão de tentar, é questão de ser.

Chamo séria à pessoa que está constantemente olhando, observando, atenta a si própria e a outros, observando seus próprios gestos, palavras, sua maneira de falar, sua maneira de andar; e que está também atenta às coisas que a cercam, às pressões, às tensões, à influência do ambiente, da "cultura" em que se criou, e à totalidade de seu próprio condicionamento. A mente da pessoa que está totalmente atenta, eu chamo mente séria. Só essa mente é capaz de exame refletido, de dedicar sua energia a descobrir algo além das coisas construídas pelo homem - algo que se possa chamar Deus, ou como quiserdes.

Assim, eu sinto ser absolutamente necessário nos conservarmos verdadeiramente sérios durante estas três semanas, se queremos alcançar uma compreensão das coisas que vamos examinar. Como disse, em geral pensamos ser sérios; mas, a meu ver, a qualidade que consideramos como seriedade deve ser radicalmente modificada, porque, no sentido em que estou empregando a palavra, nós não somos sérios. Muitos dentre vós me têm ouvido falar repetidas vezes - feliz ou infelizmente - nestes últimos quarenta anos e, se deveras fossem sérios, se teriam transformado completamente. E o mundo tem necessidade de tal transformação, de total mutação da mente. Mas essa mutação não pode ocorrer mediante uma certa prática deliberada, ou pelo aderir a um dado conjunto de sutis idéias teológicas ou práticas. A transformação a que me refiro não se produz por meio de idéia - sendo ".idéia" uma conclusão "racionalizada", lógica, um sistema de palavras e pensamentos, convenientemente organizados. Por mais que possamos organizar o pensamento e atuar em conformidade com ele, por meio desse pensamento e desse atuar não é possível a mutação. Trata-se de coisa toda diferente, de uma qualidade completamente diversa; é a esse respeito que vou falar nesta série de reuniões.

Ora, uma das perguntas mais importantes que devemos fazer a nós mesmos é esta: até onde, até que profundidade pode a mente penetrar em si mesma? Esta é a qualidade de seriedade a que me refiro, porquanto implica que estamos atentos a toda a estrutura de nosso próprio ser psicológico, como seus impulsos e "compulsões"(1), seu desejo de preenchimento e conseqüentes frustrações, suas angústias, tensões e ansiedades, suas lutas, e pesares, e inumeráveis problemas. A mente que está perpetuamente às voltas com problemas não é, de modo nenhum, uma mente séria; mas a mente que compreende cada problema que surge e imediatamente o dissolve, para que não seja "transportado" para o dia seguinte, essa é a mente séria.

Mas, por infelicidade, nós somos educados erroneamente. Nunca nos mostramos verdadeiramente sérios, a não ser quando se apresenta uma crise, uma exigência tremenda, ou quando recebemos um golpe terrível. Então, tentamos tornar-nos sérios, fazer alguma coisa - porém tarde demais. Crede-me, senhores, por favor: isto não é sarcasmo de minha parte; estou apenas apontando-vos fatos.

Em que está interessada a maioria de nós? Se temos dinheiro, voltamo-nos para as chamadas "coisas espirituais", ou buscamos entretenimento intelectual, ou discutimos sobre arte, ou damos para pintar, a fim de expressarmos nossa personalidade. Se não temos dinheiro, a maior parte de nosso tempo se consome, dia após dia, em ganhá-lo, e ficamos presos nessa rede de aflição, de interminável rotina e tédio. Em grande parte, somos preparados para funcionar mecanicamente, numa certa ocupação, entra ano e sai ano. Temos responsabilidades, mulher e filhos para sustentar e, vendo-nos completamente embaraçados nas redes deste mundo insano, tentamos tornar-nos sérios, tornar-nos religiosos; freqüentamos a igreja, ingressamos nesta ou naquela organização - ou, talvez, ouvindo falar a respeito destas reuniões, e estando em férias, vimos ter aqui. Mas nada disso poderá realizar aquela extraordinária transformação da mente.

O mundo se acha num estado de crise, e observa-se desintegração, degeneração. Vemo-nos arrastados por essa onda de degeneração e parecemos totalmente incapazes de mover-nos para fora dela. Pois bem, para que estas palestras tenham algum valor, alguma significação, temos de averiguar o que é necessário fazer, para sairmos desta onda de degeneração. Em maioria, estamos envelhecendo; aqueles que, feliz ou infelizmente, me têm escutado nestes últimos trinta ou quarenta anos, estão evidentemente muito mais velhos do que estavam quando começaram a ouvir-me. Fisicamente, degeneraram e, mentalmente ... bem, eles próprios sabem melhor do que eu se degeneraram. E durante estas palestras e subseqüentes perguntas e respostas, iremos tratar de descobrir por nós mesmos, sem nenhuma sombra de dúvida, aquela extraordinária energia que surge espontânea e que, natural e inevitavelmente, nos impelirá para fora da onda de degenerescência. Isso não quer dizer que iremos rejuvenescer, fisicamente - esta é uma "daquelas" idéias absurdas, fantásticas, românticas. Eu me refiro a um estado mental interior que não degenera.

Vem a degeneração sempre que há conflito de alguma espécie, e é o conflito o que faz de vós isso que comumente se chama "um indivíduo". Pelo conflito, desenvolve-se o caráter e, como dentro da estrutura psicológica da atual sociedade sempre há conflito, temos de ter caráter. Vede: caráter significa resistência. Para abandonar o mundo e tornar-se monge, um homem necessita de caráter. Mas, não estamos falando a respeito de caráter, coisa relativamente fácil de adquirir. Estamos falando a respeito da mente que está completamente livre de conflito; pois só essa mente - a mente totalmente livre de toda espécie de conflito, consciente e inconsciente - nenhum problema tem. Se algum problema surge, ela é capaz de enfrentá-lo e de dissolvê-lo imediatamente. Essa mente é individual, no genuíno sentido da palavra; é única. E parece-me sobremodo importante que sejamos indivíduos assim; mas, não o somos.

Falando de individualidade, refiro-me à mente que está de todo só. Ainda que tenha passado por mil experiências, ainda que haja tido mil memórias, vivido mil anos, essa mente olhou a si própria, frente a frente, e já não é escrava da estrutura psicológica da sociedade. Ela está só - o que não significa estar isolada. Há enorme diferença entre esses dois estados. A mente que se isola torna-se neurótica. A mente isolada identificou-se com determinada idéia ou crença, isto é, com uma certa forma de conforto psicológico; e, quanto mais assim se isola, tanto mais espera ficar livre de conflito. Mas, o próprio processo de isolamento é conflito, é resistência. Examinaremos tudo isso enquanto formos prosseguindo; agora, porém, estamos falando a respeito da mente que se individualizou, pelo percebimento de seu próprio "processo", pela compreensão da estrutura, da psique própria, tanto consciente como inconsciente. É possível ultrapassar o inconsciente; mas este não é o momento oportuno para entrarmos. em minúcias sobre a natureza do inconsciente e sobre a maneira de ultrapassá-lo. O que nesta manhã nos interessa é estabelecer as bases para nossa ulterior investigação.

Ora, só a mente que está completamente só pode achar a realidade. E existe uma realidade - não uma realidade teórica, não uma certa coisa inventada pelos cristãos ou pelos hinduístas ou experimentada por uns poucos santos, conforme o peculiar condicionamento de cada um, porém uma realidade, uma imensidade que só pode ser descoberta pela mente que percebeu seus próprios movimentos e compreendeu a si própria.

É maravilhoso uma pessoa descobrir por si mesma o que significa compreender uma coisa imediatamente, sem necessidade de palavreados; ver um fato como fato, completamente, sem argumentação. Desse ato de perceber pode-se passar à argüição, à discussão, ao exame das minúcias;

mas é necessário ter, primeiramente, essa extraordinária intensidade de percebimento - percebimento sem pensamento - que produz a transformação. Isso poderá parecer um tanto absurdo, mas não o é, como vereis quando mais tarde o examinarmos.

Olhamos para as coisas, escutamo-las, tal como agora estamos fazendo. O que escutamos são apenas palavras, e estas produzem certas reações, conscientes ou inconscientes; e estas reações interpretam o que escutais. Vós já sabeis a respeito de que o orador está falando, pois o vindes escutando há trinta anos; ou, também, tendes lido muito, não só sobre o assunto de que está tratando o orador, senão também sobre outros mais. Nesse fundo em vós existente, as palavras provocam uma reação, e essa reação vos impede o escutar, vos impede o ver. Não sei se alguma vez já observastes, ao verdes subitamente algo muito belo - uma montanha majestosa, um rio de águas rápidas, ou um lindo sorriso de criança- não sei se já observastes de que maneira olhais isso, de que maneira o vedes. No primeiro momento da percepção, nenhum pensamento existe - trata-se de algo tão maravilhoso, que não há palavras que o expressem. Mas, um segundo após, entra em ação a verbalização, e começais a interpretar, a traduzir, a recorrer à memória. Essa ação impede o ver, impede o escutar.

Pois bem: Mesmo que já me tenhais ouvido muitas vezes, não podemos, no prosseguimento destas palestras, três vezes por semana, descobrir, por nós mesmos o que é esse ato de ver, esse ato de escutar? Se pudermos fazê-lo, tudo o mais virá por si, porque o próprio ato de ver produz transformação. Mas, para ver, para escutar, deve a mente estar completa e espontaneamente quieta - sem ter sido forçada, disciplinada para a quietude. Só a mente verdadeiramente quieta pode escutar, pode ver, e não aquela que tem uma infinidade de problemas. Ao perceber a mente que não pode ver, por causa de seus numerosos problemas, esse reconhecimento da própria incapacidade de ver dá origem ao ato de ver.

Tudo isso requer excepcional atenção. Quando sois capaz de atenção completa, não-dividida - não apenas atenção intelectual ou verbal - capaz de estar atento com todo o vosso ser - corpo, mente, emoção - vos achais, então, num estado de suprema sensibilidade. Só então é a mente virtuosa.

Escutai isto, por favor: O homem que luta para alcançar a virtude não é virtuoso. O homem que luta para ser bom, generoso, não é bom nem generoso, porque a bondade, a generosidade, ou amor, só vem quando a mente se acha tão completamente atenta, que nenhum conflito tem.

Espero que venhamos a compreender todas essas coisas no decorrer destas três semanas, à medida que formos avançando. Talvez desejeis fazer agora perguntas atinentes ao que estivemos dizendo, e possamos examinar algumas delas.

PERGUNTA:*A deterioração mental que se está processando em cada um de nós não resulta de distração?*

KRISHNAMURTI: Ora, senhor, por que razão somos distraídos? E porque não devemos ser distraídos? Enquanto vos falo, é distração escutar aquela corrente, escutar os pássaros, ver as folhas reluzindo ao sol? Isso, por certo, só se torna distração, se desejais afastar tudo mais para o lado, a fim de vos concentrardes no que estou dizendo. Distração denota conflito, não achais? Desejais prestar

atenção ao que estou dizendo, mas a mente se desvia para o pássaro, o rio, o trem, a folha. Resistis a essas fugas da mente, desejais detê-las, obrigar a mente a voltar e, daí, por conseguinte, resulta distração, conflito. Mas, se, ao contrário, puderdes escutar ao mesmo tempo a corrente e o que se está dizendo, não há distração, não há contradição. Porque estais atento, não estais lutando contra a distração. No momento em que se luta contra a distração, há conflito e, por conseguinte, deterioração.

Assim, para a mente que está atenta não há distração. Experimentai o que estou dizendo. Escutai a corrente, ficai cônscio do pássaro que canta, notai aquela folha - se a estais vendo como eu a vejo, daqui - reluzindo ao sol, vede todas estas pessoas aqui presentes, vestidas de diferentes cores, olhando em direções várias, escutando em diferentes posturas, e não vos irriteis com a importunação destas moscas. Vereis então que não haverá distração alguma, e a mente estará, por conseguinte, sobremaneira vigilante. Mas a mente que está sempre a lutar contra a distração, porque deseja concentrar-se numa dada coisa, acha-se em conflito e, por conseguinte, num estado de deterioração.[sumário]

PERGUNTA:*É possível o cérebro ficar quieto, alguma vez?*

KRISHNAMURTI: Este é com efeito um problema tremendo, uma vez que o cérebro é produto do tempo; ele vem à existência pela associação, por meio de reações nervosas, e acumulou durante séculos um cabedal de memória ou conhecimento instintivo, mediante o qual reage. Isto é um fato, e não uma explicação pessoal de cunho especulativo. O cérebro humano desenvolveu-se, do macaco ao homem primitivo e deste ao homem civilizado. Aprendeu, acumulou vastíssima experiência. Sabe quando há perigo, busca o prazer e procura evitar a dor. Tem inumeráveis desejos, ambições, impulsos, exigências, todos a solicitá-lo em diferentes direções.

Ora bem, em vista de tudo isso, a questão é se é possível ao cérebro - que acumulou tão extraordinária soma de experiência, na forma de memória, e que, neurologicamente é sensível, está sempre à escuta, observando, sentindo, interpretando - se é possível ao cérebro, em tais condições, ficar completamente quieto. Pode ele manter-se ativo, sensível, e ao mesmo tempo completamente tranqüilo? Digo que pode, não teoricamente, porém de fato; e é só então que a mente, o cérebro, é capaz de meditação. O ato da meditação é uma coisa maravilhosa - mas não tratarei disto nesta manhã.

O interrogante, pois, deseja saber se é possível ao cérebro tornar-se quieto - esse cérebro tão altamente desenvolvido, com seu enorme cabedal de memória, mediante o qual está constantemente reagindo. Sendo produto de associação, experiência, de memória, resultado do tempo, pode, em algum tempo, o cérebro ficar quieto? A maioria das pessoas se acha em conflito, dividida por inumeráveis desejos: desejo de preencher-se, pintando, escrevendo, fazendo isto ou aquilo. Desejam tornar-se conhecidas, tornar-se alguém, neste mundo monstruoso e estúpido. E, nessas condições, pode o cérebro - que tanto é o consciente como o inconsciente - ficar totalmente silencioso? Se pode, de que maneira poderá saltar de um estado para o outro? Iremos examinando esse problema enquanto formos prosseguindo.[sumário]

PERGUNTA:*Quando olhamos uma flor, em conseqüência da associação e da memória, lhe damos nome imediatamente, dizemos que é uma rosa ou uma violeta. Dado que esta verbalização é instantânea, que se pode fazer a esse respeito?*

KRISHNAMURTI: Entendestes a pergunta? Por favor, não penseis que estou fazendo pouco de vós; mas entendestes, todos, esta pergunta? Sim? Muito bem.

Ora, isso também não acontece convosco? Quando olhais uma flor, não dizeis imediatamente que é uma violeta, que é isto ou aquilo? Quando olhais para uma mulher, um homem, um amigo, não dizeis que é fulano de tal? E quando se verifica esse processo de dar nome, ele vos impede de escutar com uma mente fresca o que essa pessoa está dizendo; ou, não estais verdadeiramente olhando a flor, porque vossa mente se prendeu a uma palavra, com todas as respectivas associações, provindas do passado. Assim, que sucede realmente? Vamos analisá-lo rapidamente, e vereis o que sucede.

Ao verdes uma certa flor, vossa reação imediata é dizer que é um narciso, porque, por efeito do tempo e da instrução que recebestes, tal flor está associada em vossa mente à palavra "narciso", de modo que vossa memória reage prontamente com esse termo. Assim, que aconteceu? Destes nome à coisa que vedes, dizeis que é um narciso; e, com lhe dardes nome, fixastes mais ainda, em vossa memória, essa imagem, com todas as suas associações. Esse processo de dar nome vos impede de olhar a flor "não botanicamente", isto é, sem vosso cabedal de conhecimentos botânicos. Compreendeis?

Ora, é possível olhar sem dar nome? Podemos olhar para outro ser humano, sem denominá-lo alemão, russo, comunista, capitalista, hinduísta, negro, isto ou aquilo? Por certo, para podermos olhar sem dar nome, temos de estar livres das palavras. Vossa mente é escrava das palavras, porque sem elas não podeis pensar. Para qualquer espécie de comunicação, tendes de empregar palavras, e cada palavra tem suas associações, suas nuanças de sentido. Mas, sois incapaz de esquecer a palavra e olhar. Deveis perceber a existência, em vós mesmo, desse extraordinário processo de dar nome, de associar; deveis perceber o desmedido valor que damos às palavras, em conseqüência de nossa educação e de nossa memória. O perceber, em sua inteireza, esse processo, e dele libertar-se, requer extraordinária vigilância. Se o tentardes - "tentardes" não, se o fizerdes, tereis a possibilidade de descobrir. Não tem sentido "tentar uma coisa". Ou a fazemos, ou não a fazemos.[sumário]

PERGUNTA:*Ao percebermos uma árvore ou uma flor, há geralmente dois estados mentais, um subseqüente ao outro. Por uns segundos não estamos cônscios de estar olhando, estamos simplesmente olhando; mas, um momento após, começamos a traduzir o que vemos em conformidade com nossas idéias estabelecidas, queremos verificar se pode ser fotografada, etc.*

KRISHNAMURTI: Exatamente, senhor. Olhais aquela montanha, imensa, majestosa, e a própria beleza dela apaga a vossa consciência, torna-a quieta por um segundo. Depois, recuperando-vos do choque, começa a funcionar todo o "processo" da memória.

Esta pergunta exige muito exame. Nos primeiros segundos a consciência está quieta, como resultado de uma influência: a beleza da árvore, da montanha, vos empolgou, tornando-vos quieto. Mas, esta é a verdadeira quietude? Não é um "processo" que se está verificando continuamente, no mundo? Se ides à igreja assistir à missa, a beleza, o aparato dessa cerimônia vos comunica um extraordinário sentimento de fervor, de temor, inspiração, e vos tornais quieto. Mas isso não é um "processo" de narcotização da mente? Segui, por favor, o que estou dizendo.

Se algo de externo, por influência de sua beleza, de sua majestade, de sua pompa, força a mente a quietar-se, está vigilante esta mente? Ou a mente vigilante é aquela que já se acha em silêncio ao ver a montanha; ou que, não tendo sido silenciada pela beleza do que vê, não se envolve em verbalização? Essa mente observa sem dar nome, acha-se permanentemente num estado de silêncio - mas, não quero empregar esta palavra, "permanentemente", porque podeis compreendê-la mal. Pois é isso o que desejais - quereis conquistar tal estado, para nele ficardes permanentemente - o quê é pura infantilidade.

Vede primeiro, o problema, a beleza do problema. Um incidente faz-nos silenciar momentaneamente: um acidente de automóvel, a vista de uma montanha majestosa ou de uma bela árvore, a morte de alguém que amamos. Depois, começa o "processo" de verbalização, de dar nome, associar, dizer "estou desolado", ou "que beleza!" Todos conheceis esses dois estados: o estado de silêncio forçado, seguido do estado de perpétua verbalização. Surge, assim, o problema: Como alcançar aquele estado em que a mente possa olhar sem dar nome; aquele silêncio não ocasionado pela grandeza de alguém, ou pela imponente grandeza de uma montanha? Não sei se compreendestes o problema.[sumário]

PERGUNTA:*Qual a relação do indivíduo com a sociedade?*

KRISHNAMURTI: Qual a relação do indivíduo - o indivíduo real, a cujo respeito tenho falado - com a sociedade? E qual a nossa relação atual - a relação do chamado "indivíduo" - com a sociedade? E que se entende por "relação"?

Comecemos com a "relação". Que se entende por esta palavra? Estar em relação é estar em contato, em comunhão com outro que me entende e a quem eu entendo; é ter camaradagem, amizade com outro.' Quer se trate da relação de marido e mulher, entre pai e filho, quer da relação do indivíduo com a sociedade, tal palavra tem para nós um sentido de comunhão, de contato, fraco ou forte, superficial ou profundo. Penso ser isso o que em geral entendemos por "relação".

Ora, nós estamos em relação com alguém? Estais em relação com vossa mulher ou marido? Por favor, investigai esta questão, sem meramente presumirdes que estais. Para estardes em relação com alguém, deveis estar em contato com a pessoa, não apenas fisicamente, mas também emocional, intelectualmente - em todos os níveis. E estamos? Parece-me que não. Nossas atitudes, nossas atividades, nossas arrogâncias, nosso orgulho, nos isolam; e, nesse estado de isolamento, procuramos estabelecer uma relação com outro, com a sociedade. Isto é um fato, não é invenção minha. Nós gostaríamos de estar em relação, mas não estamos. Nesse "processo" que chamamos "relações" - as quais constituem a sociedade - julgamo-nos indivíduos, porque temos nome, família, conta no banco; nossos rostos diferem, trajamo-nos diferentemente, etc. etc. Tudo isso nos dá um peculiar sentimento de individualidade. Mas, somos indivíduos reais, ou mero produto condicionado de determinada sociedade, de determinadas influências ambientes?

Ser indivíduo é ser único, interiormente distinto, tranqüilo, só. A mente que está só encontra-se liberta de todo o seu condicionamento. E qual a sua relação com a mente que se acha condicionada? Qual a relação de uma mente que é livre, com outra que não o é? Pode haver relação entre elas? Se vós vedes e eu não vejo, que relação há entre nós? Podeis ajudar-me, guiar-me, dizer-me isto, aquilo ou aquilo outro; mas só pode haver entre nós um estado de relação, no exato sentido da palavra, quando ambos vemos, isto é, quando podemos comungar imediatamente, no mesmo nível e ao mesmo tempo. Só então,

por certo, há possibilidade de comunhão - que é amor, não achais?[sumário]

---

(1) Compulsion: Impulso irresistível à execução de atos irracionais (Die. "Webster Collegiate") N. do T.

2 - O conflito e a deterioração da mente

9 de julho de 1963

SEMPRE acho um tanto difícil comunicar com exatidão o que desejamos dizer. Temos de usar palavras. Há outros meios de comunicação, mas podem conduzir a erro e, por conseguinte, devemos desconfiar deles. As palavras, também, podem ser torcidas; há muitas nuanças de sentido para cada palavra e, quando, se está comunicando algo que não é puramente objetivo, requer-se certa flexibilidade da parte do ouvinte, certa sutileza da mente, uma qualidade não inerente às próprias palavras. Em qualquer língua de que nos servimos - o francês, ou o inglês, ou o italiano - é sempre difícil, penso eu, ultrapassar as palavras e apreender o verdadeiro significado daquilo que o orador deseja transmitir. Isso exige resoluta reflexão, penetração, discernimento, e não simples argumentação, hábeis explicações ou análises sutis.

Para mim, o mais importante na vida é termos uma mente religiosa, porque, então, tudo o mais entra no correto estado de relação - tudo; ocupações, saúde, casamento, sexo, amor, e os inumeráveis problemas e tribulações que a vida nos oferece - tudo é compreendido. A mente religiosa não é uma coisa facilmente alcançável, mediante a leitura de uns poucos livros, a audição de uma série de palestras, ou pelo nos exercitarmos para uma certa postura. Mas, eu acho que nós precisamos de uma mente assim, e Oxalá possamos encontrá-la no decorrer destas palestras - não deliberadamente, não mediante qualquer espécie de cultivo, ou pelo desenvolvimento de certa capacidade, mas encontrá-la "no escuro", inesperadamente, sem o sentirmos.

A mente, que inclui tanto o consciente como o inconsciente, é, como já observamos, um vasto campo de contradição. Está toda envolvida em ingente luta, dilacerada por muitos conflitos, batalhas, choques do desejo; e, em tais condições, a mente não tem possibilidade de compreender o que significa ser religioso. O que quer que faça - se vai à igreja, se lê livros sagrados, ou se executa qualquer das demais coisas que costumamos fazer, em nossas pueris tentativas para descobrir se há Deus, se há vida futura, etc. - essa mente nunca encontrará aquele extraordinário estado religioso. Eis porque acho tão importante, principalmente durante estas três semanas, que estejamos profundamente cônscios deste campo interior de conflito. Parece-me que são raros os que estão perfeitamente cônscios desta batalha incessante que se trava continuamente dentro de cada um de nós; e, como estive mostrando outro dia, o importante não é o que cumpre fazer em relação a isso, porém o importante é que o vejamos, porque o próprio ato de ver a coisa é libertador.

Desejo, pois, nesta manhã, apreciar o fato relativo ao conflito e à degeneração - pois os dois andam juntos, não são separados. Onde há conflito, consciente ou inconsciente, profundo ou superficial, ele destrói a sensibilidade, a sutilidade, a agilidade da mente. O conflito produz embotamento, insensibilidade. Por conflito entendo "ter problemas"; e, para estarmos livres de conflito, de contradições, temos, por certo, de compreender essa coisa que se chama "consciência", "mente" - a coisa que somos.

Vou examinar isso, não teórica, abstratamente ou de maneira explicativa, mas examiná-lo - assim espero - com vossa cooperação. Isto é, vós e eu iremos "viajar" juntos; não ireis apenas escutar-me, porém, no próprio ato de escutar, observar o processo de vossa própria consciência.

Como sabeis, há duas maneiras de olhar uma coisa. Ou a olhamos, porque nos disseram que devemos olhar e o que devemos procurar; ou olhamos porque desejamos descobrir, e, assim, pomo-nos a caminho para descobrir. Quando sentis fome, tratais de comer, ninguém precisa dizer-vos nada. Mas, o dizerem-vos que deveis comer e o sentirdes fome são duas coisas inteiramente diferentes. Este ponto, pois, nos deve ficar bem claro. Não estou dizendo que deveis olhar ou o que deveis procurar, mas vamos olhar juntos, e juntos vamos descobrir. Isso será para cada um de nós uma experiência "de primeira mão", porque nenhum de nós está dirigindo o outro. Espero que isto esteja claro.

Este é um problema muito complexo, e para o examinarmos necessitamos de uma mente que seja capaz de olhar, de observar, sem logo dizer: "O que estou vendo me agrada, gosto disso", ou "Não me agrada, não gosto disso." Necessitamos de uma mente "científica", uma mente que não desfigure, que não dê colorido àquilo que vê. O importante é produzir uma transformação no mesmo processo de nosso pensar, na própria matriz, na própria composição da mente. E' necessária uma revolução - não revolução econômica ou social, porém revolução na consciência, no verdadeiro centro de nosso ser; e tal revolução só pode ocorrer quando se compreende esta questão do conflito. O conflito, em qualquer nível da consciência, superficial ou profundo, é o fator da deterioração.

Não aceiteis isto, simplesmente; não aceiteis nada do que diz este orador. Mas tratemos de examinar juntos este problema do conflito, palavra que para mim significa auto-contradição, autocompaixão, e impulso para o preenchimento, com sua inevitável frustração. Há ajustamento, imitação, e a contradição inerente ao desejar alterar o que é para outra coisa que chamamos "o ideal" - a contradição entre o que eu sou e o que eu deveria ser. A contradição envolve competição, o desejo de ser uma pessoa admirável, famosa, com todas as concomitantes lutas, o batalhar, o ansiar, o medo de não ser algo, a agonia do desespero; tudo isso, e muito mais ainda, está contido na palavra "contradição", e é o fator da deterioração.

Somos educados para viver em conflito perpétuo: econômica, moral e espiritualmente, nossa sociedade está baseada no conflito, e todos os instrutores religiosos nos têm dito que devemos disciplinar-nos, que devemos lutar para sermos ou nos tornarmos algo. Temos sempre o modelo, o herói nacional ou religioso; imitamos o santo, o Salvador, aquele que atingiu a meta; há sempre esse abismo entre o homem que sabe e o homem que não sabe e se acha numa luta perpétua para saber: o estúpido que luta para se tornar inteligente. Tal é a estrutura psicológica de nossa sociedade. Somos impelidos pela ambição, adoramos o sucesso e condenamos o malogro; multiplicamos nossas angústias e vivemos numa luta incessante para nos libertarmos delas.

Esta batalha se trava continuamente, quer estejamos dormindo, quer acordados, quer saiamos a passeio, quer fiquemos sentados, imóveis. Tal é nosso destino; para ele fomos educados, e o aceitamos. É o estado em que vivemos. Nessas condições, a mente nunca está lúcida, porém sempre confusa, sempre em contradição consigo mesma.

Observai, por favor, vosso próprio estado. Mas, de que maneira vos observais? Observais como um observador que observa algo separado dele próprio, caso em que há uma divisão, uma contradição entre o observador e a coisa observada? Ou observais sem a presença do observador? Segui isto, por favor, porque é importante. Quando estamos observando o processo extremamente complexo de nossa própria consciência, cuja vera essência é o conflito, devemos compreender o que entendemos por olhar, observar. Estou certo que a maioria de nós observa como alguém que o faz pelo lado de fora a olhar para dentro. Estais cônscios de vossos conflitos, e estais a observá-los como censor, como juiz, como observador separado da coisa observada. É isso o que em geral fazemos, e é isso o que nos impede de compreender esta coisa tão complexa que se chama "conflito" - seu enorme peso e conteúdo, suas variedades. Quando observais como quem está de fora a olhar para dentro, criais, sem dúvida, conflito, não achais? Não estais compreendendo o conflito, porém, apenas, tornando-o maior. Cônscio do conflito existente em si próprio, o observador diz: "Preciso alterar isto; não gosto de conflito. Gosto do prazer". O observador, pois, tem sempre essa atitude de julgar, de censurar, e, quando se observa dessa maneira, não se está compreendendo o conflito; pelo contrário, ele está sendo multiplicado. Tornei bem claro este ponto?

Para mim, todo o processo psicanalítico redunda em intensificação do conflito, e não pode dar a libertação do conflito. Eu gostaria que percebêsseis este fato, de uma vez por todas, que percebêsseis sua verdade e beleza, pois saberíeis, então, o que significa olhar, não com olhos de censor, porém, olhar, simplesmente. Se olhardes com olhos de censor, ireis aumentar vosso conflito; mas, se observardes, sem ser de um centro, começareis a compreender esse "processo" extraordinário que se chama a consciência, que é a própria essência do conflito, da luta, que é um lutar incessante para "vir a ser", reprimir, alcançar.

Observais aquelas montanhas cobertas de neve, aqueles morros e vales, e a terra verde; e como os observais? Vede-os de um centro que analisa? Ou vedes, simplesmente, sua beleza extraordinária? Há, decerto, diferença entre percepção e análise. Se se vê com certa clareza esta diferença, então, ficará também claro que a análise não produz nenhuma revolução. A análise poderá ajudar-vos a ajustar-vos à sociedade, a remover algumas de vossas peculiaridades, de vossas idiossincrasias, de vossas neuroses; mas não é disso que estamos tratando. Estamos falando de coisa muito mais fundamental do que o mero ajustamento a uma sociedade corrompida. Análise supõe analista e coisa analisada. O analista é o censor, o juiz que examina, que interpreta, que condena ou aprova o que se está vendo, e, por conseguinte, cria mais conflito. Não é isso, absolutamente, o que estamos fazendo; estamos fazendo coisa completamente diferente, isto é, tratando de compreender o conflito existente, não só no exterior, no mundo, mas também em nosso interior. Estou empregando a palavra "compreender" no sentido de "observar sem tomar posição". Quando assim procedeis, já tendes um campo de observação em que não existe conflito. Não sei se estais percebendo a verdade disso.

Sabeis tão bem como eu que há conflito exterior. Uma nação está colocada contra outra nação, e os governos soberanos, com seus exércitos, se acham constantemente na iminência de guerra. Vemos

competição, antagonismo criado pelas divisões de raça e de classe, e a batalha constante do Oriente com o Ocidente, dos que estão bem nutridos com os milhões que padecem fome na Ásia. Observa-se um "explosivo" aumento de população, com sua ameaça de fome geral, e a sombra temerosa de uma guerra nuclear. Tudo isso são fatos óbvios, está nos lábios de todos os políticos, de todos os reformadores - a guerra fria que ora se verifica e que, a qualquer momento, poderá tornar-se "quente".

E há, também, a batalha interior que se trava em cada um de nós: autocontradições, problemas não resolvidos e aqueles que só foram temporariamente resolvidos - produzindo, tudo isso, sua marca na mente. Desejamos ser pessoa importante, famoso pintor, escritor, orador, importante homem de negócios, e, se não o conseguimos, sentimo-nos frustrados - o que acarreta mais outra forma de conflito.

Temos, pois, conflito exterior e conflito interior; e o exterior não difere essencialmente do interior. São ambos parte do mesmo movimento, semelhante ao vaivém da maré. Separá-los é coisa absurda, estúpida, porque são uma só e mesma coisa. Deveis atender ao problema como um todo, e não dividi-lo em "interior" e "exterior"; do contrário, nunca sereis capaz de compreendê-lo. No momento em que separais o exterior do interior, aumentastes o conflito em que vos vedes envolvido.

Ora bem, vendo-se essa batalha incessante, essa autocontradição de cada um, que cumpre fazer? O conflito interior poderá envidar um certo esforço, produzir um certo resultado. Pode, e não raro o faz, produzir quadros, poemas, literatura, movimentos religiosos (assim chamados), mas tudo isso permanece no campo do conflito, é fator de degeneração. "Ajuda" outros a degenerar. Isto é bem óbvio. Assim, toda forma de conflito, quer dele estejamos cônscios, quer não, e toda ação resultante desse conflito, constituem fator de degeneração.

Por favor, não aceiteis o que estou dizendo, porque, aceitá-lo significa apenas concordar verbalmente; e aqui não estamos para concordar ou discordar verbalmente. Isto aqui não é uma sociedade de debates.

Vede, há séculos e séculos que estamos sendo criados nesta idéia de que precisamos lutar para ser ou alcançar algo. Lutamos para ter êxito neste mundo, e pensamos também que pelo conflito alcançaremos a divindade, ou criaremos algo, no sentido artístico ou religioso. Vede os inumeráveis santos que consigo mesmos batalharam para alcançar um estado considerado espiritual, e como tal reconhecido pelas igrejas. O conflito, pois, é uma "instituição" veneranda, coisa divinizada por nós. Vemo-lo representado em antigas pinturas egípcias e nas cavernas de Lescaux, onde se retrata o homem em batalha com os animais, o bem contra o mal, na esperança de que o bem prevaleça sobre o mal. O conflito é um processo histórico; é como uma vaga descomunal que constantemente nos colhe - e dessa vaga fazemos parte.

Ora, para vermos o conflito - esse processo histórico-social de que fazemos parte - como fator deteriorante, necessitamos de muita atenção e de verdadeira inteligência. Em maioria, não reconhecemos o conflito como fator de deterioração, porque nos habituamos a ele. Na escola, nos negócios, em tudo o que fazemos, o conflito, a rivalidade é nossa maneira de vida, e ninguém quer admitir que ele seja profundamente destrutivo. Uns poucos poderão admiti-lo teoricamente, mas não de fato. Assim, examinemos isso.

Como disse, há muitas variedades de conflito. As pessoas ditas religiosas têm suas variadas disciplinas. Controlam, subjugam a si próprias; ajustam-se a um padrão que chamam espiritual, ou imitam um certo herói; aceitam a autoridade de um salvador, de um instrutor e, de acordo com seus ditames, lutam para viver. Se são verdadeiramente sérias - como os monges cristãos e certas pessoas da Índia que renunciaram ao mundo - sua vida é uma perene batalha de autocontrole, autodisciplina.

E, consideremos nossa própria vida. Alguns dentre vós talvez fumem. Podeis achar absurdo ser-se escravo de um hábito; entretanto, quanto vos é difícil abandonar uma coisa tão insignificante como o hábito de fumar, quantas torturas isso vos custa! Daí resulta conflito; e, naturalmente, quando se trata de coisas mais emocionais, como o sexo, etc., o conflito se torna indizível agonia. Mas, estais acostumados com o conflito, que se vos tornou hábito, vossa maneira de vida. O conflito foi santificado, tornou-se respeitável; e, se vem uma pessoa, como eu, dizer-vos que se pode viver sem conflito, ou vos tornais sardônico e dizeis "Pobre coitado!", ou procurais imitar sua maneira de vida e, por conseguinte, de novo vos vedes em conflito.

Como disse, quer estejamos cônscios disso, quer não, a totalidade da consciência, tudo isso que chamamos pensamento, é conflito - pensamento como palavra, como símbolo, pensamento como reação da memória, não só a memória de ontem, mas a de muitos milhares de dias passados. E, se não pensásseis, que aconteceria? Ficaríeis vegetando, satisfeito com o que sois, qual uma vaca? Ou "não pensar nada" representa um estado extraordinariamente vital, significando que compreendestes e vos libertastes completamente dessa reação mecânica da memória, que é o cérebro, a "responder" com todas as suas acumulações de experiência, na forma de conhecimento?

Em geral, desistimos do esforço de nos libertarmos do conflito e deixamo-nos levar pela corrente, permitindo, assim, que a mente se embote; e se o conflito se torna demasiado doloroso, recorremos a uma crença em Deus, esperando, dessa maneira, encontrar a paz; mas isso, mais cedo ou mais tarde, se torna outra fonte de conflito. Ou, receando que, se nenhum conflito tivéssemos, iríamos vegetar, embotar-nos, quedar-nos satisfeitos, conservamos bem afiado o gume do conflito, argumentando intelectualmente com outros, lendo e instruindo-nos sobre as mais variadas matérias. Mas, há uma maneira de nos abeirarmos deste problema, que requer inteligência na forma mais elevada, a mais alta sensibilidade, e esta maneira é: observar, estar cônscio de todo esse processo de conflito, sem fazer escolha. Se nele entrardes, vereis que, nesse estado de percebimento, vossa mente compreende imediatamente todo problema que surge, de modo que não se proporciona ao conflito solo para enraizar-se.

Pois bem. É sobre isto que vou falar, e não sobre como fugir ao conflito - o que, afinal, é o que fazeis, recorrendo ao vosso deus predileto ou ao vosso analista favorito; vou falar sobre como compreender negativamente todo esse processo de conflito. Por compreensão negativa entendo o estado em que a mente olha um problema, ou uma montanha, sem "verbalizar": ela, apenas, olha. É o estado da mente que não interpreta, que não censura ou escolhe, mas está cônscia sem escolha. A mente, então, não diz: "Gosto disto e não gosto daquilo" - porém apenas observa com uma atenção total; e nesse estado mental vereis que toda espécie de conflito, em qualquer nível de vosso ser, terminará. A mente sem conflito é a única mente religiosa; mas, ainda não conheceis esse estado. E por mais encantados que vos sintais com minha descrição, isso nenhum valor tem.

Para o homem ou a mulher que deseja verdadeiramente compreender a beleza, o extraordinário

significado de uma vida livre de conflito - e eu digo que essa vida é possível - a coisa mais importante é que se esteja totalmente cônscio de todo o conteúdo da consciência. Estar "totalmente cônscio" não significa analisar, porém, simplesmente, observar. E aí está nossa maior dificuldade, porquanto, através de um milênio de hábito, vimos sendo exercitados para julgar, para condenar, para comparar, para identificar-nos; esta é nossa reação instintiva e, por conseguinte, nunca observamos realmente.

Assim, podeis, vós que viveis num mundo feito de conflito, que mantém o conflito através de preenchimentos e frustrações, e que exige que também vivais em conflito, num estado de auto-contradição - podeis, pela compreensão, pela sensibilidade a todo esse processo, ficar totalmente livres de conflito? Por certo, só a mente sem problemas, sem as cicatrizes do conflito, é inocente; e só a mente inocente pode conhecer o Imensurável.

Bem, discutamos agora o que estive dizendo nesta manhã.

PERGUNTA:*Qual a real função do pensamento?*

KRISHNAMURTI: De fato não o sei, mas averigüemos. O pensamento tem alguma importância? Se a tem, qual a sua significação em nossa vida? Não estamos apresentando opiniões a este respeito. Não se trata do que vós pensais, do que eu penso, ou do que outro pensa; isso nenhum valor tem. Vamos investigar a verdade contida na questão. Para tal, temos de "hesitar", de esperar, olhar, escutar, tatear em redor, e não apenas repetir uma reação ou lembrança. Tendo lido um certo livro de filosofia, ou sobre o pensar, podeis lembrar-vos do que lestes e fazer citações; mas, não estamos aqui para citar o que outros disseram. Aquele senhor fez uma pergunta muito séria. Estive dizendo que pensamento é conflito, que o pensamento é destrutivo, e ele recolheu o que eu disse e agora pergunta - "Que quereis dizer com isso? Se o pensamento é destrutivo, qual é então a verdadeira função do pensamento? Qual o lugar certo do pensamento em nossa vida?"

Ora, antes de respondermos a esta pergunta, precisamos averiguar o que é pensar, não achais? Podemos dar-lhe a devida "colocação", dar-lhe o significado correto. Mas, se não compreendemos o inteiro processo do pensar e nos limitamos a dizer, em resposta, umas poucas palavras, isso não resolve a questão.

Assim, que é pensar? Por favor, não me respondais; é muito fácil dizer o que é pensar, mas, se o fazemos, pomos fim à nossa investigação. Faço-vos uma pergunta: Que é pensar? E que ocorre, então? Há um desafio, na forma de pergunta, e vós "respondeis" a esse desafio. Entre minha pergunta e vossa resposta há uma demora, um intervalo de tempo, durante o qual a memória está em função. Dizeis para vós mesmo: "Que significa isso? Onde li alguma coisa a este respeito?" etc. etc. Se a pergunta vos é muito familiar, se vos pergunto vosso nome, vossa resposta é imediata, porque não necessitais de pensar. Mas, se vos pergunto algo que não conheceis perfeitamente, hesitais, ocorre um intervalo de tempo, durante o qual estais a buscar, a pesquisar em vossa memória. Vosso pensar, por conseguinte, é reação de vossa memória, pois não? Ide devagar, por favor; é muito interessante entrar nisso com vagar.

Se se trata de uma pergunta com que estais familiarizado, vossa resposta é instantânea. Quando não estais bem familiarizado com a pergunta, necessitais de tempo, e durante este período estais revolvendo

a memória em busca da resposta. E, quando se faz uma pergunta sobre a qual vossa memória nenhuma informação recolheu, então, olhais, pesquisais e, por fim, dizeis: "Não sei". (a) Vossa resposta é instantânea; (b) precisais de tempo para responder; (c) dizeis "Não sei". Mas, quando dizeis "Não sei", estais esperando saber, esperando ser informado, esperando, até irdes à biblioteca procurar a resposta; estais na expectativa de uma resposta. Assim, quando dizeis "Não sei", esse "não sei" é condicional. Esperais saber, daqui a uns dias, ou daqui a alguns anos - e isso é condicional. Mas há também (d), que é dizer "não sei" e que não é condicional; a mente não está esperando, não está olhando, na esperança de encontrar uma resposta. Ela diz, simplesmente "Não sei".

Pois bem, (a), (b) e (c) constituem um processo de pensar, não? Se perguntardes a um cristão se Deus existe, ele responderá prontamente "Naturalmente, existe". Se fizerdes a mesma pergunta a um comunista, ele dirá "De que estais falando? Naturalmente não existe". Seu deus é o Estado, mas isso é outro assunto. Assim, nossa "resposta" a qualquer desafio está em conformidade com o nosso condicionamento, em conformidade com a nossa memória. Se a memória é precisa, clara, ativa, viva, nossas respostas serão fortes, e isso constitui todo o processo do que chamamos "pensar". Nosso pensar, simples ou complicado, inculto ou muito erudito e científico, está baseado nesse processo.

Mas, há o ponto em que dizeis "Com efeito, não sei" - e não estais esperando resposta. Nenhum livro vos pode informar. Não há memória para dizer: "Aqui está!" Isso, por certo, é muito diferente dos outros três processos; (a), (b) e (c) não são a mesma coisa que (d), em que todo o pensar parou, porque não sabeis e não esperais ser informado.

Ora, de que ponto de vista estais fazendo a pergunta: "Qual o exato valor do pensamento?". É com o fim de receber uma resposta, como em (a), (b) e (c)? Ou fazeis a pergunta no estado mental representado por (d), no qual não há pensamento? E, que relação tem o pensamento com o estado mental representado por (d)?

Estou-me explicando claramente, ou isso se está tornando complexo demais?

O pensamento tem valor, num certo nível, não é verdade? Quando vos dirigis ao escritório, quando fazeis algo em qualquer esfera de atividade, o pensamento, obviamente, tem valor; em todas essas coisas há necessidade do pensamento. Mas, tem algum valor o pensamento quando dizeis "Não sei", isto é, quando a mente percorreu (a), (b) e (c), e se acha num completo "estado de não saber"?

Conforme apontei, se sois cristão e alguém vos pergunta se existe Deus, respondereis com o vosso condicionamento, e vosso pensar terá então um certo "valor", dependente de vosso código de moralidade, da maneira como vos comportais, de freqüentardes, ou não, a igreja, etc. etc. Mas o homem que diz "Não sei se há Deus ou se não há" - que não afirma nem nega a existência de Deus, e que verdadeiramente se acha num estado de "não saber", - esse homem não exerce o pensamento para descobrir; porque, se exerce o pensamento para descobrir, reverte ao conhecido. Estais percebendo?

Ora, eu tenho de rejeitar os três pontos, (a), (b) e (c), a fim de descobrir. Compreendeis? Tenho de rejeitar toda a estrutura do conhecimento e crença, para achar-me no estado de "não saber". Não há então exercício do pensamento, em nenhum modo, e por conseguinte minha mente não dá valor ao

pensamento. Mas, naturalmente, o pensamento tem seu valor, em todas as outras esferas.

O conhecimento se acumulou mediante a experiência, mediante o pensamento; e o pensamento, que é ele próprio produto do conhecimento, tem importância na esfera do conhecimento. Nesta esfera, necessitais do pensamento. Mas, o conhecimento, que é o conhecido, não vos ajudará a achar o desconhecido. A mente, pois, precisa estar livre do conhecido - e esta é uma de nossas dificuldades.

Espero que tenha algum significado para vós tudo o que estivemos dizendo.[sumário]

3 - Liberdade e religião

11 de julho de 1963

PARA muita gente, a religião é provavelmente uma espécie de entretenimento. Os velhos recorrem à religião, e o mesmo fazem as pessoas algo neuróticas. Com a palavra "religião", refiro-me não só às igrejas organizadas, com toda a segurança interior que oferecem, mas também às variadas e extravagantes formas de crença, dogma, ritual a que aderem tantas pessoas. A religião, para a maioria das pessoas, não é coisa séria. Na Rússia, o governo está atualmente permitindo a religião organizada, porque, politicamente, ela não tem muita importância; não contém o germe da revolta, não é um centro revolucionário e, portanto, deixam-na existir.

E qual será a importância que tem a religião na vida de cada um de nós, aqui presentes? Por "religião" estou agora entendendo algo inteiramente diferente, algo tão importante, se não muito mais importante do que ganhar o próprio sustento. Para mim, religião é algo a que damos todo o nosso coração e mente e corpo - tudo o que temos. Não é uma espécie de passatempo, ou coisa a que recorremos quando já velhos, "com um pé na cova", porque não temos mais o que fazer; é algo que se torna "devastadoramente" importante, extremamente necessário, como verdadeiro roteiro de nosso viver, do despertar ao adormecer - para que cada pensamento, cada ato, cada movimento de nosso sentir seja observado, considerado, pesado. A religião, para mim, abarca a totalidade da vida. Não é coisa reservada aos especialistas, aos ricos ou aos pobres, à elite ou ao intelectual. E, como o pão, algo de que tendes necessidade. E não sei quantos de nós a levam tão a sério - o que não significa que se deva ser intolerante, fanático, inacessível, sectário, ou uma pessoa excepcional. A religião não exige conhecimento ou crença, porém, tão só, extraordinária inteligência e, também, o homem religioso necessita de liberdade, liberdade completa.

Embora falemos de liberdade, a maioria de nós não deseja ser livre. Não sei se já observastes este fato. No mundo moderno - em que a sociedade está altamente organizada, onde se observa progresso e mais progresso, onde a produção de utilidades se tornou tão vasta e tão fácil - o indivíduo se torna escravo

das posses, das coisas, e nelas encontra sua segurança física e emocional. Por conseguinte, não desejamos realmente ser livres. Por "liberdade" entendo "liberdade total", e não liberdade numa certa direção; e penso que devemos exigi-la, com firmeza, de nós mesmos.

Liberdade é diferente de revolta. Toda revolta é contra alguma coisa; o indivíduo se revolta contra algo e é pró algo. Revolta é reação, mas a liberdade não o é. No estado de liberdade, não estais livre de alguma coisa. Quando estais livre de alguma coisa, estais, com efeito, em revolta contra essa coisa; portanto, não sois livre. Liberdade não significa "estar livre de alguma coisa"; a mente, em si própria, é livre. Este é um sentimento extraordinário: a mente ser livre em si própria, conhecer a liberdade por amor à própria liberdade.

Ora, se o indivíduo não é livre, não vejo como possa ser criador. Não estou empregando a palavra "criador" no estreito sentido de "homem que pinta quadros, escreve poesias ou inventa máquinas". Tais indivíduos, para mim, não são criadores, absolutamente. Poderão ter momentânea inspiração; mas, criação é coisa muito diferente. Só pode haver criação quando há liberdade total. Nesse estado de liberdade, há plenitude, e, então, o escrever uma poesia, pintar um quadro, ou esculpir uma pedra, tem sentido completamente diferente. Já não é mera expressão da personalidade, nem resultado de frustração, nem busca de compradores; é coisa toda diferente. Acho que devemos reclamar nosso direito de conhecer esta liberdade, não apenas em nós mesmos, mas também no exterior; disto vou tratar por alguns instantes nesta manhã.

Em primeiro lugar, acho que devemos diferençar entre liberdade, por um lado, e revolta ou revolução, por outro lado. Revolta e revolução são, essencialmente, reação. Há a revolta da extrema-esquerda contra o capitalismo, e a revolta contra o predomínio da igreja. Há, também, revolta contra o Estado policial, contra o poder da tirania organizada - mas, hoje em dia tal revolta não compensa, pois, muito calmamente, "eles" vos liquidam, se desembaraçam de vós.

A liberdade, para mim, é coisa inteiramente diferente. Liberdade não é reação, porém, antes, o estado mental que se torna existente quando compreendemos a reação. Reação é "resposta a desafio", é prazer, cólera, medo, dor psicológica; e, na compreensão dessa tão complexa estrutura de reação, encontraremos a liberdade. Vereis, então, que liberdade não é estar livre da cólera, da autoridade, etc. Ela é um estado per se, que devemos experimentar por causa dele próprio e não por estarmos contra alguma coisa.

Em geral, estamos interessados em nossa própria segurança. Precisamos de companhia e esperamos achar a felicidade numa dada relação; queremos ser famosos, criar, expressar-nos, expandir-nos, realizar-nos; queremos poder, posição, prestígio. Em grau maior ou menor, é isso, com efeito, o que interessa à maioria de nós; e liberdade, Deus, verdade, amor, se tornam algo que se procurará depois. Assim, como disse, nossa religião é uma coisa superficial, uma espécie de entretenimento sem muita importância em nossa vida. Satisfazemo-nos com trivialidades e, por esta razão, não há o alertamento, o percebimento necessário para se compreender esse complexo processo que se chama viver. Nossa existência é luta constante, esforço vão, interminável - com que fim? Ela é uma gaiola em que estamos aprisionados, gaiola que construímos com as nossas reações, nossos temores, desesperos, ansiedades. Todo o nosso pensar é uma reação; deveis lembrar-vos de que examinamos esta questão, há dias, quando foi feita a pergunta: "Qual a verdadeira função do pensamento?" Examinamo-la, muito atentamente, e descobrimos que todo o nosso pensar é reação, "resposta" da memória. Toda a estrutura

de nossa consciência, de nosso pensamento, é o resíduo, ò reservatório de nossas reações. O pensamento, evidentemente, nunca poderá produzir liberdade, porquanto a liberdade não resulta de reação. Liberdade não é rejeição das coisas que nos causam dor e, tampouco, afastamento das coisas que nos dão prazer e das quais nos tornamos escravos.

Por favor, como disse outro dia, não aceiteis nada do que está dizendo este orador. Olhai-o, sem aceitá-lo, nem rejeitá-lo, mas procurando perceber o fato, individualmente, pela observação de vós mesmo.

A consciência constitui toda a esfera de nosso pensamento, todo o campo da idéia e da ideação. O pensamento organizado se torna a idéia, da qual resulta a ação; e a consciência se constitui de muitas camadas de pensamento, ocultas e patentes, conscientes e inconscientes. E' a esfera do conhecido, da tradição, da memória do que foi. E' o que temos aprendido, o passado em relação ao presente. O passado transmitido através de séculos, o passado da raça, da nação, da comunidade, da família; os símbolos, as palavras, as experiências, o choque dos desejos contraditórios; as inumeráveis lutas, prazeres e dores; as coisas que aprendemos de nossos antepassados e as modernas tecnologias que se lhes acrescentaram - tudo isso constitui a consciência, é o campo do pensamento, o campo do conhecido, e nós vivemos na superfície desse campo. Somos exercitados desde a infância para adquirir conhecimentos, competir; aprendemos uma técnica, especializamo-nos numa certa direção, a fim de termos um emprego e ganhar a vida. Nisso consiste toda a nossa educação, de modo que continuamos a viver na superfície; e, abaixo da superfície, está o passado imenso, o tempo incalculável. Tudo isso constitui o conhecido. Embora não estejamos cônscios do inconsciente, ele está, contudo, no campo do conhecido.

Tende a bondade de ir seguindo isto, observando a vós mesmos, observando vossa própria consciência. Quanto mais sensíveis, quanto mais vigilantes fordes, tanto melhor percebereis o conflito existente entre o consciente e o inconsciente. Se esse conflito exige ação e não encontrais um modo de agir, tornais-vos neuróticos ou ides acabar num hospício; e, assim sendo, tendes inúmeros psicólogos, analistas, que procuram lançar uma ponte sobre esse abismo, e resolver o conflito.

O inconsciente, embora esta palavra sugira algo oculto, de que não temos percebimento, faz também parte do conhecido; ele é o passado. Podeis desconhecer o inteiro conteúdo do inconsciente, podeis não o ter examinado, observado, mas provavelmente tendes sonhos, comunicações procedentes daquela vasta região subterrânea da mente. Ela existe, e é o .conhecido, porque é o passado. Nela nada existe de novo; e devemos compreender por nós mesmos o que se encerra neste estado que não é novo, já que "inocência" é independência do conhecido.

Este é um dos problemas mais importantes da vida moderna, porque somos educados, exercitados , condicionados para permanecer na esfera do conhecido, na qual existe ansiedade, desespero, sofrimento, confusão, aflição. Só os "inocentes" podem ser criadores, são capazes de criar algo novo, e não apenas produzir mecanicamente um quadro, um poema, ou o que quer que seja. O inconsciente faz parte do "conhecido", e a maioria de nós permanece na superfície do "conhecido", porque é o roteiro que seguimos na vida. Dirigimo-nos todos os dias ao escritório, à sua rotina, seu tédio; tememos perder nosso emprego; sujeitamo-nos às exigências, pressões, tensões da vida moderna; somos solicitados por apetites sexuais e outros mais. Tal é o nível em que vivemos. Desse nível queremos achar algo muito mais profundo, porque não estamos satisfeitos com ele, e, assim, nos voltamos para a música, a pintura,

a arte, os deuses, as inumeráveis religiões. Quando tudo isso falha, passamos a adorar o Estado, como se fosse a suprema maravilha, ou a praticar a vida de comunidade - sabeis com quantas falácias gostamos de entreter-nos, quantas novidades inventamos, inclusive foguetes para irmos à Lua. E, quando nos vemos insatisfeitos com tudo isso, voltamo-nos para dentro; ou, se somos muito intelectuais, analisamos, desmantelamos tudo, mas temos nosso Jesus, nosso Cristo particular. Tal é nossa vida.

Ora, a única liberdade verdadeira é a que consiste em estar livre do "conhecido". Acompanhai-me por um instante. E' estar livre do passado. O conhecido tem seu lugar próprio, é claro. Preciso conhecer certas coisas, para que possa "funcionar" na vida de cada dia. Se eu não soubesse onde resido, perder-me-ia. E há o saber acumulado das ciências, da medicina e de várias tecnologias, o qual se vai acrescentando constantemente. Tudo isso está contido no campo do "conhecido", e tem seu lugar próprio. Mas o "conhecido' é sempre mecânico. Toda experiência que tivestes, seja do passado remoto, seja apenas de. ontem, está no campo do "conhecido", e dai, desse fundo, reconheceis toda experiência ulterior. No campo do conhecido, há sempre apego, com os concomitantes temores e desesperos, e a mente aprisionada nesse campo, por mais extenso e amplo que seja, não é livre. Poderá escrever livros muito engenhosos, poderá saber como se vai à Lua, inventar máquinas as mais complicadas e maravilhosas - se tivestes ocasião de ver algumas dessas máquinas, sabereis que são realmente maravilhosas - mas essa mente está ainda aprisionada na esfera do conhecido.

A consciência é produto do tempo; o pensamento está alicerçado no tempo, e o que o pensamento produz está sempre na sujeição do tempo. Assim, o homem que deseja livrar-se do sofrimento, precisará livrar-se do "conhecido" - o que significa que precisará compreender toda essa estrutura da consciência. E pode-se compreendê-la por meio da análise, que é também um "processo" de-pensamento? Que significa "compreender uma coisa"? Qual o estado da mente que compreende? Estou falando sobre compreender, e não sobre aquilo que se compreende. Entendeis o que quero dizer? Estou investigando o estado da mente que diz "compreendo". A compreensão é resultado de pensamento e dedução? Examinais uma coisa crítica, razoável, sã e logicamente e dizeis depois "compreendo-a"? Ou a compreensão é coisa de todo diferente?

Outro dia, quando aquele senhor perguntou "Qual a verdadeira função do pensamento?" - deveis lembrar-vos de que falamos sobre a "resposta" da mente a "desafio". Quando a pergunta nos é familiar, a resposta é imediata. Quando um pouco mais complicada, ou obscura, a resposta leva tempo, pois nesta demora estais a pensar, a rebuscar na memória, para depois responderdes, tal como os computadores, por associação. Uma pergunta mais complicada requer intervalo maior ainda. Ora, estas três "respostas", que naquele dia chamamos (a), (b) e (c), constituem, todas, partes do "processo" do pensamento, e se acham no campo do "conhecido". Dentro desse campo, pode-se produzir, pode-se inventar, pode-se pintar quadros, fazer as coisas mais extraordinárias, até mesmo ir à Lua; nada disso, porém, é criação. Essa perene busca de grandes feitos e de expressão pessoal é de todo em todo pueril, pelo menos para mim.

Ora, estar livre de tudo isso é estar livre do "conhecido"; é o estado da mente que diz: "Não sei" - e não está procurando resposta. Essa mente se acha, toda ela, num estado, de "não-procura", de "não-expectativa"; e só nesse estado pode-se dizer "compreendo". É o único estado em que a mente é livre, e desse estado podeis olhar as coisas conhecidas - mas não vice-versa. Do conhecido não tendes possibilidade de ver o desconhecido; mas, uma vez compreendido o estado da mente que é livre, ou seja a mente que diz "não sei" e permanece "não sabendo" e é, por conseguinte, "inocente" - então, desse estado, podeis "funcionar", ser cidadão, homem casado, etc. Então, o que fazeis tem cabimento, tem

significação na vida. Mas, nós permanecemos no campo do conhecido, com todos os seus conflitos, lutas, disputas, agonias, e, desse campo, queremos encontrar o "desconhecido". Por conseguinte, não estamos verdadeiramente em busca da liberdade. O que queremos é a continuação, o prolongamento da mesma velharia: do conhecido.

Assim, a meu ver, o importante é compreendermos por nós mesmos esse estado em que a mente está livre do conhecido, porque só então ela pode descobrir, por si mesma, se há ou não uma Imensidade. O ficar meramente a funcionar no campo do conhecido - quer esse funcionamento se verifique à esquerda, à direita, ou no centro(1) - é materialismo grosseiro, ou como preferirdes chamá-lo. Aí, não há solução para nada, porque aí só há desdita, luta, competição sem fim, a busca de uma segurança nunca encontrável. E isso o que interessa à maioria dos jovens, não? Querem, em primeiro lugar, segurança para si próprios, sua família, segurança em seus empregos, e mais tarde, talvez, se lhes sobrar tempo e tiverem inclinação para isso, irão procurar outra coisa mais. Quando a crise se torna demasiado intensa, tratais de procurar uma solução feliz, conveniente, e com ela ficais satisfeito. Não me refiro, absolutamente, a esta espécie de busca. Refira me a coisa toda diferente. Refiro-me à mente que compreendeu por inteiro a função do "conhecido"; e a mente não tem possibilidade de compreender esse campo tão extremamente complexo, se não compreender a si própria, a totalidade de sua consciência.

Ora, ninguém pode compreender a si próprio mediante auto-exame, introspecção, análise. Isto é bastante claro. Não há necessidade de me estender a este respeito, há? A mente, de modo nenhum, pode compreender a si própria por meio de análise, porque, na análise, há separação entre o analista e a coisa analisada, e, por conseguinte, conflito crescente e contínuo. Toda análise, todo esforço de sondagem, indagação, pesquisa, parte do centro, já condicionado, carregado das acumulações do tempo, que é o conhecido. Por mais que tente penetrar o inconsciente, o analista faz sempre parte do "conhecido". Uma vez tenhais apreendido a verdade desta asserção, então - apesar de todos os analistas e psicólogos - vereis o total conteúdo do inconsciente e o compreendereis num relance de olhos. A compreensão só ocorre num súbito clarão, e não no decurso do tempo, pela acumulação de conhecimentos livrescos, etc. Ou vedes uma coisa imediatamente, ou absolutamente não a vedes. Os sonhos poderão dar indicações, símbolos, sugestões a respeito de algo, mas esse algo ainda é parte do "conhecido"; e a mente deve esvaziar-se, de todo, do "conhecido". Deve estar livre desse processo que chamamos "pensar".

Se estais ouvindo pela primeira vez esta asserção de que deveis ficar livres do pensamento, talvez digais: "Pobre homem, perdeu o juízo!" Mas, se escutastes realmente, não só desta vez, mas em todos os anos em que - alguns dentre vós - vindes lendo a respeito desta matéria, sabereis que o que se está dizendo é de extraordinária vitalidade, contém uma penetrante verdade. Só a mente que se "esvaziou" do conhecido, é criadora. Esse estado é ação. O que a mente cria então não interessa a si própria. Esse estado livre do conhecido, é o estado em que a mente se acha em criação. Como pode a mente que se acha em criação estar interessada em si própria? Por conseguinte, para poderdes compreender aquele estado mental, deveis conhecer a vós mesmo, observar o processo de vosso próprio pensar - observá-lo, e não alterá-lo, modificá-lo; observá-lo, simplesmente, assim como vos vedes num espelho. Quando há liberdade, pode-se então fazer uso do conhecimento, sem destruir a humanidade. Mas, quando não há liberdade e se faz uso do conhecimento, cria-se sofrimento para todos, não importa que isso aconteça na Rússia, na América, na China ou onde quer que seja. Chamo séria a mente que, cônscia do conflito do conhecido, nele (no conhecido) não se acha enredada, não está tentando modificá-lo, melhorá-lo; porque, por esse caminho, nunca terá fim o sofrimento e a aflição.

Podemos agora debater?

PERGUNTA:*Podeis dizer alguma coisa sobre o problema do inconsciente? Como podemos estar cônscios do inconsciente? Como examiná-lo, desvelá-lo, "desenrolá-lo" ?*

KRISHNAMURTI: Percebeis, todos vós, o problema? Não conheceis o inconsciente, não tendes percebimento dele, por conseguinte como podereis desvelá-lo? Como poderei - enredado que estou nas diárias atividades e rotinas da mente consciente - examinar o inconsciente?

Ora, vede o que já fizestes ao formular esta pergunta. Criastes uma contradição. Entendeis? Vou explicar o que quero dizer. Com que instrumento ireis examinar o inconsciente? O único instrumento de que dispondes é a mente consciente, a mente "de todos os dias", aquela mente ativa que vai ao escritório, que tem apetites sexuais e outros, que abriga temores; e com essa mente consciente ides examinar o inconsciente. Mas isso é impossível; e, depois de verificardes que é impossível, que acontece? Durante o chamado "sono", quando o cérebro se acha relativamente quieto, o inconsciente comunica certas coisas através de sonhos, de símbolos, e, depois, ao despertar, a mente consciente diz: "Sonhei e preciso interpretar os meus sonhos". Por se achar muito ocupada durante o dia, a mente consciente só tem possibilidade de descobrir o conteúdo do inconsciente por meio dos sonhos. Por essa razão, o analista atribui aos sonhos desmedida importância. Mas, vede só as complicações daí decorrentes! Os sonhos requerem interpretação correta, e para dar a correta interpretação, deve o analista conhecer o conjunto (background) de vossa consciência, todo ele, porque, do contrário, sua interpretação será falsa. Essa interpretação poderá ser freudiana ou junguiana(2), ou refletir as opiniões de outra autoridade qualquer, mas não será correta; e isso é o que, em geral, acontece, visto que o analista não conhece todo o vosso background (todo o conjunto de vossa consciência), nem pode conhecê-lo. E, se vós mesmo começais a analisar o inconsciente, a anotar e a interpretar cada sonho, vossa interpretação terá de ser sobremodo livre do inconsciente. Estais vendo, pois, a dificuldade. Estou examinando o problema negativamente; percebeis?

Essa coisa que chamais "o inconsciente" é desconhecida - desconhecida, no sentido de que não estais familiarizado com ela, desconheceis o seu conteúdo. Até agora não sabeis o que ê!e é. Tendes tentado compreendê-lo com uma mente que foi exercitada para acumular conhecimentos e com esses conhecimentos observar. Mas, descobristes agora que não é por essa maneira - isto é, por meio da análise - que se pode sondar o inconsciente. E, quando dizeis "A análise não é o caminho certo", que aconteceu à vossa mente? Entendeis? Não sei se isto está claro.

Quando dizeis, a respeito de alguma coisa: "Este não é o caminho certo", qual o estado de vossa mente? Ela se acha, por certo, num estado de negação. Ora, podeis permanecer nesse estado? E' só no estado de negação que tendes possibilidade de observar; assim, o importante é abeirar-nos negativamente daquilo que desconhecemos. E' assim que nascem as invenções, não? Foi assim que se criaram os grandes foguetes. Mas, é muito mais difícil nos abeirarmos negativamente de um problema psicológico, porque estamos torturados, retidos em nosso próprio desconcerto emocional, e desejamos achar uma saída disso.

Assim, para desvelarmos o inconsciente, precisamos primeiramente ver com toda a clareza, por nós

mesmos, essa verdade, que só com uma mente vazia temos possibilidade de observar uma coisa que desconhecemos. Foi-vos recomendado analisar, mas a análise não vos conduziu a parte alguma, a nada, nada; percebeis, pois, por vós mesmo, que a análise não é o verdadeiro caminho. Compreendida a futilidade da análise, não trateis imediatamente de descobrir o que é o inconsciente, porém, antes, investigai, para descobrir qual é o estado em que a mente diz: "A análise não é o verdadeiro caminho". Esse estado, por certo, é o estado de negação; nele, a mente pode observar, porque não está então traduzindo, interpretando, julgando, porém apenas observando. Isso, podeis fazer em qualquer lugar - sentado num ônibus, no escritório, quando vos fala o patrão, quando falais com vossa mulher, vossos filhos, vosso vizinho, quando ledes o jornal. Com essa mente, pode ser observada cada reação do inconsciente; e, se o fizerdes intensamente - não apenas ocasionalmente, dia sim, dia não - se vos conservardes sobremodo vivo, vereis que não mais sonhareis. Que necessidade há de sonhos simbólicos, quando a cada minuto do dia o inconsciente vos está revelando a suas reações, descerrando o seu condicionamento, suas "memórias", suas ansiedades - quando tudo está sendo revelado, ao mesmo tempo que estais observando? A mente é então semelhante a uma tela em branco, na qual o inconsciente projeta o seu retrato, de momento a momento; de modo que, quando dormis, a mente, o cérebro, repousa. E ele necessita de repouso, porque esteve afanosamente ativo durante a dia, não só exercendo sua ocupação, mas também observando. O cérebro se torna, assim, sobremodo sensível - muito mais do que por meio da análise e da introspecção. A mente, o cérebro, que, durante o sono, se acha em absoluto repouso, se renova. Tem a energia necessária para ir mais longe ainda - mas não vou tratar disso agora.

Respondemos à pergunta, não achais, senhor? O desvelar do inconsciente se verifica quando a mente se acha num estado de negação, num estado de vazio; quer dizer, quando está observando, sem interpretar.
[sumário]

PERGUNTA:*As intuições promanam do "desconhecido"?*

KRISHNAMURTI: Claro que não. Temos intuições acerca de tudo, não é verdade? Desejais realmente que eu responda a esta pergunta? Será melhor fazê-lo, pois ouço muitos de vós a dizer "sim".

Porque desejais intuições ou inspirações? Quando estais intensamente observando a vós mesmo, observando cada movimento do inconsciente, sem nenhuma escolha, desejais ser inspirado, ter intuições? Intuições a respeito de quê? Só quando estais todo envolvido em autocontradição, quando há tensão, rejeição, luta, desejais um certo alívio, uma certa esperança, uma promessa de algo diferente. Mas tudo isso é tão infantil - varrei-o para longe![sumário]

PERGUNTA:*Empregais a palavra "mente" em muitos e diferentes sentidos. Que entendeis por "mente"!*

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão "veneranda". Por certo há diferença entre mente e cérebro. Devemos examinar esta questão de maneira hesitante, "experimental".

A mente é tudo, e também nada. A mente tudo abarca, e ao mesmo tempo é vazia. Por favor, não concordeis, pois não sabeis a respeito de que estou falando. Ela não tem fronteiras e, por conseguinte,

não é escrava do tempo. A mente nenhum horizonte tem, para o qual se está dirigindo, e, por conseguinte, é completamente vazia. Mas, existe o cérebro, resultante do tempo; ele se desenvolveu da simples célula à complexa entidade que é o ser humano. O cérebro é resultado do tempo, mas a mente não o é. Promana de milhares de experiências, com suas cicatrizes, com suas "memórias", conscientes e inconscientes. O cérebro é resultado de associação, das experiências de que vos lembrais - de recentes experiências e, também, daquelas maravilhosas experiências da infância. O cérebro é o futuro, por ele próprio inventado, em sua passagem do passado, através do presente, para aquele futuro. Tudo isso são partes do cérebro. E - de tanto o torturarmos, maltratarmos, compelirmos, disciplinarmos, forçarmos, exercitarmos - o cérebro se tornou embotado, uma coisa morta, mecânica. Eis o que é o cérebro da maioria de nós - um simples mecanismo. Não é altamente sensível, penetrante, ardoroso, vivo; e, com esse cérebro mecânico, queremos compreender a mente. Toda a nossa literatura e todas as nossas falas e escritos relativos à mente, provêm das recordações do cérebro.

Assim, se examinardes vós mesmos esta questão, vereis que o que se requer é um cérebro altamente sensível e capaz de são raciocínio, um cérebro sadio e não neurótico, não baseado nas crenças e suposições dos teólogos, dos comunistas ou outros, porque essas coisas só servem para tornar o cérebro mecânico, embotado, estúpido, ainda que possa ser muito sutil. Se examinardes bem, vereis que o cérebro pode tornar-se sobremaneira ativo, em todas as suas partes. Mas só pode ser tão ativo quando não há conflito, quando nenhum problema tem, quando não se acha em desespero e não está pensando em termos de futuro, quando está livre de ansiedades e aflições. Pode então o cérebro ser muito sensível, ativo, no verdadeiro sentido da palavra; e só esse cérebro pode encontrar-se com a mente que não tem horizonte, a mente que está completamente vazia e daí, desse vazio, funciona.
[sumário]

---

(1) "Esquerda", "direita", "centro", no sentido político. N. do T.

(2) Relativo ass escolas de Sigmund Freud e Carl Jung.

4 - O mundo das palavras, dos símbolos e das idéias

14 de julho de 1963

NESTA manhã desejo falar, se possível, a respeito de algo talvez um tanto obscuro e complicado. Quase todos nós somos escravos das palavras, que se tornaram desmedidamente importantes. As palavras são necessárias como meio de comunicação, mas, para a maioria de nós, a palavra é a mente, e das palavras nos tornamos escravos. Enquanto não compreendermos esta profunda questão da "verbalização" e a importância da palavra, e enquanto formos servis às palavras, continuaremos a pensar mecanicamente, quais computadores. O computador é a palavra e o problema. Sem o problema e a

palavra, o computador não existiria, nenhum valor teria. Para a maioria dos entes humanos, também, a palavra e o problema são sobremaneira importantes. Assim sendo, cumpre examinar esta questão das palavras.

Não sei se estamos bem cônscios de quanto estamos escravizados a palavra, ao símbolo, à idéia. Nunca pomos em dúvida a importância ou o significado da palavra. Empregando o termo "palavra", tenho em mente o símbolo, o "processo de dar nome", com sua extraordinária profundeza ou superficialidade, processo mediante o qual pensamos ter compreendido todo o significado da vida. Não parecemos perceber, nenhum de nós, a extensão em que a mente, todo o processo do nosso ser, se acha na dependência da palavra, do símbolo, do nome, do termo; e quer-me parecer que, enquanto formos escravos das palavras e nesse nível permanecermos, toda a nossa atividade, física e psicológica, será necessariamente superficial.

Muito se fala e discute hoje em dia sobre "filosofia das palavras", e a construção de uma estrutura, um sistema de palavras. Penso que devemos estar bem cônscios desta questão e considerar o papel, superficial ou profundo, que ela tem em nossa vida; e devemos investigar, para descobrir se a mente pode em algum tempo libertar-se da palavra.

Ora bem; desejo examinar esta questão, porque a palavra, no meu sentir, é o passado, não é o presente ativo. Num mundo, como o atual, em que há tanta violência, tanto ódio e brutalidade, a palavra "compaixão" é quase sem significação. Todos estamos bem cônscios do que se está passando no mundo: rivalidades, ambições e frustrações, enorme brutalidade, ódio e violência resultantes do choque dos partidos políticos - a direita contra a esquerda, a esquerda contra a direita. Certas palavras são "torcidas" conforme as conveniências e perderam de todo o seu verdadeiro significado. Há violência em todos nós, consciente ou inconscientemente. Existe agressividade, o desejo de ser ou "vir a ser" algo, o impulso para nos "expressarmos" custe o que custar, para nos preenchermos sexualmente, nas relações sociais, no escrever, no pintar. Tudo isso são formas de violência.

Não sei em que profundidade cada um de nós está cônscio de tudo isso, sem necessidade de demonstração. Há crueldade em espantosa escala, num mundo em que pequeno grupo de pessoas assume o controle absoluto de milhões de seres, dirigindo-lhes tiranicamente a vida, como acontece no Oriente e na Rússia. E não sei, tampouco, em que profundidade estamos cônscios de nossa própria crueldade, nossas próprias e agressivas ambições, nosso impulso para preenchermos a todo custo, de modo que uma palavra como "compaixão" pouco nos significa.

Se não ocorrer, como já disse, uma completa mudança, uma total mutação da consciência individual, qualquer sociedade alicerçada em impulsos aquisitivos e agressivos está fadada a tornar-se mais e mais cruel, mais e mais tirânica, mais e mais adepta dos valores materiais - significando isso que a mente se irá escravizando cada vez mais a esses valores. Não sei se estais cônscios disso. Provavelmente, a maioria de vós ledes diariamente os jornais e, infelizmente, as pessoas se habituam com isso - a ler relatos de crueldades, assassínios, brutalidades. De tanto se lerem tais coisas, todos os dias, embota-se-nos a mente e, por conseguinte, com elas nos acostumamos. Nessas condições, desejo examinar ou apreciar nesta manhã a questão de como romper as camadas desse feio e estúpido condicionamento ambiente, que tornou a mente escrava das palavras, e também escrava da estrutura social em que vivemos.

Como tenho tentado explicar, acho que a crise surgida no mundo não é econômica, nem social, porém uma crise na mente, na consciência; e não pode haver solução para esta crise, a menos que se verifique-mutação profunda, fundamental, em cada um de nós. Mas tal mutação só se tornará possível, se compreendermos o inteiro processo da "verbalização", ou seja a estrutura psicológica da palavra. Por favor, não façais pouco caso disso, dizendo: "Só isso?". Esta não é uma questão de que possamos desembaraçar-nos tão facilmente, porque a palavra, o símbolo, a idéia tem extraordinário domínio sobre a mente. Estamos falando sobre a necessidade de produzir uma mutação na mente, e para tal requer-se a cessação da palavra. Ao ouvirdes pela primeira vez uma asserção desta natureza, desconhecereis talvez o seu significado, e direis: "Que disparate!". Mas eu não vejo como a mente possa ser totalmente livre, enquanto não tivermos compreendido a influência da palavra - e isso significa que temos de compreender todo o processo de nosso pensar, visto que todo ele está baseado na palavra.

Notai, por favor, que isto não é uma palestra intelectual. Tenho horror à mente intelectual, urdidora de palavras sem muita significação. Sujeitastes-vos a muitos incômodos para virdes aqui, e seria bastante lamentável se não levásseis verdadeiramente a sério o que estamos dizendo. Por certo, devemos considerar este problema da palavra com toda a determinação e profundeza.

Ora, se removemos a palavra, que resta? A palavra representa o passado, não? As inumeráveis imagens, as camadas de experiência, estão todas baseadas na palavra, na idéia, na memória. Da memória provém o pensamento, e ao pensamento atribuímos importância desmedida; mas eu contesto decididamente esta importância. O pensamento não pode, em circunstância nenhuma, cultivar a compaixão. Não estou empregando a palavra "compaixão" para designar o oposto, a antítese do ódio ou da violência. Mas, se cada um de nós não tiver um profundo sentimento de compaixão, tornar-nos-emos cada vez mais brutais e desumanos, uns para com os outros. Teremos mentes mecânicas, semelhantes a computadores, exercitadas ùnicamente para executar certas funções; continuaremos a buscar a segurança física e psicológica, e perderemos a extraordinária profundeza e beleza, o significado integral da vida.

Falando de compaixão, não me refiro a uma coisa adquirível. Compaixão não é a palavra - mera coisa do passado - porém algo que está no presente ativo; ela é o verbo, e não a palavra, o nome, ou substantivo. Há diferença entre o verbo e a palavra. O verbo é do presente ativo, enquanto a palavra é sempre do passado e, por conseguinte, estática. Podeis dar vitalidade ou movimento ao nome, à palavra, mas isso não é o mesmo que o verbo, sempre ativamente presente. Não estou, absolutamente, empregando o termo "presente" no sentido "existencialista".

Em geral, vivemos num ambiente de agressão, violência, brutalidade e, como os que nos rodeiam, somos impelidos pela ambição, pelo impulso a preencher-nos. Qualquer talento que tenhamos - qualquer insignificante capacidade para pintar quadros, escrever poesias, etc. - exige "expressão", e desta fazemos uma coisa de enorme importância, por meio da qual esperamos conquistar glória ou renome. Em graus diferentes, tal é a vida de todos nós, com todas as suas satisfações, frustrações e desesperos.

Ora, a mutação deve verificar-se na própria semente do pensamento, e não nas expressões exteriores dessa semente; e isso só acontecerá se compreendermos o inteiro processo do pensamento - que é a palavra, a idéia. Tomai, por exemplo, uma palavra: "Deus". A palavra "Deus" não é Deus; e só alcançaremos essa imensidade, essa coisa imensurável, qualquer que ela seja, quando já não existir a palavra, o símbolo, quando já não houver crença nem idéia - quando houver completa independência da

segurança.

Referimo-nos, pois, a uma mutação que se deve operar na própria mente, na própria semente do pensamento. Como vimos há dias ao examinarmos esta questão, 'o que chamamos pensamento é reação, é a "resposta" da memória, a "resposta" de nosso fundo, de nosso condicionamento religioso e social; ele (o pensamento) reflete a influência de nosso ambiente, etc. etc. Enquanto não se extinguir aquela semente, não haverá mutação e, por conseguinte, não haverá compaixão. Compaixão não é sentimentalidade, não é aquela "mole" comiseração(1) ou "empatia"(2) que conhecemos. A compaixão não é cultivável pelo pensamento, pela disciplina, pelo controle, pela repressão, e tampouco pelo sermos amáveis, cortezes, gentis, etc. A compaixão só começa a existir quando o pensamento deixou, radicalmente, de existir. Se estais ouvindo esta asserção pela primeira vez, ela poderá não ter significação para vós. Direis: "Como terminar o pensamento?", ou "Que acontecerá à mente que for incapaz de pensar?" Fareis inúmeras perguntas. Mas, já nos estendemos sobre este assunto, já o examinamos suficientemente, embora, talvez, sem entrarmos em minúcias.

O que desejo examinar nesta manhã é a questão relativa à observação do "ego", do "eu". Mas, primeiramente, precisamos compreender o que significa "observar", para em seguida examinarmos o que significa esta palavra - "eu". Considerai a palavra "observação". Que significa ela? Em regra, observamos coisas mortas, coisas passadas, coisas acabadas. Nunca observamos uma coisa viva, em movimento, ativa.

Por favor, enquanto falo, enquanto explico, não vos deixeis enredar na explicação, na palavra, porém observai a vós mesmo; notai como vós vedes, como vós observais. O que agora vai ser considerado é muito importante, e será muito difícil compreendê-lo, se se não compreender primeiramente a beleza da observação.

Em geral, observamos com o "senso" de concentração, isto é, de destacar a coisa observada da contextura da qual faz parte. Há (para nós) "observador" e "coisa observada", e, por conseguinte, surge o conflito entre o observador e a coisa observada - a luta para eliminá-la ou modificá-la; ou, ainda, a pessoa se identifica com aquilo que foi observado, o que inevitavelmente acarretará outros problemas. Tal observação é meramente um processo de análise, a respeito do qual já falamos. É isso o que na generalidade fazemos - analisamos aquilo que observamos. Eu desejo saber, desejo compreender essa entidade extremamente complexa, essa consciência que sou eu próprio, e digo: "Observarei a mim mesmo". E, fazendo-o, fico "olhando" um único pensamento, separadamente do processo total do pensamento. Isso é como observar aquele rio recolhendo numa taça um pouco d'água, e olhá-la separadamente do movimento pleno, do fragor e da força da própria corrente. Para observarmos a corrente, devemos prestar atenção a cada onda que se forma, por mais Insignificante que seja, prestar atenção à curva que descreve essa onda antes de quebrar-se na margem do rio; temos de mover-nos juntamente com aquelas águas extraordinariamente rápidas. Na observação, não há tempo para interpretarmos, não há tempo para dizermos que isto é correto e aquilo errado, que isto é belo, e aquilo feio, que isto deve ser e aquilo não deve ser. Não há censor; quando se observa uma coisa que se move, uma coisa tão vital como aquele rio, não pode de modo nenhum haver um censor, um juiz. Só há censor, juiz, quando separamos uma pequena porção da água do rio, para a olharmos.

Assim, por favor, compreendei bem claramente que, no momento em que separamos uma coisa da contextura de que faz parte, a fim de observá-la, damos nascimento ao censor e, por conseguinte,

apresenta-se o conflito, a palavra, todo o processo de verbalização", com seu preenchimento e a agonia da frustração. Vós vos separais da coisa que estais observando e, depois, dizeis: "Estive observando a mim mesmo e vi que sou isto, que sou aquilo e aquilo outro, mas não tenho possibilidade de ir mais longe." É óbvio que não, porquanto se trata das observações de um observador exterior, que se separou da corrente, do movimento, da celeridade do pensamento. Se isto não está claro, examiná-lo-emos no fim desta palestra.

Observar a si mesmo, sem conflito, é como seguir a corrente, antecipando-se às cataratas, antecipando-se aos movimentos de cada onda, por mais insignificante, vendo cada seixo que faz a onda quebrar-se. Isto não é teoria. Estou apreciando a questão "cientificamente", objetivamente; não me estou fazendo sentimental, nem formulando idéias ou hipóteses; estou sendo realista. Quando tiverdes apreendido realmente o profundo significado da observação, descobrireis que o próprio processo de observar, de ver, é o fim do conflito, porque se eliminou a separação entre o observador e a coisa observada; apagou-se completamente esta divisão e, por conseguinte, não estais observando o pensamento como entidade separada. Vós sois esse pensamento, e não um pensador que observa o pensamento. Quando estais verdadeiramente seguindo algo que é muito vivo, muito rápido, algo que está em espantoso movimento, não tendes tempo para julgar, para avaliar, para condenar, ou para vos identificardes com essa coisa. Ela é tão dinamicamente vital, que não tendes tempo - e isto é importante - não tendes tempo para verbalizá-la, dar-lhe nome, aplicar-lhe um termo - tudo isso funções separativas.

Assim, se está compreendido isto, examinemos essa coisa complexa chamada "ego" - que é o "eu", o campo da consciência. Estamos tratando de descobrir se é exato - e não apenas uma idéia minha ou vossa - que, para se promover uma completa mutação, uma revolução total na consciência, o pensamento nenhuma interferência pode ter nisso.

O pensamento não é compaixão; seria totalmente absurdo pensar tal coisa. Não se pode cultivar a compaixão, tampouco o amor. Não importa o que façais, não podeis "produzir" amor com a mente, não podeis "fabricá-lo" com o pensamento. Ora, pode-se observar os movimentos tanto conscientes como inconscientes dessa entidade total chamada "ego", tendo-se sempre em mente que o tempo não existe? Tempo é a palavra. No momento em que dizeis: "Isto é cólera", "Isto é ciúme", "Isto é mau" - já separastes a coisa de vós mesmo e estais olhando para uma coisa morta; por conseguinte, não estais observando a vós mesmo. E, se não conhecerdes a vós mesmo, tudo o que vos diz respeito, vosso pensamento não tem raison d'être, razão de ser; em todo movimento de pensamento, em toda ação, estais meramente funcionando às cegas, qual uma máquina. A maioria de nós não pensa de maneira completa, porém fragmentariamente; o que num nível pensamos, é contrariado noutro nível por nosso pensamento. Sentimos uma coisa num dado nível, e a negamos noutro nível, de modo que nossa ação diária é também contraditória, fragmentária, e essa ação gera conflito, aflição, confusão.

Notai, por favor, que tudo isso são evidentes fatos psicológicos e que para os compreenderdes não necessitais de ler um único livro de psicologia ou de filosofia, porque tendes o livro dentro em vós, o livro composto pelo homem através dos séculos.

Estamos, pois, não apenas tratando da ação, mas também da compaixão; porque a ação encerra a compaixão. A compaixão não é uma certa coisa separada da ação, não é uma idéia à qual se ajusta a ação. Tende a bondade de olhar isso, de considerá-lo atentamente, porque, para a maioria de nós, a

idéia é importante, e dela nasce a ação. Mas a idéia separada da ação gera conflito. A ação inclui a compaixão; não está apenas no nível tecnológico, ou no nível das relações entre marido e mulher ou entre o indivíduo e a comunidade, porém é um movimento total de nosso ser inteiro. Refiro-me à ação total, e não à ação fragmentada. Quando houver observação, e, por conseguinte, não houver observador - sendo "observador" a idéia, a palavra - e começardes a compreender toda essa complexidade chamada "ego", "eu", conhecereis então essa ação total, e não a ação separativa, fragmentária, em que há conflito.

Não sei se estais compreendendo.

Qual o significado do meu falar? Vós estais ai sentados, e eu falando. Qual o significado disso? Eu não estou falando para me preencher. Não é meu métier, meu ganha-pão. Porque, então, estou falando? Porque estais escutando, e o que é que estais escutando? Vós e eu estamos fazendo juntos uma viagem, para descobrirmos o que é o fato, o que é a Verdade - não uma idéia abstrata da Verdade, uma palavra separada do fato, porém o fato real. Vê-se o estado catastrófico em que se acha o mundo, e sente-se a necessidade de uma tremenda revolução, de completa mutação da mente, de modo que o ente humano seja um verdadeiro ente humano - um ente livre de problemas, livre do sofrimento, ente que viva uma existência plena, rica, completa, e não seja a criatura torturada, coagida, condicionada, que ora é. Eis porque falo, e espero que pela mesma razão me estejais escutando.

Agora, que significa observar, digamos, o movimento da ambição? Estou tomando para exemplo a ambição, como uma das coisas feias de nossa vida - ainda que alguns dentre vós a possam achar bela. Que significa observar a estrutura, a anatomia da ambição (não a palavra, porque a palavra não é a coisa)? A palavra "árvore" não é a árvore. Podeis dizer "Sim, com efeito"; mas, psicologicamente, quando observamos em nós mesmos a ambição, imediatamente nos identificamos com esse estado, com essa palavra, e nela ficamos enredados. É fácil perceber que a palavra "árvore" não é a árvore; mas é outra questão muito diferente observardes em vós mesmos, sem a palavra, esse estado extraordinário chamado "ambição". Esse estado é formado em vós, em vosso pensamento, em vosso próprio ser, pela sociedade, pelo ambiente em que viveis, por vossa educação, pela Igreja, pelo agressivo esforço humano, através de séculos incontáveis, para realizar, avançar, matar, etc. E o importante é observar em vós mesmos esse estado, não só agora em que dele estamos falando, mas também observe-lo quando a caminho do escritório, quando ledes no jornal o elogio de um certo herói ou homem bem sucedido. Se o observardes (esse estado) sem lhe dardes nome, vereis que não é uma coisa estática, porém um movimento não identificado com a palavra e, por conseguinte, não identificado com o nome, com vossa pessoa; e se o observardes com intensidade, com certa celeridade, transcendereis a ambição. Ela terá perdido sua importância - e, todavia, podereis estar totalmente em ação. Mas, é dificílimo observarmos esse estado em nós mesmos, olharmos o pensamento sem o "observador", sem o "pensador" que o observa.

A observação não exige nenhuma acumulação de conhecimento, ainda que o conhecimento seja obviamente necessário, num certo nível: o conhecimento do médico, o conhecimento do cientista, o conhecimento da História, de todos os fatos passados. Afinal de contas, isto é conhecimento: estar informado sobre os acontecimentos passados. Não há conhecimento do amanhã; só podeis conjeturar a respeito do que poderá acontecer amanhã, baseado em vosso conhecimento do passado. A mente que observa com o conhecimento é incapaz de acompanhar com rapidez a corrente do pensamento. Só pelo observar sem o crivo do conhecimento, começareis a ver a estrutura total de vosso próprio pensar. E, nesse observar - que não significa condenar ou aceitar, porém simplesmente observar - vereis que o

pensamento terminará. A casual observação de um pensamento não conduz a parte alguma. Mas, se observardes o processo do pensar, sem vos tornardes um observador separado da coisa observada; se perceberdes o inteiro movimento do pensamento, sem aceitá-lo nem condená-lo - então, essa própria observação dará fim imediato ao pensamento - e a mente, por conseguinte, se tornará compassiva, se achará num estado de constante mutação. Podemos agora discutir sobre o que acabo de dizer?

PERGUNTA:*Como podemos ficar livres da influência, de modo que possamos ver um fato como um fato?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, precisamos estar bem cônscios de toda esta questão da influência, não achais? Estamos cercados de influências por todos os lados, e estamos sendo influenciados. Quando abris um jornal, ledes um livro, escutais o rádio ou olhais a televisão, consciente ou inconscientemente estais sendo influenciado. Vossa educação é toda ela uma série de influências e diretrizes; e, com esse condicionamento, como podeis ver um fato como fato? Naturalmente, não podeis. Assim, deveis começar por compreender a influência.

Ora, é possível ficar-se livre de influência? Só podeis fazer esta pergunta, quando percebeis que estais sendo influenciado, e não antes disso. Provavelmente estais sendo influenciado por este orador. Se estais, neste caso não estais olhando o fato. Se, porque o orador tem uma certa reputação, aceitais o que ele diz, estais òbviamente sendo influenciado. Esta é a natureza da propaganda - mas aqui não estamos fazendo propaganda. Ou vedes por vós mesmo o que é verdadeiro, ou não o vedes. Depende de vós. Não é minha intenção influenciar-vos; mas tudo na vida constitui influência. Vossa mulher e vossos filhos vos influenciam, assim como vós os influenciais. A influência pode ser consciente ou inconsciente. Se consciente, tendes alguma possibilidade de vos livrardes dela; isso é relativamente fácil. Se vossa mulher vos importuna, podeis conformar-vos com isso, ou fazer alguma coisa - sair para a rua, por exemplo. Mas, se estais sendo influenciado inconscientemente, se a influência é profunda e não tendes conhecimento dela, é muito mais difícil vos libertardes - e nosso problema é este. A influência assume mil formas. Há a influência da tradição, a influência de palavras, como "comunista", "católico", "protestante", a influência do partido a que pertenceis, etc. etc.

Ora, é possível estarmos cônscios da torrente de influências que sobre nós se despeja continuamente? Tende a bondade, não digais imediatamente "sim" ou "não", porque não sabeis. É possível isso? Por certo, para estardes livre de influências, deveis possuir um corpo altamente sensível, e também uma mente, um cérebro não embotado pela tradição, pela sociedade, pela Igreja, com suas crenças e dogmas. Todas estas influências, e muitas outras mais, estão embotando o cérebro. Para nos tornarmos cônscios dessas inúmeras influências, e compreendê-las, temos de libertar-nos do embotamento, da letargia que se apoderou da mente - e a maioria de nós não deseja tal coisa. Muitos de nós estamos confortavelmente instalados na vida. Somos católicos, protestantes, comunistas - oh! sabeis a quantas coisas estamos apegados: nossas nacionalidades, nossas divisões de classes, etc. etc. Instalamo-nos com agrado e conforto numa mente em estagnação. Só sabemos dizer "sim"; tudo aceitamos e nunca contestamos nada.

Assim, precisamos estar cônscios das numerosas influências, cônscios, simplesmente, nunca dizendo: "Sou a favor disto e contra aquilo". Para estarmos cônscios, temos de observar. Uma pessoa pode tornar-se cônscia das influências que lhe são "despejadas" no inconsciente - completamente cônscia delas. Como outro dia verificamos, só quando o cérebro está quieto (não resistindo, não embotado,

porém altamente sensível, muito alertado e vigilante) pode perceber todas as influências inconscientes e, assim, livrar-se delas. Pode-se então ver cada fato como fato - e isso não é muito difícil. Isto é, o indivíduo pode tornar-se cônscio de si próprio, com todas as tortuosidades da ambição. Qualquer pessoa pode observar em si mesma tudo isso, e observar todas as influências inconscientes. Vê-se, então, o fato como fato, a verdade no falso, e a verdade como verdade. Não há divisão, é um processo total.[sumário]

PERGUNTA:*O cérebro é coisa morta; e como pode tornar-se vivo?*

KRISHNAMURTI: O cérebro é coisa morta? Ora, ele só está morto quando paralisado, quando os nervos já nenhuma sensibilidade têm. Mas, com a maioria de nós acontece que o cérebro se torna embotado, por efeito do conflito, da dor, do sofrimento, das inúmeras defesas e sanções de que vivemos cercados. Ele se torna embotado por causa do medo, dos preceitos e tabus da sociedade. Se vos especializastes numa única direção, como médico, cientista, engenheiro, o que quer que seja, uma parte de vosso cérebro pode ser muito brilhante, mas o resto, òbviamente, se embota. Sabendo tudo isso, observando tudo isso, e sondando o processo total do pensar, vereis que o cérebro não é inerte; portanto, temos de quebrar-lhe a inércia, e não, simplesmente, aceitá-la.[sumário]

INTERROGANTE:*Formulei mal a pergunta. O que eu queria perguntar era isto: Como pode uma coisa mecânica como o cérebro se tornar parte dessa totalidade chamada "a mente"?*

KRISHNAMURTI: Senhor, quando dizemos que o cérebro é mecânico, dizemo-lo a sério? Penso que não. Se um homem perde o emprego, ou se sua mulher se passa para outro homem, ele não diz "meu cérebro é mecânico". Torna-se presa da ansiedade, do ciúme. Estais vendo, pois, como são equívocas as palavras? Dizeis que o cérebro é mecânico, e não pensais mais nisso. Não investigais, para ver se ele é realmente mecânico. Se o cérebro fosse coisa mecânica, como um computador, não teria problemas. Uma máquina não tem problemas; mas o homem que maneja a máquina tem problemas. Estais vendo quanto é fácil cairmos na armadilha de uma palavra e nela ficarmos aprisionados?

Como vimos há dias, biológica e psicologicamente, o cérebro é um instrumento que se pode tornar altamente penetrante, extremamente sensível. Mas a sociedade - e com esta palavra me refiro às nossas relações no emprego, na família, à total estrutura psicológica da sociedade - não irá torná-lo sensível. Pelo contrário, só quando, pela observação e a compreensão do processo do pensamento, se compreende por inteiro essa estrutura psicológica da sociedade, de que fazemos parte - é só então que o cérebro se torna penetrante, vivo, ágil, alertado.[sumário]

---

(1) No original: sympathy - commiseration, condolence, pity etc. (Die. Webster "Collegiate").

(2) empathy - imaginative projetion of one's own consciousness into another being. (projeção, pela imaginação, da própria consciência em outro ser). (Do grego: en - em, pathos - sofrimento) (Webster). N. do T.

5 - O medo e o amor

16 de julho de 1963

NESTA manhã desejo falar sobre vários assuntos; mas, antes disso, importa compreender como se deve escutar. Com freqüência, tenho falado sobre o escutar, e aqueles de vós que o estais ouvindo pela décima vez pensarão que estou a repetir-me. Mas, para mim, não há repetição nessas coisas. Se eu me achasse repetindo, isso me seria terrivelmente entediante. Para mim, o que se está dizendo nunca é uma repetição. É algo que de novo se descobre de cada vez. É como a Primavera. Temos visto muitas e muitas primaveras, mas cada primavera é diferente. Cada vez a folha nova tem como que uma cor diversa, uma delicadeza, um diferente movimento. Assim também, quando falo sobre estas coisas, isso de modo nenhum é repetição. De cada vez se descobre algo original, totalmente novo.

Pretendo, pois, falar sobre o escutar; porque, parece-me, no escutar nenhum esforço existe. Só há esforço, quando não se compreende bem a língua que se está falando, as palavras empregadas. Quando tentais escutar, seguir o que está dizendo o orador, quando tentais concentrar-vos nisso, aplicar-lhe toda a vossa mente - esse esforço vos impede de escutar. O escutar supõe completa ausência de contradição interior; nada se tenta fazer, nenhum esforço se faz para apreender ou compreender algo; está-se, simplesmente, escutando - com facilidade, com uma atenção que não requer concentração. E o que vou dizer precisa ser escutado muito profundamente - escutado, não meramente com os ouvidos, porém numa extraordinária profundidade. Se souberdes escutar assim, vereis que, por vós mesmos, tereis compreendido um grande número de coisas; e, no próprio ato de escutar, transforma-se a natureza da ação. Porque o escutar é ação. Não é coisa separada da cotidiana atividade. Significa escutar vossa esposa ou marido, vossos filhos, vosso vizinho, escutar os ruídos e todas as coisas feias que se passam na vida, todas as brutalidades, as palavras cruéis, as palavras de prazer e de dor. E vereis que nesse ato de escutar se verifica uma mutação na natureza mesmo da própria ação.

Esta manhã desejo falar a respeito do medo e do amor, e sobre se é possível ficar-se totalmente livre do medo. Se, nas profundezas do inconsciente, nas próprias raízes da consciência, existe algum elemento ou sombra de medo, todo o nosso pensar, toda a nossa atividade se torna pervertida e conduzirá a várias formas de autocontradição, a um estado mental neurótico.

Ora, a maioria de nós anda em busca do preenchimento na família, ou nas relações, ou em alguma espécie de atividade ou de expressão pessoal. O preencher-nos em alguma coisa se nos tornou sumamente importante. Se nenhum medo existisse, não haveria exigência de preenchimento. E nossa constante atividade egocêntrica que nos separa e faz nascer c medo, a ansiedade, uma imensa solidão, um sentimento de isolamento, e, por conseguinte, temos necessidade de preenchimento, de alguma forma de expressão pessoal. A mente que não tem medo, de qualquer espécie que seja, nenhuma necessidade tem de preencher-se. Se se compreende esse fato, basicamente, então, não somente não existirá necessidade de preenchimento, mas também não existirá frustração. Porém, à maioria de nós a vida só oferece frustração, e, para se compreender por inteiro esse "processo" de frustração, é necessário, não só estarmos bem cônscios de cada atividade, de cada pensamento, cada sentimento com que estamos

buscando preenchimento, mas também "rebentá-los" - rebentá-los, não no sentido de reação, porém de abri-los, descerrá-los completamente, para os compreendermos.

Notai que "conhecer" é diferente de "Conhecimento". O conhecimento vem do passado, é coisa armazenada: conhecimento científico, conhecimento da arte de ler e escrever, o conhecimento de que se necessita para montar um rádio, etc. Esse conhecimento vai-se acrescentando de continuo, por meio da experiência, e é muito diferente do "conhecer". Acho que não estou sutilizando, e considero muito importante compreender isto. O conhecer não implica acumulação. Está-se atento a todas as horas, aprendendo de tudo quanto se está passando, a cujo respeito não há conhecimento prévio. Acho necessário compreender a diferença entre essas duas coisas. Estar cônscio da atividade egocêntrica da mente significa, apenas, vê-Ia, olhá-la; mas, costumamos olhá-la com conhecimentos prévios, isto é, conferindo-a com o que anteriormente aprendemos, e esse conhecimento interpreta aquilo que estamos olhando ou escutando.

Tende a bondade de acompanhar-me, observando a vós mesmos. Observai cada movimento de vosso próprio pensamento, observai-o, apenas, e descobrireis como o estais observando: se o estais observando com tudo aquilo que anteriormente aprendestes a seu respeito, ou observando num estado de descobrimento. Descobrir é olhar para uma coisa de maneira nova, como se fosse pela primeira vez, e isso não se pode fazer quando reconhecemos aquilo que estamos vendo. Espero me esteja fazendo claro. No momento em que, no processo de observar ou de conhecer a si próprio, há reconhecimento, isso significa que se trouxe para a observação o cabedal de conhecimentos - quer dizer, o que se está vendo já foi interpretado, traduzido, condenado ou justificado; por conseguinte, a pessoa não está observando, não está examinando, não está escutando todo o processo respectivo. Aquilo que estais observando - ou seja o pensamento e todo o fundo respectivo - não é uma coisa estática, porém movediça, viva; e se a observais com conhecimentos prévios, apenas a estais interpretando, não a estais descobrindo como coisa nova. Por conseguinte, não achais nada de novo, nela, e pensais que não há mais nada para aprender. Dizeis: "Sei que sou ciumento", ou "Sei que tenho medo". Isso significa que destes á emoção um nome, a reconhecestes, tornando-a, assim, uma parte do que já conheceis. Mas, olhá-la, como se estivesse sendo vista pela primeira vez - olhá-la com uma mente que não interpreta, que não traduz, que não deseja modificar o que vê - isso é achar-se num estado de descobrimento.

Estou-vos comunicando o que desejo dizer?

Só há mutação, quando a mente, o cérebro, já não está em busca de experiência; e, sempre que uma pessoa começa a traduzir tudo o que vê em termos do que já conhece, está apenas dando continuidade ao ciclo da experiência.

Vejo que vos estou causando uma certa perplexidade.

Existe essa entidade complexa chamada "Ego"(1), com todas as suas agonias, seu sofrer, suas ânsias, seu desejo de preenchimento, de "vir a ser", de domínio, de posição, de segurança, seu desejo de ser alguém, de "expressar-se" de diferentes maneiras. Esse "ego" se formou através de séculos, por meio da estrutura psicológica da sociedade; ele é produto de pressões, influências, propaganda, tradição. Com esse "Ego" vou olhando as coisas e, de acordo com ele, traduzindo-as; conseqüentemente, é muito natural pensar-se que nada existe de novo, uma vez que tudo está sendo contaminado pelo passado.

Ora, a inocência é algo não-contaminado, algo totalmente novo, fresco; é um "estado de descobrimento", no qual a mente é sempre jovem. Para averiguardes isso, por vós mesmo, não podeis continuar a transportar essa carga do passado. O passado, de um modo ou de outro, tem de findar, para que a mente possa descobrir aquela "coisa nova"; e ele deve chegar a seu fim, sem que seja necessário esforço, disciplina, controle ou repressão. O "velho" não pode achar "o novo", porque tudo o que o "velho" experimenta é.uma continuação do "que é velho". Pode o "velho" passar por variadas modificações, mas tais mudanças constituem uma "continuidade modificada" da mesma coisa.

Compreendeis o problema? Essa entidade, o ego, é produto do tempo, produto de um milhar de experiências, um milhar de contradições, batalhas, ansiedades, produto da "culpa" (sentimento de culpa), do sofrimento, da aflição, do prazer. É o resíduo do passado, com todos os seus temores e, por conseguinte, nenhuma possibilidade tem de descobrir o novo. O novo não pode ser posto em palavras; é algo imensurável, energia sem causa, sem fim, sem começo; e para que a mente possa encontrar-se nesse estado de criação, o velho, o ego, deve findar. Mas, como fazê-lo findar?

As religiões organizadas ensinam que deveis controlar-vos, disciplinar-vos, exercitar-vos, e aguardar a Graça de Deus. Na índia, na Ásia, na Europa, isso se expressa de diferentes maneiras, que afinal redundam todas na mesma coisa: que deveis exercitar-vos, controlar-vos, ser bom - conheceis bem as práticas morais que nos ensinam, e as respectivas sanções. Ensinam-nos a esperar, aguardar, contemplar, rezar, etc.

Ora, tudo isso é para mim totalmente ilógico, irracional, sem significação; porque, em primeiro lugar, a mente que se disciplina se está ajustando a um padrão, está imitando, restringindo sua própria atividade, para ser ou "vir a ser" algo; qual o soldado submetido a instrução, ela obedece implicitamente, imediatamente, e, por conseguinte, não há liberdade. A disciplina, também, implica medo. Se tiverdes a bondade de observar com toda a atenção, observar realmente o que vos estou mostrando, vereis que, quando se está livre do medo, esta liberdade traz sua disciplina própria, que não é mero ajustamento e que nenhuma relação tem com a disciplina da compulsão, da aquiescência, da imitação. E quando falamos de "esperar que venha a nós a graça de Deus", isso implica uma profunda expectativa, significa que o cérebro já se acha enredado em certa crença, numa certa esperança. Assim, todo esse disciplinar e rezar, essa expectativa de algo que deverá suceder, proveniente de fora da própria atividade mental - tudo isso me parece ilógico, irracional, sem significação; por conseguinte, ponho-o de lado. Crer em Deus, em algo de superior, significa que o indivíduo não se tornou sua própria luz; e a mente que vive sem conflito, sem ansiedade, sem agitação, é a luz de si própria. Por conseguinte, essa mente já não busca.

O problema, por conseguinte, é este: Existe. esse ego, resultado do tempo, resultado da experiência, do conhecimento. Esse ego pertence ao passado - o passado, que está sempre em movimento através do presente e moldando o futuro, sendo isso o tempo psicológico. Com essa entidade sujeita ao tempo, procuro descobrir aquilo que não se acha na esfera do tempo e não pode ser compreendido em termos do passado. Ora, isso é possível? Compreendeis esta pergunta?

Por favor, não espereis resposta de mim - vós e eu estamos trabalhando juntos. Não estais meramente escutando uma porção de palavras que estou dizendo, a fim de tentardes, depois, pôr em prática o que

tiverdes compreendido dessas palavras. Nós estamos viajando juntos.

Primeiro, eu digo que toda forma de esforço para captar o novo, ou para alterar o que foi, só pode dar mais vitalidade ao velho e produzir contradição. Isso é bastante óbvio, pois não? Irei prosseguindo, e se não compreenderdes, podereis depois fazer-me perguntas. Coma já tive ensejo de assinalar, não há necessidade de nenhum esforço ou análise para a compreensão, porquanto não há separação entre o observador e a coisa observada. Não há nenhum esforço para reprimir ou modificar a coisa observada. Vós sois essa coisa. Entendeis?

Agora, um momento! Está-se ouvindo um zumbido aqui neste pavilhão. Aquele ventilador elétrico está funcionando e fazendo barulho. De que maneira escutais isso? Se esse barulho vos está irritando, se é algo distinto de vós, então, consciente ou inconscientemente lhe estais resistindo, porque quereis escutar. Mas, se aquele barulho, o zumbido do ventilador elétrico, faz parte de vossa atenção, não há então resistência. Vós sois aquele barulho. Com idêntico estado mental, podeis olhar todo o processo de vossa consciência, com suas contradições, desejos, ambições, impulsos, compulsões, preenchimentos. Vós sois tudo isso. Não sois um observador que está olhando algo separado de si próprio; por conseguinte, não há resistência, não há conflito entre vós e essa coisa.

Não sei se estais percebendo bem o que estou dizendo.

Considere-se, por exemplo, o medo. O medo sois vós,que o estais observando; por conseguinte, não há questão de como ficar livre do medo. Quando uma pessoa deseja livrar-se do medo, trata de desenvolver a coragem, isto é, uma certa resistência a que chama "coragem"; faz um esforço para ser ou "vir a ser" alguma coisa e, por conseguinte, se vê de novo nas redes do medo.

Assim, a consciência, que compreende tanto o consciente como o inconsciente, é qual um vórtice que estais a observar, mas não como coisa separada de vós. Vós sois esse vórtice. Sois o pensador e o pensamento, o observador e a coisa observada; não há dois estados diferentes. Por conseguinte, todo esforço, toda análise cessou; toda a luta para vos melhorardes, para mudardes, chegou a seu fim. Compreendeis o que sucedeu? Estais observando a vós mesmo, e não simplesmente me escutando. Vossa mente, vosso cérebro, que foi educado para condenar, justificar, resistir, esforçar-se para produzir uma mutação, desenvolver a coragem, etc.; vosso cérebro, que foi condicionado para pensar em si mesmo como observador separado da coisa observada, já não está fazendo esforço algum para ser ou fazer alguma coisa. Vosso pensamento não está tentando dominar ou transformar a si próprio noutra coisa. Assim, eliminastes toda a resistência; por conseguinte, já não há desejo de preenchimento e, por, tanto já não há medo. Refiro-me ao medo psicológico, e não ao medo orgânico. As duas coisas diferem, pois não? Se não presto atenção, serei atropelado por um carro, cairei num precipício, etc. Por essa razão, preciso estar sempre vigilante, sumamente atento: é necessário um certo "senso" de autoproteção orgânica. Mas, eu me refiro ao medo psicológico - aos numerosos temores psicológicos que desenvolvemos. Enquanto existir essa coisa chamada ego - com todas as suas futilidades, aspirações, "intuições", todos os seus impulsos e compulsões, e seu desejo de preenchimento - haverá inevitavelmente medo; e em tal estado é bem óbvio que não pode haver amor. Para a maioria de nós, o amor é um estado atormentado. Vemo-nos atenazados pelo ciúme, a inveja, o apego, a aflição. Temos medo de ficar sós, de perder alguém, de não sermos amados - sabeis por quantas coisas passamos. Isso é o que chamamos amor - mas faz parte do medo.

Quando observais, não em termos de tempo, essa consciência integral; quando o pensamento já não é escravo do tempo, já não é uma reação, e se acha em completa quietude, então, por estar o cérebro totalmente quieto, não mais "experimentando", será possível penetrar até às raízes da consciência total. Só então se verificará a verdadeira mutação, a verdadeira transformação. Toda atividade é então completamente isenta de medo, e, por conseguinte, não há nenhuma exigência de "expressão" pessoal ou de preenchimento.

Podemos debater sobre o que estive dizendo?

PERGUNTA:*Como ocorre a separação entre o pensamento e o pensador?*

KRISHNAMURTI: Sabeis que há esta separação, não sabeis? Estais cônscio dela? E como se verifica? Aceitamos como normal e inevitável essa divisão; aceitamo-la tão naturalmente, como "aceitamos" o sol e as nuvens, mas nunca perguntamos a nós mesmos como surge ela. Há os que dizem que primeiro vem o pensador, que cria então o pensamento - resultando, daí, a divisão entre os dois. Sobre esta base está edificada toda uma filosofia. Mas, como nem vós nem eu lemos todos os livros filosóficos sobre esta matéria, bem podemos tentar descobrir, por nós mesmos, a verdade respectiva. Como surge esta divisão? Por favor, raciocinemos juntos. De que maneira ela surge?[sumário]

PERGUNTA:*Não é a consciência do tempo que cria a separação?*

KRISHNAMURTI: Que se entende por "consciência do tempo"? A memória de ontem, o conhecimento, as experiências acumuladas, as coisas conhecidas; e aquele cavalheiro alvitra que é a consciência do tempo que cria a divisão entre o pensador e ,o pensamento.

Ora, porque estamos contestando esta separação? Porque, enquanto houver separação entre pensador e pensamento, haverá necessariamente conflito. Vede, por favor, que aí é que está a raiz dessa separação. Compreendeis? Enquanto houver separação entre o observador e a coisa observada, entre o experimentador e a coisa experimentada, haverá necessariamente conflito. E toda forma de conflito embota a mente, gasta o cérebro; paralisa e insensibiliza o cérebro. Assim, para se produzir o estado livre de conflito, é necessário compreender essa divisão.

Como surge tal divisão? Há divisão, se não há nenhum pensamento? Não pensar nada, absolutamente, é sobremodo difícil; portanto, não digais: "Isso é fácil: é só ficar com a mente 'em branco' ". Não é a este estado idiota que me refiro, e tampouco à insensibilização do cérebro por meio de drogas. Mas, obviamente, se não existe pensamento, não há divisão. Se ficásseis tão completamente insensibilizado, paralisado, que fosse impossível pensar, não haveria então nenhuma autocontradição. Por conseguinte, é o pensamento que produz a separação entre pensamento e pensador. E como a produz? O pensar é um processo transitório, não? Está continuamente a mudar, a mover-se, nunca é o mesmo que antes era; acha-se num estado de constante fluidez; e, justamente esse "processo de pensar" deseja estabilidade, segurança, sentir-se bem abrigado. O pensar é doloroso, criador de numerosos problemas, e porque o pensar não pode resolver os problemas por ele próprio criados, esperamos que Deus, ou alguma coisa, nos dê de alguma maneira a segurança, a paz que desejamos.

Se me estais seguindo, podeis ver claramente, por vós mesmos, que não estou expondo nenhuma teoria. Os pensamentos e desejos contraditórios geram conflito, dor, sofrimento; e, assim, a mente diz: "Deve haver algo seguro, algo permanente - Deus, uma idéia, ou uma parte divina de mim próprio, não atingida pelo conflito". Para o hinduísta, isso é o Atman, o Supremo; para o cristão é outra coisa, e para o comunista outra coisa mais. O pensamento, pois, exige segurança, e foi por esta razão que edificamos uma sociedade que, psicologicamente, busca a segurança a todas as horas. O pensamento cria a divisão porque exige segurança, permanência; e, depois de criar a divisão, diz o pensamento: "Como irei alcançar aquela permanência?" Daí procedem todos o: diferentes sistemas para se alcançar aquele extraordinário estado de permanência em que o cérebro nunca se veja perturbado.

Por outras palavras, o pensamento projeta de si próprio aquilo a que chama "o permanente" - céu, nirvana, Deus paz, o estado perfeito. E depois, uma vez estabelecido o alvo o ideal, o pensamento se esforça por ajustar-se a ele. E isso o que estais fazendo. Desejais a paz perfeita, um estado ideal de relação com vós mesmo, com vosso marido ou mulher com a sociedade, etc. etc. Tendes uma idéia, á qual vos estai: ajustando. Há, assim, o "vós", e a coisa de vós separada.

Ora, existe alguma coisa permanente? Não apenas verbalmente, porém realmente, em vossas profundezas, existi alguma coisa permanente - permanente, no sentido de "fixo"i Há alguma coisa permanente entre vós e vossa mulher oi. marido, entre vós e vossos filhos? Há permanência em algum idéia? Mas vós desejais permanência e, por conseguinte, quando se põe em dúvida a existência da permanência, vos senti! agitados ou irritados.

Assim, observando e compreendendo em sua totalidade esse processo, a mente não vive em busca da permanência no nome, nas atividades, nem nas relações. E isso, decerto é amor, não? Se exigis permanência em vossa relação com vós mesmo, com vosso amigo, com vossa mulher e filhos vede só o que acontece - quantas torturas, ciúme, aflição confusão, sofrimento! Entretanto, é isso o que chamamos "amor".

Começamos, pois, a perceber que o pensamento - que é reação da memória, resultado do tempo, resultado de muito: milhares de dias passados - está constantemente procurando estabelecer para si próprio um estado de certeza. Mas a mente que está certa nunca será livre - tampouco a mente que está incerta.[sumário]

PERGUNTA:*Conscientemente, estamos em harmonia, perfeitamente de acordo com o que estais dizendo; nas inconscientemente, quando partimos daqui e nos vemos de novo engolfados em nossas atividades diárias, atuamos de maneira completamente contrária ao que temos escutado e compreendido. Porque acontece isso?*

KRISHNAMURTI: Por uma razão bastante simples, não? De que maneira escutais? Escutais apenas as palavras? O que escutais é apenas uma asserção com a qual concordais ou de que discordais, intelectualmente? Ou escutais com todo o vosso ser, não apenas conscientemente, mas também inconscientemente? Quando assim escutais, não há concordar nem discordar. Vedes o fato em si, e não conforme apresentado por outra pessoa. Também, não podeis estar em harmonia com o fato.

Entendeis? Se procurais harmonizar-vos com um fato, inevitavelmente sois levado ao conflito. Mas, se vós sois o fato, não há conflito; por conseguinte, não há, depois de sairdes daqui, contradição entre o que ouvistes e o que fazeis. Vós ouvis e fazeis - é um processo completo, unitário. Por isso é tão importante escutardes - escutardes com todo o vosso ser, e não apenas intelectual ou verbalmente, só com o pensamento consciente. Alguma vez já escutastes com todo o vosso ser? Duvido.[sumário]

PERGUNTA:*Ainda que escutemos com todo o nosso ser, eu gostaria de saber se isso, por si só, bastaria para influir no inconsciente.*

KRISHNAMURTI: Senhor, quando dispensais toda a vossa atenção ao que se está dizendo, não estais apenas escutando palavras e os respectivos significados, mas também, além das palavras, o seu significado essencial; e o próprio ato de dispensardes vossa atenção total é um ato em que se transforma a natureza de vossa ação. Por conseguinte, depois de sairdes daqui, haverá uma ação total e não mera ação intelectual em contradição com vosso inconsciente.

Direis, agora: "Como irei escutar com atenção total? Não sei escutar dessa maneira e, em verdade, não escuto realmente coisa alguma; assim sendo, peço-vos um método, uma maneira, um sistema que me ajude a pensar com todo o meu ser". Ora, que aconteceria, se eu vos desse um tal sistema? Vosso esforço para escutar criaria uma contradição com o vosso hábito de não escutar, e, por conseguinte, de novo estaríeis na mesma situação de antes.

Senhor, quando tendes subitamente um grande pesar, que fazeis? Nesse momento, vos achais num estado de choque total, não é verdade? A crise vos forçou ao silêncio; vede-vos, realmente, desafiado por algo que não compreendeis, e momentaneamente ficais paralisado, emudecido. Nesse estado de choque - se não tentais encontrar uma saída dele, ou afastá-lo com explicações - estais olhando, observando, escutando com atenção total. Ora, podeis escutar de igual maneira a vós mesmo? Todo o vosso ser se encontra num estado de constante fluidez, está sempre ativo, e jamais quieto: desejando isto, não desejando aquilo, contradizendo-se, preenchendo-se, em incessante agitação. E podeis escutar essa agitação sem vos tornardes neurótico? É muito fácil um indivíduo tornar-se neurótico, ligeiramente desequilibrado. É o que acontece com a maioria das pessoas. Mas, se fordes capaz de escutar a vós mesmo, sem fugir, nem procurar modificar o que escutais - escutar simplesmente o "silencioso barulho" existente dentro em vós - esse ato de escutar produz uma transformação vital na própria natureza da ação, e não há, então, na ação, nenhuma contradição.[sumário]

---

(1) No original: me (correspondente a moi, em francês).

6 - A compreensão do sofrimento

18 de julho de 1963

NESTA manhã, desejo falar a respeito do sofrimento. Sendo um problema muito complexo, não é possível entrar em suas minúcias e, assim, considerarei apenas, se me permitis, seus pontos essenciais.

Se não há compreensão do sofrimento, não há sabedoria; o fim do sofrimento é o começo da sabedoria. Para se compreender o sofrimento e dele se ficar livre completamente, requer-se compreensão, não só do sofrimento individual, particular, mas também do imenso sofrer humano. Para mim, se não estamos totalmente livres do sofrimento, não pode haver sabedoria e tampouco terá a mente possibilidade de investigar deveras essa imensidade que se pode chamar Deus, ou outro nome qualquer.

A maioria de nós está sujeita ao sofrimento em diferentes formas: nas relações, quando ocorre a morte de alguém, quando não podemos preencher-nos e decaímos até nos reduzirmos a nada, ou quando tentamos realizar algo, tornar-nos importantes e tudo redunda em completo malogro. E temos também o "processo" do sofrimento no plano físico: doença, cegueira, invalidez, paralisia, etc. Por toda a parte se encontra essa coisa extraordinária chamada "sofrimento" - com a morte à espreita em cada volta do caminho. E não sabemos enfrentar o sofrimento e, assim, ou o divinizamos ou o racionalizamos, ou, ainda, tratamos de evitá-lo. Ide a qualquer igreja cristã e vereis que lá se diviniza o sofrimento, tornam-no algo de grandioso, de sagrado, e diz-se que só pelo sofrimento, só pela mão de Cristo, o Crucificado, se pode encontrar Deus. No Oriente, há métodos próprios de fuga, outras maneiras de evitar o sofrimento; e é, para mim, um fato singular serem tão raros - tanto no Oriente como no Ocidente - os que estão verdadeiramente livres do sofrimento.

Seria maravilhoso se, no processo de nosso escutar - sem emocionalismo nem sentimentalismo - o que nesta manhã se está dizendo, pudéssemos, antes de sairmos daqui, compreender realmente o sofrimento e dele ficar completamente livres; porque, então, já não havei ia automistificação, nem ilusões, nem ansiedades, nem medo, e o cérebro poderia funcionar clara, penetrante, logicamente. E, então, talvez chegássemos a conhecer o amor.

Ora, para se compreender o sofrimento é necessário investigar todo o "processo" do tempo. Tempo é sofrimento, não só sofrimento do passado, mas também sofrimento que inclui o futuro - a idéia de chegar, a esperança de algum dia nos tornarmos algo, com sua inevitável sombra de frustração. Para mim, essa idéia de consecução, de "vir a ser" algo no futuro (e isso é tempo psicológico) representa o sofrer máximo - e não o fato de perder um filho, de ser abandonado pela mulher ou marido, ou de se não alcançar êxito na vida. Tudo isso me parece bastante trivial, se se me permite empregar esta palavra, que espero não seja mal compreendida. Há um sofrimento muito mais profundo, que é o tempo psicológico: o pensar que mudarei em anos futuros; que, se se me dá tempo, me transformarei, quebrarei as cadeias do hábito, alcançarei a liberdade, a sabedoria, Deus. Tudo isso exige tempo - e este, para mim, é o sofrimento máximo. Mas, para podermos profundar o problema, temos de descobrir porque há sofrimento dentro em nós - essa onda de sofrimento que nos envolve e aprisiona. Compreendendo, primeiramente, o sofrimento existente em nós, talvez possamos também compreender o sofrimento humano coletivo, o desespero da humanidade.

Porque sofremos? E tem fim o sofrimento? Há tantas maneiras de sofrermos! A doença é uma forma de

sofrimento - a incapacidade de pensar, por debilidade do cérebro, e tantas outras variedades da dor física. Temos, depois, todo o campo do sofrimento psicológico - o sentimento de frustração, por não se poder realizar nada, ou a falta de capacidade, de compreensão, de inteligência, e também esta constante batalha dos desejos antagônicos, da autocontradição, com suas ânsias e desesperos. E há, ainda, a idéia de nos transformarmos através do tempo, de nos tornarmos melhores, mais nobres, mais sábios - idéia que também encerra infinito sofrimento. E, por último, o sofrimento ocasionado pela morte, o sofrimento da separação, do isolamento, o sofrimento de nos vermos completamente sós, isolados e sem relação com coisa alguma.

Todos conhecemos essas variadas formas de sofrimento. Os eruditos, os intelectuais, os virtuosos, os religiosos de todo o mundo, vêem-se tão torturados como nós pelo sofrimento, e se dele existe alguma saída, ainda não a encontraram. Investigar bem profundamente em nós mesmos é saber que esta é a primeira coisa que desejamos: pôr fim ao sofrimento; mas não sabemos de que maneira começar. Estamos muito bem familiarizados com o sofrimento, vemo-lo em outros e em nós mesmos, e ele se acha no próprio ar que respiramos. Ide a qualquer parte, recolhei-vos a um mosteiro, caminhai pelas ruas apinhadas - o sofrimento está sempre presente, declarado ou oculto, expectante, vigilante.

Ora, de que maneira enfrentamos o sofrimento? Que fazemos em relação a ele? E como teremos possibilidade de nos libertarmos dele, não apenas superficialmente, porém totalmente, de modo que se torne completamente inexistente? Estar completamente livre de sofrimento não significa ausência de sentimento, de amor, de compaixão, falta de bondade, de compreensão de outrem. Pelo contrário, na completa liberdade, nesse estado livre de sofrimento, não há indiferença. E uma liberdade que traz grande sensibilidade, receptividade; e, como se alcança essa liberdade? Todos conheceis o sofrimento, não lhe sois estranhos. Ele está sempre presente. E como o enfrentais? Apenas superficialmente, verbalmente?

Tende a bondade de seguir isto. Passo a passo, caminhemos juntos, até o fim. Tentai, nesta manhã, escutar com atenção completa, estar bem cônscios de vossas reações e penetrar profundamente, junto comigo, este problema do sofrimento. Mas, isto não significa seguir-me - coisa extremamente absurda. Mas se, juntos, pudermos compreender esta coisa, investigá-la ampla e profundamente, então, talvez, ao sairdes daqui, possais olhar para o céu c nunca mais serdes atingidos pelo sofrimento. Então, não mais haverá medo; e, uma vez livres de todo temor, aquela Imensidade poderá tornar-se vossa companheira.

Assim, como enfrentais o sofrimento? Parece-me que, em geral, o enfrentamos muito superficialmente. Nossa educação, nossa instrução, nosso conhecimento, as influências sociológicas a que estamos expostos - tudo isso nos torna muito superficiais. A mente superficial é aquela que se refugia na igreja, em alguma conclusão, conceito, crença ou idéia. Tudo isso são refúgios para a mente em sofrimento. E, quando nenhum refúgio encontrais, construís em torno de vós uma muralha e vos tornais acrimoniosos, duros, indiferentes, ou buscais a fuga em alguma reação neurótica, fácil. Todas essas fugas ao sofrimento impedem a investigação mais aprofundada. Espero me estejais acompanhando, porque é justamente isto o que faz a maioria de nós.

Pois bem; observai um cérebro superficial - ou mente; notai, por favor que, quando digo "mente" ou "cérebro", refiro-me à mesma coisa. Outro dia estivemos considerando a distinção entre "mente" e "cérebro", mas tal distinção é só verbal, sem importância. Empregarei e palavra "mente" e espero que sigais e compreendais o que se irá dizer.

A mente superficial não pode resolver este problema do sofrimento, porque sempre procura evitar o sofrimento. Foge ao fato - o sofrimento - por meio de uma reação fácil e imediata. Se tendes uma forte dor de dentes, naturalmente logo tratais de procurar o dentista, porque desejais livrar-vos dessa dor física; e isso é uma reação normal e correta. Mas, a dor psicológica é muito mais profunda e sutil, e não há médico, não há psicólogo, não há nada que vos possa extingui-la. No entanto, vossa reação instintiva é fugir dela. Tratais de ligar o rádio, de ver televisão, de ir ao cinema - sabeis quantas distrações a civilização moderna inventou. Qualquer espécie de entretenimento, seja uma cerimônia religiosa, seja uma partida de futebol, é essencialmente a mesma coisa. E mera fuga à vossa aflição, ao vosso vazio interior; e é isto o que estamos fazendo em toda a parte: buscando em diferentes formas de entretenimento o auto-esquecimento.

E, também, é a mente superficial que procura explicações. Diz: "Desejo saber porque sofro. Porque devo eu sofrer, e vós não?" Está cônscia de não ter praticado, na vida, nenhuma iniqüidade e, assim, aceita a teoria -de vidas passadas e a idéia disso que na índia se chama karma - causa e efeito. Diz ela: "Pratiquei antes alguma ação injusta, e agora estou pagando por ela"; ou "Estou agora fazendo algo de bom, e colherei no futuro os correspondentes benefícios". E assim que a mente superficial se deixa enredar nas explicações.

Observai, por favor, vossa própria mente, observai como vos livrais de vossos sofrimentos com explicações, como vos absorveis no trabalho, em idéias, ou vos apegais à crença em Deus ou numa vida futura. E, se nenhuma explicação ou crença tiver sido satisfatória, recorreis à bebida, ao sexo, ou vos tornais mordaz, duro, acrimonioso, melindroso. Consciente- ou inconscientemente, é isso o que de fato ocorre com cada um de nós. Mas, a ferida do sofrimento é muito profunda. Ela vem sendo transmitida de geração em geração, de pais a filhos, e a mente superficial nunca retira a atadura que cobre essa ferida: ela não sabe, em verdade, o que é o sofrimento, não o conhece intimamente. Tem apenas uma idéia a seu respeito. Tem uma imagem, um símbolo do sofrimento, mas nunca se encontra com ele próprio; só se encontra com a palavra "sofrimento". Compreendeis? Ela conhece a palavra "sofrimento", mas não estou certo se conhece o sofrimento.

Conhecer a palavra "fome" e sentir realmente fome, são duas coisas muito diferentes, não? Quando sentis fome, não vos satisfazeis com a palavra "comida". Quereis comida - o fato. Ora, quase todos nos satisfazemos com palavras, símbolos, idéias, e com as nossas reações a essas palavras, de modo que nunca estamos em intimidade com o fato. Quando subitamente nos vemos frente-a-frente com o fato do sofrimento, isso nos causa um choque, e nossa reação é a fuga a esse fato. Não sei se já notastes isso em vós mesmo. Tende a bondade de observar o estado de vossa própria mente, e não fiqueis meramente escutando as palavras que estão sendo proferidas. Nunca nos encontramos com o fato, nunca "vivemos com ele". Vivemos com uma imagem, com a memória do que foi, e não com o fato. Vivemos com uma reação.

Ora, se ao enfrentar o sofrimento a mente tem um motivo, isto é, se deseja fazer algo a respeito do sofrimento, não é possível compreendê-lo, assim como também não é possível haver amor, se há motivo para amar. Entendeis? Em geral, temos um motivo quando encaramos o sofrimento: desejamos fazer alguma coisa em relação a ele. Isto é, suponhamos que eu tenha perdido alguém, por morte; profundamente, psicologicamente, já não posso obter o que dessa pessoa desejava, e vejo-me a sofrer. Se nenhum motivo tenho, ao olhar o sofrimento, ele é ainda sofrimento, ou coisa totalmente diferente?

Estais seguindo?

Digamos que meu filho morre, e eu estou a sofrer porque me vejo só. Nele eu depositara todas as minhas esperanças e, agora, todo o meu mundo desabou. Desejara estabelecer para mim próprio uma certa espécie de imortalidade, uma continuidade, através de meu filho; ele deveria herdar meu nome, meus haveres, continuar com o meu negócio, e o acabar de tudo isso causou-me um choque. Ora, posso compreender o sofrimento em que me acho, se algum motivo existe, que me impele a olhá-lo? E, se existe, atrás do amor, algum motivo, isso é amor? Por favor, não concordeis comigo: observai-vos, apenas. Por certo, não deve haver motivo algum, se desejo compreender o sofrimento, se desejo descobrir a profundeza plena e a significação do sofrimento - ou do amor, pois os dois andam sempre juntos. A morte, o amor e o sofrimento são inseparáveis, estão sempre juntos, e também os acompanha a criação; mas, esta é outra questão, que examinaremos noutra oportunidade. Se desejo compreender profundamente, completamente, o fato do sofrimento, não posso ter um motivo a ditar minha reação ao fato. Só posso viver com o fato e compreendê-lo, quando nenhum motivo tenho. Entendeis? Se não, podeis fazer-me perguntas, depois, a respeito deste ponto.

Se vos "amo" porque podeis dar-me alguma coisa - vosso corpo, vosso dinheiro, vossa lisonja, vossa companhia, o que quer que seja - isso, por certo, não é amor, é? E' claro que também vós obtendes algo de mim, e essa permuta, para a maioria de nós, se chama "amor". Sei que encobrimos isso com palavras bonitas, mas, atrás dessa fachada, está a ânsia de ter, possuir, ser dono.

Agora, sofrimento não é autocompaixão? De certa maneira, fostes despojado de alguma coisa, vossas relações com outro redundaram em fracasso, não vos preenchestes no sentido de serdes reconhecido como pessoa importante, em atividades de reforma social, em atividades artísticas e tantas outras coisas mais - e todas as correspondentes frivolidades; assim, há sofrimento. Compreender o sofrimento é viver com ele, olhá-lo, conhecê-lo como realmente é; mas não tendes possibilidade de conhecê-lo quando o olhais com um motivo - que supõe o tempo. A mente superficial, incessantemente ocupada em melhorar-se, em lastimar-se, em torturar-se numa dada relação; desejosa de libertar-se do sofrimento sem enfrentar o fato - essa mente prosseguirá sofrendo indefinidamente. O fato é que estais sòzinho. Em virtude de vossa educação, de vossas atividades, pensamentos e sentimentos, vos isolastes profundamente em vosso interior e não sois capaz de viver com esse extraordinário sentimento de solidão, não sabeis o que ele significa, porque dele sempre vos abeirais com uma palavra que desperta o medo.

Estais vendo, pois, a dificuldade - as maneiras sutis com que a mente preparou suas vias de fuga, tornando-se incapaz de viver com essa coisa extraordinária que chamamos "sofrimento". Para se ser livre do sofrimento, é necessário compreender, consciente e inconscientemente, todo o seu "processo", e isso só é possível vivendo-se com o fato, olhando-o sem motivo. Deveis perceber as manhas de vossa mente, suas fugas, as coisas aprazíveis a que estais apegado e as coisas desagradáveis de que desejais livrar-vos com rapidez. Cumpre observar o vazio, o embotamento e a estupidez da mente que só trata de fugir. E pouca diferença faz, se se foge para Deus, para o sexo, ou para a bebida, porquanto todas as fugas são essencialmente a mesma coisa. Compreendeis?

Que sucede quando perdeis alguém, arrebatado pela morte? A reação imediata é uma sensação de paralisia, e ao sairdes desse estado vos encontrais com o sofrimento. Ora, que significa esta palavra - "sofrimento"? - A camaradagem, os colóquios ditosos, os passeios e tantas outras coisas agradáveis que

fizestes e planejáveis fazer em companhia um do outro - tudo isso vos foi arrebatado num segundo, e ficastes vazio, desamparado, sòzinho. E contra isso que estais protestando, é contra isto que vossa mente se revolta: ter ficado subitamente a sós consigo, isolada, vazia, sem amparo. Ora, o que verdadeiramente importa é viver com esse vazio, com ele viver sem reação alguma, sem racionalizá-lo, sem dele fugir com recorrer a médiuns espiritistas, é doutrina da reencarnação, e outras futilidades que tais; viver com ele, com todo o vosso ser. E se, passo a passo, examinardes bem o fato, vereis que há um findar do sofrimento - um findar real, e não simplesmente verbal, não o findar superficial, resultante de fuga, de identificação com um conceito ou devotamento a uma idéia. Vereis que nada há para proteger, porquanto a mente está toda vazia e já não reage no sentido de preencher o seu vazio; e quando assim o sofrimento termina completamente, tereis encetado uma outra jornada - jornada sem fim e sem começo. Existe uma imensidade que ultrapassa todas as medidas, mas nesse mundo não ingressareis sem a prévia e total extinção do sofrimento.

PERGUNTA:*O bom humor é uma fuga ao sofrimento?*

KRISHNAMURTI: Antes de fazerdes uma pergunta, deveis guardar silêncio por alguns instantes, refletindo, penetrando melhor o que se acabou de dizer. Se desengatilhais imediatamente uma pergunta, isso significa que nenhuma atenção destes ao assunto tratado. O que juntos estivemos considerando é de suma importância. Não é uma coisa barata, que se pode comprar para pôr fim ao sofrimento e depois dizer: "Muito bem, acabei com o sofrimento". Isso seria pueril em extremo. Quando temos descortinado todo o campo da experiência humana, enriquecida por séculos de sofrimento, não podemos varrê-la com uma simples palavra, com um símbolo, ou por meio de fuga. Para obterdes a resposta correta, deveis fazer a pergunta correta; e só podereis fazê-la quando estiverdes verdadeiramente entranhado do problema, quando vos tiverdes aberto a ele.[sumário]

INTERROGANTE:*E se sofremos, não por nós mesmos, mas por outro?*

KRISHNAMURTI: Antes de examinar esta pergunta, consideremos a anterior: "O bom-humor é uma fuga ao sofrimento?". Se podeis rir-vos de vosso sofrimento, isso é fuga? Há essa coisa terrível que chamamos "sofrimento"; e percebeis a que a reduzistes com vossa pergunta? Quando em sofrimento, talvez possais rir-vos disso, mas o sofrimento continua existente. Vê-se sofrimento, tortura, por todo o mundo: o tormento de não ter o que comer, de temer a morte, de ver e invejar o rico que passa em seu luxuoso carro, a brutalidade, a tirania existente no Oriente, etc. etc. Podeis rir-vos disso? Quer-me parecer que não estais verdadeiramente cônscio de vosso próprio sofrimento.

A segunda pergunta é: Que dizer do pesar que sentimos pelo sofrimento de outrem? Quando vedes alguém a sofrer, não sofreis também? Quando vedes um cego, um homem que não tem o que comer ou não tem quem o ame, todo envolvido em agonia, luta, confusão, não sofreis com ele? Sei que é coisa sancionada, tradicional, respeitável, o dizer: "Eu sofro juntamente convosco". Mas, porque deveis sofrer? Se tendes pouco, dais desse pouco. Dais vossa compaixão, vossa afeição, vosso amor. Mas, porque sofrer? Se meu filho contrai poliomielite e está à morte, porque devo sofrer? Sei que isso vos parecerá terrivelmente cruel. Se fiz todo o possível por alguém, se lhe dei meu amor, minha compaixão, trouxe-lhe o médico, forneci-lhe os remédios, se fiz sacrifícios (trata-se realmente de "sacrifício"? É esta a palavra justa?), se fiz tudo o que pude, porque devo sofrer? Quando sofro por alguém, isso é sofrimento? Refleti nisto, profundamente; não aceiteis simplesmente o que estou dizendo. Quem vai à Índia e a outros lugares do Oriente, vê imensa pobreza - pobreza de que não se faz a mais ligeira idéia no Ocidente.

Quando anda pelas ruas, roça com pessoas cobertas de lepra ou portadoras de outras doenças. Pode uma pessoa fazer tudo o que estiver a seu alcance, mas que necessidade tem de sofrer? O amor sofre? Oh! deveis considerar bem tudo isso. O amor, decerto, nunca sofre![sumário]

PERGUNTA:*Pode o sofrimento profundo transformar-se em profunda alegria?*

KRISHNAMURTI: Podeis fazer uma tal pergunta, quando estais sofrendo? Dizei-me, por favor, de que estais falando?[sumário]

INTERROGANTE:*Falo de o sofrimento transformar-se, por si mesmo, em alegria.*

KRISHNAMURTI: Se o sofrimento se transforma em alegria, em que ficais, no final de tudo? Senhor, certas pessoas - feliz ou infelizmente - me vêm ouvindo há quarenta anos, o conheço bem tais pessoas. Temo-nos encontrado aqui e ali, através dos anos. Eu sofro porque elas não têm compreensão? Continuam a fazer perguntas relativas à autoridade, à expressão pessoal, a respeito de Deus - sabeis quantas puerilidades se perguntam. E eu sofro por isso? Sofreria, se dessas pessoas esperasse alguma coisa; ver-me-ia desapontado se me tivesse colocado na situação de assim me sentir, isto é, de considerar-me um homem que está dando algo a outro homem. Espero estejais compreendendo c que quero dizer. Notai, por favor, que o importante não é transformar sofrimento em alegria, ou se o sofrimento pode transformar-se em alegria, ou se devemos sofrer quando vemos outros sofrendo - todas estas questões nenhuma importância têm. O importante é compreenderdes vós mesmo o sofrimento, extinguindo-o assim. Só então, descobrireis o que existe além do sofrimento. De outro modo, ficareis como quem está deste lado da montanha a especular sobre o que existirá do outro lado. Estais apenas a falar, adivinhar. Não atacais o problema, não o enfrentais, não penetrais fundo em vós mesmo, para observar, investigar, compreender; e não o fazeis porque isso, em verdade, significaria que teríeis de abandonar muitas coisas - vossas idéias favoritas, vossas tradicionais, respeitáveis reações.[sumário]

INTERROGANTE:*A gente sofre com a impossibilidade de socorrer a outrem.*

KRISHNAMURTI: Se podeis socorrer alguém, material ou economicamente, fazei-lo, e está acabado. Mas, porque sofreis, se não podeis fazê-lo? Se vós mesmo não resolvestes o problema básico, quem sois vós para "socorrer" a outrem? Os sacerdotes, em todo o mundo, estão "socorrendo" os outros - e isso significa o quê? Que estão ajudando a condicionar outros em conformidade com suas próprias crenças e dogmas. Dar de comer, desinteressadamente, aos que têm fome, criar uma comunidade melhor, um mundo melhor - isto é ajuda. Mas dizer-se a outro: "Eu te ajudarei psicologicamente" - que presunção! Quem sois, psicologicamente, para socorrer a outro? Deixai isso aos comunistas, que pensam ser a Providência e ter o poder de ditar a milhões de indivíduos o que devem fazer. Mas, porque deveis sofrer, se não podeis socorrer a outrem? Fazeis tudo o que podeis, que pode não ser muito, para ajudar ou socorrer; mas, porque passar pela tortura do sofrimento? Oh! não estais percebendo, não aprofundastes deveras o problema real![sumário]

PERGUNTA:*Percebo que, para libertar-se completamente do sofrimento, a pessoa tem de estar totalmente vigilante, plenamente atenta, a todas as horas. Tenho raros momentos de lucidez total, mas no tempo restante vejo-me aprisionado num estado de desatenção: É este meu destino para o*

resto da vida e, portanto, nunca terei possibilidade de libertar-me do sofrimento?

KRISHNAMURTI: Corno diz o interrogante, estar livre do sofrimento é estar totalmente atento. A atenção, em si mesma, é virtude. Mas, infelizmente, não posso estar sempre atento. Estou atento hoje, mas amanhã não estou, e torno a ficar atento depois de amanhã. Durante o período intermediária estou desatento, e ocorrem atividades de toda ordem, das quais não estou plenamente cônscio. Assim, o interrogante indaga: "Vejo-me aprisionado num estado de desatenção, e significa isso que estou condenado a nunca ficar livre do sofrimento?"

Ora, senhor, a idéia de ficar livre para sempre, supõe o tempo, não? Dizemos, "Não sou livre agora, mas, se me tornar atento, serei livre, e eu desejo que essa liberdade perdure até o fim de meus dias". Estamos, assim, interessados na continuidade da atenção. Dizemos: "De alguma maneira devo estar sempre atento, porque, do contrário, estarei sempre em sofrimento". Desejamos que esse estado de atenção prossiga, dia após dia.

Ora, que é que continua? Que é que tem continuidade? Não me respondais, por favor; escutai, apenas, por alguns minutos, e vereis algo extraordinário. Que é que tem continuidade? Por certo, é quando penso numa coisa, agradável ou dolorosa, que ela tem continuidade. Compreendeis? Quando penso num prazer ou numa dor, meu pensar a respeito disso lhe dá continuidade. Se gosto de vós, penso em vós, e meu pensar em vós dá continuidade à imagem aprazível que de vós formei; assim, pela continuidade do pensamento, da associação, da memória, minha reação relativa à vossa pessoa, se torna mecânica. não é verdade? E' como a reação do computador, que responde na base da "memória", da associação, na base de uma imensa quantidade de dados armazenados.

Ora, com essa mesma mentalidade, dizemos: "Devo manter a continuidade da atenção". Estais seguindo, senhor? Mas, se vemos o que está implicado tanto na atenção como na continuidade, nunca juntaremos as duas coisas. Não sei se compreendestes o que estou tentando transmitir. O erro que estamos cometendo é o de relacionar a continuidade com a atenção. Desejamos que o estado de atenção tenha continuidade; mas o que terá continuidade será o nosso pensa. mento relativo a esse estado, e, por conseguinte, isso não será atenção. E o pensamento que dá continuidade a isso que chamamos "atenção"; mas, quando o pensamento dá continuidade à atenção, não há o estado de atenção. Se a isso aplicardes, por inteiro, a vossa mente, e o compreenderdes, descobrireis um peculiar estado de atenção sem continuidade, fora do tempo.[sumário]

PERGUNTA:*Até que ponto é atenuado o sofrimento pela aceitação dele?*

KRISHNAMURTI: Porque devo aceitar o sofrimento? Isso é apenas uma outra atividade superficial da mente. Não desejo aceitar o sofrimento, nem atenuá-lo, nem fugir a ele. Quero compreendê-lo, ver o que significa, conhecer-lhe a beleza, a fealdade, a prodigiosa vitalidade. Não desejo convertê-lo numa coisa que ele não é. Aceitando o sofrimento ou dele fugindo, ou, ainda, dele me abeirando com um conceito, uma fórmula, não estou em contato com ele.

Assim, a mente que deseja compreender o sofrimento, nada pode fazer em relação a ele; não pode transformar o sofrimento ou amenizá-lo. Para ficardes livre do sofrimento, nada deveis fazer em relação

a ele. E porque sempre estamos fazendo alguma coisa, em relação ao sofrimento, que ainda nos encontramos neste estado.[sumário]

7 - O medo à morte

21 de julho de 1963

ESTIVEMOS considerando muitos problemas atinentes à nossa vida cotidiana, pois, sem a compreensão desses cotidianos problemas de conflito, avidez, inveja, ambição, agonias do amor - sem a completa compreensão deles, é totalmente impossível a uma pessoa descobrir, por si própria, se algo existe além das coisas construídas pelo cérebro: a "respeitável" moralidade da rotina diária, as invenções das numerosas igrejas do mundo inteiro, o muito óbvio ponto de vista materialista e a atitude intelectual perante a vida.

Ora, a meu ver, todo problema humano que continua a ser "um problema" há de, inevitavelmente, embotar e insensibilizar a mente, porque esta fica a dar voltas e mais voltas, sem conseguir sair de sua confusão e aflição. E', portanto, vitalmente necessário compreender e liquidar cada problema logo que surge. Creio que raros dentre nós compreendemos que qualquer problema humano que não seja imediatamente resolvido confere à mente um senso de continuidade, com infinito conflito, que torna a mente insensível, embotada, estúpida. Este fato precisa ser claramente compreendido; é necessário, igualmente, compreender que não estamos falando com base em nenhum sistema de filosofia, ou considerando a vida segundo determinada linha de pensamento. Como sabeis, temos examinado várias questões - mas não de um ponto de vista oriental ou ocidental. Tratamos de cada problema, não como cristãos ou hinduístas, ou budistas-zen, ou de qualquer outro ponto de vista tendencioso, porém, tão-só, como entes humanos racionais, inteligentes, livres de tendências e neuroses.

Desejo apreciar nesta manhã uma questão importante, ou seja a morte - não só a morte do indivíduo, mas também a morte como idéia que vimos mantendo há séculos como problema, sem o termos até hoje resolvido. Há, não só o medo individual à morte, mas também uma monstruosa atitude coletiva em relação à morte - tanto na Ásia como nos países ocidentais - atitude que precisa ser compreendida. Vamos, pois, considerar juntos esta importante questão.

Quando consideramos um vasto e importante problema, as palavras só têm o fim de possibilitar a comunicação, a comunhão entre nós. Mas, as próprias palavras podem facilmente tornar-se um obstáculo, quando se está tentando compreender esta profunda questão da morte, a menos que lhe dispensemos atenção completa e não tratemos, apenas verbal, leviana ou intelectualmente, de descobrir uma razão para sua existência.

Antes, ou mesmo no processo de compreender essa coisa extraordinária chamada a morte, teremos também de compreender o significado do tempo, outro fator importante em nossa vida. O pensamento cria o tempo, e o tempo controla e modela nosso pensamento. Estou empregando a palavra "tempo", não apenas no sentido cronológico - ontem, hoje e amanhã - mas também no sentido psicológico - o tempo que o pensamento inventou, para alcançar, realizar, adiar. Ambos (o tempo cronológico e o tempo psicológico) são fatores em nossa vida, não? Precisamos estar cônscios do tempo cronológico, pois de outro modo não poderíamos reunir-nos aqui às onze horas. O tempo cronológico é evidentemente necessário, nos eventos de nossa vida; esta é uma questão simples e clara, que não há necessidade de examinarmos muito profundamente. Assim, o que temos de explorar, discutir e compreender é o processo psicológico que chamamos "tempo".

Por favor, como tenho dito em cada uma de nossas reuniões, se vos limitardes a escutar as palavras, acho que não poderemos ir muito longe. Em geral, somos escravos das palavras e dos conceitos ou fórmulas resultantes de combinações de palavras. Não façais pouco caso disto, pois cada um de nós tem sua fórmula, conceito, idéia, ideal - racional, irracional, ou neurótico - em conformidade com o qual estamos vivendo. A mente se está orientando por um certo padrão, uma determinada série de palavras, combinadas em conceito ou fórmula. Isto é verdade em relação a cada um de nós, e não vos enganeis a esse respeito - existe uma idéia, um padrão segundo o qual estamos moldando nossa vida. Mas, se desejamos compreender esta questão da morte e da vida, têm de desaparecer definitivamente todas as fórmulas, padrões e "ideações" - que só existem porque não compreendemos o viver. O homem que está vivendo total e completamente, sem medo, nenhuma idéia tem a respeito do viver. Sua ação é pensamento, e seu pensamento é ação; não são duas coisas separadas. Mas, porque tememos a coisa chamada "morte", separamo-la da vida; colocamos a vida e a morte em dais compartimentos estanques, separados por largo espaço, e vivemos em conformidade com a palavra, a fórmula do passado, a tradição do que foi; e a mente que se acha enredada nesse processo nunca terá a possibilidade de ver todas as implicações da morte, e da vida, nem tampouco de compreender o que é a verdade.

Se, investigando junto comigo esta questão, a estais investigando como cristão, budista, hinduísta, ou o que quer que seja, vos vereis completamente confusos. E se, para esta investigação, trouxerdes o resíduo de vossas numerosas experiências, o conhecimento adquirido dos livros e de outras pessoas, também assim não só ficareis desapontados, mas também algo confusos. O homem que realmente deseja investigar, deve estar, em primeiro lugar, livre de todas estas coisas, que constituem seu background, seu cabedal - e aí se encontra nossa maior dificuldade. Precisamos libertar-nos do passado, mas não como reação, porque, sem essa liberdade, não é possível descobrir-se nada novo. A compreensão é liberdade. Mas, como disse há dias, mui poucos de nós desejamos ser livres. Preferimos viver numa protetora estrutura construída por nós mesmos ou pela sociedade. Toda perturbação que se verifica dentro desse padrão causa-nos grande inquietação, e, a ver-nos perturbados, preferimos uma vida de negligência, morte e declínio.

Para investigarmos esta imensa questão da morte, não só devemos estar cônscios, sem escolha, de nossa escravidão às fórmulas, aos conceitos, mas também de nossos temores, nosso desejo de continuidade, etc. Para investigar, é necessário chegar-nos ao problema de maneira nova. Notai por favor, que isto é muito importante. A mente deve estar lúcida e não embargada por nenhum conceito ou idéia, para podermos examinar uma coisa tão extraordinária, como deve ser a morte. A morte deve ser algo extraordinário, e não essa coisa que procuramos "enganar" e que tanto tememos.

Psicologicamente, somos escravos do tempo - que é a memória de ontem, do passado, com todo o seu

acúmulo de experiências; não só nossa memória como pessoa particular, mas também a memória do "coletivo", da raça, do homem através das idades. O passado se constitui dos sofrimentos do homem, individuais e coletivos, de suas aflições, alegrias, sua tremenda luta com a vida, com a morte, com a verdade, com a sociedade. Tudo isso é o passado - o "ontem" milhares de vezes multiplicado; e, para quase todos nós, o presente é o movimento do passado para o futuro. Não há essas divisões rigorosas de passado, presente e futuro. O que foi, modificado pelo presente, é o que será. Isso é tudo o que sabemos. O futuro é o passado, modificado pelos acidentes do presente; o amanhã é o ontem, remodelado pelas experiências, as reações e o conhecimento de hoje. E' a isso que chamamos "tempo".

O tempo é coisa que foi construída pelo cérebro, e este, a seu turno, é resultado do tempo, de milhares de dias passados. Todo pensamento é resultado do tempo, reação da memória de ontem, das ânsias, frustrações, fracassos, sofrimentos, iminentes perigos; e com esse fundo consideramos a vida, consideramos todas as coisas. Se há Deus, se não há, qual a função do Estado, a natureza das relações, como superarmos ou ajustarmo-nos ao ciúme, à ansiedade, ao sentimento de culpa, ao desespero, ao sofrimento - todas estas questões consideramos com aquele fundo temporal.

Ora, o que quer, que consideremos com esse fundo, se desfigura; e quando é muito grande a crise que nos exige atenção e a olhamos com os olhos do passado, atuamos neuroticamente, como o faz a maioria de nós, ou construímos para nós mesmos uma muralha de resistência a ela (a crise). Tal é o inteiro processo de nossa vida.

Notai, por favor, que estou expondo tudo isso verbalmente, mas se olhardes apenas as palavras e não observardes vosso próprio processo de pensar - e isso significa vos verdes tais como sois - então, não levareis, ao sairdes daqui, nesta manhã, uma compreensão completa da morte; e essa compreensão é necessária, para que possais ficar livres do medo e ingressar numa esfera completamente diferente.

Como vimos, estamos perenemente traduzindo o presente em termos do passado, e desse modo conferindo continuidade ao que foi. Para a maioria de nós, o presente é a continuação do passado. Encontramo-nos com os sucessos diários de nossa vida - que têm sempre sua novidade, seu significado - com o peso morto do passado, criando dessa maneira aquilo que denominamos "futuro". Se tiverdes observado vossa própria mente, não apenas a consciente, mas também a inconsciente, sabereis que ela é o passado, que nela nada existe de novo, nada que não esteja corrompido pelo passado, pelo tempo. E há aquilo que chamamos "o presente". Existe um presente não contaminado pelo passado? Existe presente que não condicione o futuro?

Provavelmente nunca pensastes nisto, e teremos de examiná-lo um pouquinho. Em geral, só queremos viver no presente, porque o passado é tão pesado, tão oneroso, tão inesgotável, e o futuro tão incerto. A mente moderna diz: "Vivei completamente no presente. Não vos preocupeis com o que irá acontecer amanhã, porém vivei para hoje. A vida, de qualquer maneira, é tão aflitiva, e já nos bastam os males de um só dia; portanto, vivei cada dia completamente, e esquecei tudo o mais". Isso, òbviamente, é uma filosofia do desespero.

Ora, é possível viver-se no presente sem se trazer para ele o tempo, que é o passado? Decerto, só podeis viver nessa totalidade do presente quando compreendeis a totalidade do passado. Morrer para o tempo é viver no presente; e só se pode viver no presente após compreender-se o passado - e que

significa que devemos compreender nossa própria mente, não apenas a mente consciente, que freqüenta diariamente o escritório, que acumula conhecimentos e experiência, que tem reações superficiais, etc., mas também a mente inconsciente, na qual estão sepultadas as tradições acumuladas, da família, do grupo, da raça. Sepultado no inconsciente se acha também o imenso sofrer do homem e o medo à morte. Tudo isso é o passado, que sois vós mesmo - e deveis compreendê-lo. Se o não tiverdes compreendido; se não tiverdes investigado os movimentos de vossa própria mente e coração, de vossa avidez e sofrimento; se não vos conhecerdes completamente, não podereis viver no presente. Viver no presente é morrer para o passado. No processo de compreensão de vós mesmo vos tornais livre do passado, que constitui vosso condicionamento - vosso condicionamento de comunista, de católico, protestante, hinduísta, budista, o condicionamento que vos foi imposto pela sociedade, e por vossa própria avidez, inveja, ânsias, desesperos, pesares e frustrações. E' vosso condicionamento que dá continuidade ao "eu", ao "ego".

Como outro dia apontei, se não conheceis a vós mesmo - tanto vossos estados conscientes como os inconscientes toda a vossa investigação se desviará, receberá uma tendência. Não tereis base para o pensar racional, claro, lógico, são. Vosso pensar seguirá um certo padrão, uma certa fórmula ou sistema de idéias - mas isso não constitui o pensar verdadeiro. Para se pensar lúcida e logicamente, sem se tornar neurótico, sem se deixar prender a nenhuma forma de ilusão, é necessário compreender todo esse processo da própria consciência, construído pelo tempo, pelo passado. Mas, pode-se viver sem o passado? Isso, por certo, é morte. Entendeis? Voltaremos à questão do presente, após vermos, por nós mesmos o que é a morte.

Que é a morte? Eis uma pergunta que interessa a moços e velhos; portanto, fazei-a a vós mesmo. A morte significa apenas o findar do organismo físico? É disso que temos medo? É nosso corpo que desejamos continue a existir? Ou é por uma outra forma de continuidade que ansiamos? Todos percebemos que o corpo, a entidade física se gasta pelo uso, por ação de várias pressões, influências, conflitos, ânsias, exigências, sofrimentos. Alguns provavelmente gostariam se se pudesse fazer o corpo durar cento e cinqüenta anos ou mais, e é possível que os médicos e cientistas possam, juntos, encontrar afinal alguma maneira de prolongar a agonia em que em regra vivemos. Mas, mais cedo ou mais tarde, o corpo morre, o organismo físico chega a seu fim. Como qualquer máquina, acaba por desgastar-se.

Para a maioria de nós, a morte é algo muito mais profundo do que o findar do corpo, e todas as religiões prometem uma certa espécie de vida além da morte. Ansiamos por uma continuidade; queremos uma garantia de que algo subsistirá após a morte do corpo. Esperamos que a psique, o ego - esse ego que muito experimentou, lutou, adquiriu, aprendeu, sofreu, gozou; esse ego que no Ocidente se chama "alma" e que tem outro nome no Oriente - esperamos que esse ego subsista. Assim, o que nos interessa é a continuidade, e não a morte. Não queremos saber o que é a morte; não querermos conhecer o extraordinário milagre, a beleza, a profundeza, a vastidão da morte. Não desejamos investigar essa coisa que desconhecemos. O que queremos é só - subsistir. Dizemos: "Eu, que vivo há quarenta, sessenta, oitenta anos; Eu, que tenho minha casa, minha família, meus filhos e netos; Eu, que há tantos anos freqüento diariamente o escritório; Eu, com minhas contendas e apetites sexuais - quero continuar a viver." Só isso nos interessa. Sabemos que há morte, que é inevitável o findar do corpo físico e, por conseguinte, dizemos: "Preciso de uma garantia da continuidade de mim mesmo após a morte". Eis porque temos crenças, dogmas, ressurreição, reencarnação - mil-e-uma maneiras de fugir à realidade da morte; e, quando nos vemos em guerra, erguemos cruzes em intenção dos desventurados que tombaram. Essa coisa vem acontecendo há milênios.

Ora, em verdade nunca nos aplicamos de corpo e alma a investigar o que é a morte. Dela só nos abeiramos com a condição de nos ser garantida a continuidade numa vida futura. Dizemos: "Desejo que o "conhecido" continue existente" - e esse "conhecido" são nossas qualidades, nossas capacidades, a lembrança de nossas experiências, de nossas lutas, preenchimentos, frustrações, ambições; e, também, nosso nome e nossas posses. Tudo isso é o "conhecido", que desejamos continue a existir todo inteiro. Uma vez nos seja dada a certeza dessa continuidade, talvez então desejemos investigar o que é a morte e se existe o "desconhecido" - que deve ser algo maravilhoso que cumpre descobrir.

Estais vendo, pois, a dificuldade. O que desejamos é a continuidade, e nunca perguntamos a nós mesmos o que é que constitui a continuidade, que dá origem a essa cadeia, esse movimento da continuidade. Se observardes bem, vereis que é o pensamento, e nada mais, que nos dá a noção da continuidade. Por meio do pensamento vos identificais com vossa família, vossa casa, vossos quadros ou poesias, com vosso caráter, vossas frustrações, vossas alegrias. Quanto mais pensais num dado problema, tanto mais fortaleceis a raiz e a continuidade desse problema. Se gostais de alguém, pensais nessa pessoa, e esse próprio pensamento dá a noção de continuidade no tempo. É claro que deveis pensar; mas sois capaz de pensar momentaneamente e depois abandonar o pensamento? Se não dissésseis: "Eu gosto disso, é coisa minha - é meu quadro, uma expressão de minha personalidade, meu Deus, minha mulher, minha virtude - e quero conservá-lo" - se não dissésseis tal coisa, não teríeis nenhum sentimento de continuidade no tempo. Mas, nunca pensais em cada problema de maneira clara e completa. Há sempre o prazer que desejais conservar, e a dor de que desejais livrar-vos, o que significa que pensais em ambas essas coisas; e, assim, o pensamento dá continuidade a ambas. O que chamamos "pensamento" é reação da memória, da associação - essencialmente a mesma coisa que a "reação" de um computador; e chegastes ao ponto em que, por vós mesmo, percebeis a verdade disso.

Em geral, não desejamos descobrir por nós mesmos o que é a morte; pelo contrário, desejamos continuar a existir no "conhecido". Se morre meu irmão, meu filho, minha mulher ou marido, fico aflito, sozinho, a lastimar-me, sendo isso o que chamo "sofrimento", e sigo vivendo nesse perturbado, confuso, lastimável estado. Separo a morte da vida, desta vida de disputas, amarguras, desespero, desilusões, frustrações, humilhações, insultos, porque esta é a vida que conheço, e a morte eu desconheço. A crença e o dogma me satisfazem, até morrer; e é isso o que em geral, nos acontece.

Ora, esse senso de continuidade que o pensamento dá á consciência é inteiramente superficial, como se pode ver. Nele, não há nada de misterioso ou de nobilitante; e, ao compreenderdes o seu total significado, pensareis, quando necessário, clara, lógica, sãmente, sem sentimentalismo, sem a constante ânsia de preenchimento, de ser ou vir a ser alguém. Sabereis, então, viver no presente; e viver no presente significa morrer de momento a momento. Sereis então capaz de investigar porque vossa mente, nada temendo, não tem ilusões. Ser sem ilusões é absolutamente necessário, e só há ilusões enquanto existe medo. Não havendo medo, não há ilusão. Nasce a ilusão quando o medo se enraíza na segurança - segurança, na forma de determinada relação, de uma casa, uma crença, ou na forma de posição e de prestígio. O medo cria a ilusão. Enquanto existir o medo, a mente estará enredada em várias formas de ilusão e, por conseguinte, nenhuma possibilidade terá de compreender a morte.

Vamos agora investigar o que é a morte - eu, pelo menos, o vou investigar, expor; mas vós só compreendereis a morte, só podereis com ela viver completamente, conhecer-lhe a profundeza, o significado pleno, quando não tiverdes medo e, por conseguinte, nenhuma ilusão. Estar livre do medo é estar vivendo completamente no presente, e isso significa que não se está funcionando mecanicamente no hábito da memória. De modo geral, estamos interessados na reencarnação, ou em saber se

continuaremos a viver após a morte do corpo - e tudo isso é muito fútil. Já compreendemos a futilidade desse desejo de continuidade? Percebemos que é, Cinicamente, o "processo" do pensar, a máquina do pensamento, que exige continuidade? Uma vez tenhais percebido esse fato, compreendereis a extrema superficialidade, a estupidez de tal exigência. O "eu" subsiste após a morte? Que importa isso? E que é esse "eu" que desejais continue existente? Vossos prazeres e sonhos, vossas esperanças, desesperos e alegrias, vossas posses e o nome de que sois portador, vosso insignificante caráter e o conhecimento que adquiristes em vossa vida angustiada, estreita, conhecimento que foi acrescentado pelos professores, pelos literatos, pelos artistas. E isso que desejais subsista, só isso.

Ora, quer sejais velho, quer moço, tendes de acabar com tudo isso - extirpá-lo radicalmente, "cirurgicamente", à maneira do operador com seu bisturi. A mente se torna então sem ilusão e sem medo; por conseguinte, é capaz de observar e de compreender o que é a morte. O medo existe por causa do nosso desejo de conservar o "conhecido". O "conhecido" é o passado vivente no presente e a modificar o futuro. Assim é nossa vida, dia após dia, ano após ano, até morrermos; e como pode essa mente compreender aquilo que não tem "tempo", que não tem "motivo", que é totalmente desconhecido?

Compreendeis? A vida é o desconhecido, e vós tendes idéias a respeito dela. Evitais encarar a morte, ou tratais de racionalizá-la, dizendo-a inevitável; ou tendes uma crença que vos dá consolo, esperança. Mas, só a mente amadurecida, a mente sem medo, sem ilusão, e sem essa estúpida busca de "auto-expressão" e de continuidade - só essa mente pode observar e descobrir o que é a morte, já que sabe viver no presente.

Prestai atenção a isto, por favor: Viver no presente é viver sem desespero, porque não há apego ao passado, nem esperança para o futuro; por conseguinte, a mente diz: "O hoje me basta". Ela não foge ao passado, nem fecha os olhos ao futuro, porém compreendeu a totalidade da consciência, que não é só individual, mas também coletiva, e, por conseguinte, não existe nenhum "eu" separado da multidão. Com a compreensão total de si própria, compreendeu a mente tanto o "particular" como o "universal"; por conseguinte, rejeitou a ambição, o preconceito, o prestígio social. Tudo isso desapareceu da mente que está vivendo toda no presente e, por conseguinte, morrendo, a cada minuto do dia, para tudo o que se torna conhecido. Vereis, então, se tiverdes chegado até ai, que a morte e a vida são uma só coisa. Estais vivendo totalmente no presente, completamente atento, sem escolha, sem esforço. A mente está sempre vazia, e desse vazio vós olhais, observais, compreendeis, e, por conseguinte, viver é morrer. O que tem continuidade nunca pode ser criador. Só o que finda pode saber o que é criar. Quando a vida é também morte, existe a Verdade, há criação; porque a morte é o desconhecido, como o são a Verdade e o Amor.

Desejais fazer perguntas e debater sobre o que estivemos dizendo nesta manhã?

PERGUNTA:*Morrer é ato de vontade, ou é o próprio desconhecido?*

KRISHNAMURTI: Senhor, já morrestes, alguma vez, para vosso prazer - morrestes para ele, simplesmente, sem argumentar, sem reagir, sem procurar criar condições especiais, sem perguntar de que maneira abandoná-lo ou porque deveis abandoná-lo? Tereis de fazer isto ao morrerdes fisicamente, não é verdade? Com a morte não se discute. Não se pode dizer à morte: "Dai-me mais alguns dias de vida". Não há esforço de vontade no morrer - morremos, pura e simplesmente. Ou já morrestes alguma

vez para vossos desesperos, ambições - abandonando tudo isso, simplesmente, pondo-o de lado, como a folha que morre no outono, sem nenhuma batalha da vontade, nem ansiedade sobre o que vos irá suceder se o fizerdes? Já fizestes isso? Parece-me que não. Quando sairdes daqui, morrei para algo a que estais apegado - vosso hábito de fumar, vosso apetite sexual, vossa ânsia de ser famoso, como artista, como poeta, como isto ou aquilo. Abandonai isso, simplesmente, varrei-o para o lado, como o farteis com qualquer coisa estúpida - sem esforço, sem escolha, sem decisão. Se vosso morrer for total - e não apenas o desistir de fumar cigarros ou de beber - de que fazeis um problema tremendo - sabereis o que significa viver no momento presente - supremamente, sem nenhum esforço, com todo o vosso ser; e então, talvez, uma porta se vos abrirá para o Desconhecido.[sumário]

8 - A meditação

23 de julho de 1963

DEVEIS ter notado que, durante as sete reuniões aqui realizadas, não se fez referência a nenhuma teoria, crença ou ideal. Para o homem religioso não existem teorias, nem crenças ou ideais de qualquer espécie, porque esse homem está sempre vivendo com plenitude, no presente ativo. Toda dependência de idéia, toda dependência de padrão, todo ajustamento a qualquer teoria ou crença, é coisa totalmente estranha à mente que busca o verdadeiro.

Ora, para a maioria de nós, certas palavras - tais como "morte", "sofrimento", "conflito", "oração", "Deus" - estão "carregadas" de especial significado; têm para a mente extraordinária significação, e vivemos sob a influência dessas palavras. Elas nos moldam a vida, obrigando-nos a ajustar-nos, a imitar, a disciplinar-nos de acordo com certo e consagrado padrão. E esta manhã vou empregar uma dessas palavras - palavra talvez para muitos um pouco estranha; para outros, entretanto, que porventura leram algo sobre o assunto, terá ela alguma significação. É a palavra "meditação". A meditação, para a maioria dos Ocidentais, é algo de exótico, estranho, asiático; e para as pessoas, em geral, seja no Oriente, seja no Ocidente, é algo que se precisa praticar quando se deseja encontrar a Verdade ou Deus. Sobre isso vou falar, porque, para mim, uma vida sem meditação é uma vida perdida. Se se desconhece o profundo significado e importância da meditação, torna-se muito superficial o viver de cada dia. Mas, para se compreender o conteúdo dessa palavra, e passar além da palavra, requer-se um pensar muito claro, e uma mente alertada, ativa.

Antes de entrarmos nesta questão da meditação, precisamos ter uma noção bem clara do significado da disciplina. Para a maioria de nós, disciplina supõe controle, ajustamento de nosso pensamento e atividade a um certo padrão "ideacional" (ideational).(1) Ajustar-se, reprimir, seguir, imitar - tudo isso está implicado na palavra "disciplina".

Peço-vos, agora, acompanhar-me muito atentamente, pois isto vai tornar-se muito difícil, árduo, e, se

não me seguirdes bem de perto, ativando ao máximo a vossa mente, vos perdereis completamente no caminho. Necessitareis, com efeito, de vossa energia total, para seguirdes o que este orador vai dizer.

Sucede, com a maioria de nós, que nossa mente foi condicionada por meio de disciplina, moldada por inumeráveis influências, pensamentos, experiências, ações, de maneira que a disciplina se nos tornou uma quase segunda natureza. Começamos a disciplinar-nos na escola e do mesmo modo prosseguimos pelo resto da vida, ajustando-nos às exigências da sociedade, submetendo-nos ao padrão consagrado - moral e social - refreando-nos por medo, ajustando-nos à opinião pública, ao que consideramos correto, etc. Está condicionada nossa mente para buscar a segurança mediante disciplina e, apesar disso, pensamos que pela disciplina seremos capazes de descobrir o que é a Verdade. Mas, por certo, para descobrir o que é a Verdade, precisa o indivíduo estar livre de toda disciplina que lhe foi imposta ou que a si próprio impôs. Só pode verificar-se o descobrimento do verdadeiro quando se está livre de ajustamento e de qualquer espécie de medo; há, então, uma disciplina de natureza toda diferente. Já não é disciplina, no sentido de imitação, repressão ou ajustamento a padrão. E um movimento livre, pois não significa fazer algo pelo desejo de um certo resultado, ou por medo. Deve, pois, ficar claramente entendido que qualquer espécie de disciplina que conhecemos denota desejo de ajustar-nos, de pôr-nos em segurança, e que, atrás desse desejo, está o medo - o medo à insegurança, de não obter o que se deseja, de não descobrir a verdade final, etc. etc.

Outra coisa muito necessária é estarmos cônscios de quanto estamos condicionados pela sociedade, pelas inúmeras experiências que temos tido - e isso significa que devemos estar totalmente cônscios de nossa consciência integral, e não apenas de certas partes dela. "Estar cônscio" requer espaço para a observação - isto é, que haja em nossa mente espaço, de modo que possamos observar sem opinião, sem avaliação, sem conclusão. Em geral, nenhum espaço temos na mente, porque nos chegamos a tudo o que observamos com uma conclusão, uma idéia, uma opinião, um juízo, uma avaliação; condenamos, aprovamos ou justificamos o que vemos, ou com isso nos identificamos, de modo que nenhum espaço existe dentro do qual possamos observar.

Por favor, não façais disso uma teoria ou coisa que se tem de praticar, pois isso seria terrível, já que tudo o que se pratica se torna hábito. Infelizmente, quase todos vivemos numa série de hábitos, agradáveis ou desagradáveis - o que é extremamente destrutivo da inteligência. Pela observação de vós mesmos, percebereis a verdade ou a falsidade desta asserção.

Sabeis o que é aprender? Aprender - no genuíno sentido da palavra - não é adicionar. Não é acumular conhecimento se, depois, pelo observar, pelo experimentar, acrescentar o que se aprendeu antes. Quando só se trata de acumular conhecimentos e de adicioná-los ao que já se sabe, nunca há liberdade para observar; por conseguinte, não se está aprendendo. Compreendeis? Se não, discutiremos sobre isso, depois.

Por "percebimento", entendo um estado de vigilância em que não há escolha. Estamos simplesmente observando o que é. Mas ninguém pode observar o que é, se tem alguma idéia ou opinião a respeito do que vê, dizendo-o "bom" ou"mau", ou de outro modo o avaliando. A pessoa tem de estar totalmente cônscia dos movimentos de seu próprio pensa.mento, de seu próprio sentimento, tem de observar suas próprias atividades, tanto conscientes como inconscientes, sem avaliação. Isso requer mente alertada e ativa no mais alto grau. Mas, acontece que a mente da maioria de nós está embotada, semi-adormecida; só certas partes dela se acham ativas - as partes especializadas, pelas quais funcionamos

automaticamente, pela associação, pela memória, tal como um cérebro eletrônico. A mente, para ser vigilante, sensível, necessita de espaço, no qual possa olhar as coisas sem nenhum fundo de conhecimentos prévios; e uma das funções da meditação é levar a mente a uma extraordinária alerteza, atividade, sensibilidade.

Estais seguindo bem isto?

Estar vigilante é o indivíduo observar a própria atividade corporal, a própria maneira de andar, de sentar-se, os movimentos das próprias mãos; é ouvir as palavras que emprega, observar todos os seus pensamentos, todas as suas emoções, todas as suas reações. Inclui o percebimento do inconsciente com suas tradições, seu conhecimento instintivo, e o imenso sofrer que ele acumulou - não apenas o sofrer pessoal, mas também o sofrer humano. De tudo isso deveis estar cônscio; e não o podeis, se estais meramente a julgar, a avaliar, a dizer: "Isto é "bom", aquilo é "mau"; conservarei isto e rejeitarei aquilo" - já que todas essas coisas tornam a mente embotada, insensível.

Do percebimento nasce a atenção. A atenção deflui do percebimento, quando nesse percebimento não há escolha; quando não se está escolhendo nem experimentando pessoalmente (sobre isto falarei mais adiante), porém simplesmente observando. E para se poder observar, necessita-se, na mente, de uma vasta porção de espaço. A mente que está toda enredada na ambição, na avidez, na inveja, na busca do prazer e do auto-preenchimento - com os inevitáveis pesares, dores, desespero, e aflição, que ocasionam - não dispõe de espaço, para observar. Está repleta de seus próprios desejos, a dar voltas e mais voltas nas águas represadas de suas próprias reações. Não podeis estar atento, se vossa mente não é altamente sensível, penetrante, racional, lógica, sã, vigorosa, sem a mais leve sombra de neurose. Deve a mente explorar todos os seus próprios recessos, sem deixar um só por descobrir; porque, se houver um só recesso mental que temermos investigar, daí brotará a ilusão.

O cristão que vê Cristo em sua meditação, em sua contemplação, pensa ter alcançado um estado maravilhoso, mas suas visões são meras "projeções" de seu próprio condicionamento. O mesmo acontece com o hinduísta que, sentado à margem de -um rio, entra num estado de êxtase. Tem, também ele, visões nascidas de seu próprio condicionamento, e o que vê, por conseguinte, não constitui uma verdadeira experiência religiosa. Mas, pelo percebimento, pela observação livre de escolha - a qual só é possível quando há na mente espaço para observar - dissolvem-se todas as formas de condicionamento e, então, já se não é hinduísta, nem budista, nem cristão, porque todas as idéias, crenças, esperanças e temores desapareceram definitivamente. Daí vem a atenção, não atenção aplicada a uma certa coisa, porém um estado de atenção em que não há "experimentador" e, por conseguinte, não há experiência. Isto é de enorme importância e deve ser compreendido por todo aquele que se está realmente esforçando por descobrir o que é a Verdade, o que é religião, o que é Deus, o que existe além das coisas construídas pela mente.

No estado de atenção, não há reação: a pessoa está, simplesmente, atenta. A mente explorou e compreendeu todos os seus próprios recessos, todos os inconscientes motivos, exigências, preenchimentos, ânsias, pesares; por conseguinte, no estado de atenção há espaço, há vazio; não há experimentador a experimentar alguma coisa. Achando-se vazia, a mente não está "projetando", buscando, desejando, esperando. Compreendeu todas as suas próprias reações e "respostas" (responses), sua profundidade, sua superficialidade,(2) e nada mais resta. Não há divisão entre o observador e o que ele observa. No momento em que há separação entre "observador" e "coisa

observada", há conflito que é o próprio intervalo entre ambos. Já examinamos isso, e vimos quanto é importante estarmos completamente livres de conflito.

Isso talvez seja um pouco mais complicado do que as coisas que estais acostumados a ouvir, pois estou falando sobre a meditação - algo que transcende todas as palavras.

Ora, é só no estado de atenção que podeis ser vossa própria luz, e então todas as ações de vossa vida diária nascerão dessa luz - todas as ações, quaisquer que sejam: exercer o emprego, cozinhar, lavar, remendar roupas, etc. Todo esse processo constitui a meditação, e sem ela a religião nada significa, torna-se mera superstição explorada pelos sacerdotes.

Para a maioria das pessoas que praticam o que chamam "meditação", esta é uma espécie de auto-hipnose. Tendo tomado "lições de meditação" ou lido livros sobre a matéria, põem se sentadas, de pernas cruzadas e percorrem toda a série de "habilidades" que aprenderam - respirar com a máxima regularidade, controlar os pensamentos, etc. etc. Há muitos sistemas de meditação, mas se compreenderdes um só deles, tereis compreendido todo o seu conjunto, porque todos eles visam ao autocontrole ou à auto-hipnose, como meios de se alcançarem certas experiências consideradas maravilhosas, porém, em verdade, ilusórias. Essa forma de meditação é de todo em todo infantil, sem nenhuma significação. Podeis praticá-la durante dez mil anos, e nunca descobrireis o que é verdadeiro. Podeis ter visões, "experimentar" o que pensais ser Deus, a Verdade, etc., mas tudo será coisa "projetada" por vossas próprias reações, por vosso próprio condicionamento e, por conseguinte, sem significação alguma.

Mas, eu estou falando de coisa completamente diferente: O libertar da mente, pela intensa vigilância, de todas as suas reações, e produzir, assim, sem o exercício de controle, de vontade deliberada, um estado de quietude interior. Só a mente muito ardorosa, altamente sensível, pode achar-se verdadeiramente quieta, e não aquela que está paralisada pelo medo, pelo sofrimento, pela alegria, ou entorpecida pelo ajustamento a inumeráveis exigências sociais e psicológicas.

A verdadeira meditação é inteligência em sua forma mais elevada. Não é questão de se ficar sentado a um canto, de pernas cruzadas e olhos fechados, ou ficar de pernas para o ar, apoiado na cabeça, ou o que mais seja. Meditar é estar completamente cônscio, quando se está passeando, quando viajando de ônibus, trabalhando no escritório ou na cozinha; é estar o indivíduo completamente cônscio das palavras que emprega, dos gestos que faz, de sua maneira de falar, de comer, seu costume de empurrar os outros. Estar cônscio, sem escolha, de tudo o que se passa em torno de vós e dentro em vós - isto é meditação. Se dessa maneira ficardes cônscio da incessante propaganda política e religiosa, das numerosas influências que vos rodeiam, vereis com que rapidez sereis capaz de compreender cada influência com que entrardes em contato, e dela vos libertar.

Mas, são raríssimos os que vão tão longe, já que quase todos estamos condicionados por nossas tradições. Isso é verdade, principalmente para quem vive na índia, onde é absolutamente necessário fazer certas coisas - controlar completamente o corpo e, conseqüentemente, controlar completamente o pensamento. Por meio desse controle, espera-se alcançar o Supremo, mas o que for alcançado será o resultado da própria auto-hipnose de cada um. No mundo cristão faz-se mesma coisa, de maneira diferente. Mas, eu me estou referindo a algo que requer inteligência em sua mais elevada forma.

Ora, a mente que deseja experiência não é inteligente; e, se observardes, vereis que a maioria de nós deseja experiência. Cansados dos rotineiros "desafios e respostas" que há tanto tempo conhecemos, apelamos para a chamada meditação, ou ingressamos em tal ou qual igreja, esperando que por esse ou qualquer outro meio misterioso, iremos ter novas e mais profundas experiências. Mas a mente que se acha no estado de "desejo de experiência" - por mais exaltada que seja tal experiência - não é inocente; por conseguinte, não há isso que se chama "experiência religiosa". Só a mente que está desejando, buscando, tateando, ansiosa, desesperada - só essa pede experiência. A mente que é altamente sensível, já que é a luz de si própria, não tem desejo nem necessidade de experiência, essa mente, por conseguinte, se acha num estado de inocência; e só a mente inocente e altamente sensível pode estar quieta. Quando a mente está totalmente quieta, porque cada uma de suas partes é viva, sensível, acha-se então num estado de meditação; e daí pode prosseguir, até descobrir o que é a Verdade. Mas, enquanto não se achar nesse estado de meditação, toda tentativa que a mente faça para descobrir o que é a Verdade, o que é Deus, o que é "essa coisa" existente além dela própria (da mente) - será pura perda de tempo, e conducente à ilusão. O achar-se nesse estado de meditação requer extraordinária energia; e vós tereis pouquíssima energia, enquanto estiverdes em conflito, enquanto tiverdes os problemas do desejo. Por essa razão é que, como tenho dito desde o começo, todo conflito, toda exigência de preenchimento, com sua esperança e seu desespero, têm de ser compreendidos e dissolvidos. A mente, então, não tem ilusões, porque já não tem o poder de criar ilusões.

A mente que está toda enredada em problemas, no medo, no desespero, no desejo de preenchimento próprio, está sempre criando a ilusão e, por conseguinte, se encontra num estado de neurose. Esta é a primeira coisa que é necessário compreender. Mas, quando a mente é altamente sensível e está livre de todas as ilusões, então, nessa claridade, nessa sensibilidade, há inteligência; e só então pode a mente estar quieta, completamente e sem esforço algum. Esse estado de quietude completa e livre de esforço é o começo da meditação.

Assim, pois, há primeiramente um percebimento, uma observação sem escolha, de todos os vossos pensamentos e sentimentos, de tudo o que fazeis. Nasce, daí, um estado de atenção sem fronteiras, mas em que a mente pode concentrar-se; e desse estado de atenção resulta a quietude mental. E quando a mente está totalmente quieta, sem nenhuma ilusão, sem qualquer espécie de auto-hipnose, vem à existência algo que não foi formado pela mente.

Apresenta-se-nos agora a dificuldade de expressar em palavras algo que é inexprimível - e é esse algo que estamos buscando. Todos desejamos encontrar algo transcendental, fora deste mundo de agonias, de tirania, de força e subjugação, mundo tão indiferente, empedernido e brutal. Com nossas ambições, nossos nacionalismos, nossa diplomacia, nossas mentiras, estamos continuamente precipitando os horrores da guerra; e, cansados de tudo isso, desejamos a paz. Desejamos encontrar em alguma parte um estado de tranqüilidade, de bem-aventurança e, assim, inventamos um Deus, um Salvador, ou um outro mundo que nos ofereça a paz que desejamos, contanto que façamos ou creiamos em certas coisas. Mas uma mente condicionada, por mais que deseje a paz, só provoca a própria destruição; é o que se observa no mundo atual. Todos os políticos do mundo, tanto da esquerda como da direita, usam a palavra "paz", mas esta palavra nada significa. Falo, porém, de algo existente muito além de tudo isso.

A meditação, pois, é o esvaziar da mente de todas as coisas que juntou. Se o fizerdes - talvez não desejeis fazê-lo, mas, sem embargo, escutai! - vereis abrir-se um extraordinário espaço em vossa mente,

e esse espaço é liberdade. Assim, deveis exigir a liberdade justamente no começo, e não ficar aguardando, esperando alcançá-la no fim. Deveis buscar o significado da liberdade em vosso trabalho, em vossas relações, em tudo o que fazeis. Vereis, então, que meditação é criação.

"Criação" é uma palavra que empregamos tão levianamente, tão facilmente! Um pintor espalha umas poucas tintas sobre uma tela e por causa disso se põe num extraordinário estado de entusiasmo. Trata-se de seu preenchimento, de seu meio de "expressão"; do "mercado" em que irá ganhar dinheiro ou reputação. E a isso ele chama "criação"! Todo escritor "cria", e há escolas onde se ensina a escrever "criadoramente"; mas nada disso tem a mínima relação com a criação. Tudo é só reação condicionada de uma mente que vive em determinada sociedade.

A criação a que me refiro é coisa inteiramente diferente. E' a mente no estado de criação. Ela poderá expressar ou deixar de expressar tal estado. A expressão é de muito pouco valor. Aquele estado de criação não tem causa e, por conseguinte, a mente que nele se acha está, a cada momento, morrendo e vivendo e amando e sendo. Tudo isso é meditação.

Desejais discutir sobre isto?

PERGUNTA:*Como pode ser mantida a atenção decorrente do percebimento?*

KRISHNAMURTI: Senhor, peço vênia para dizer, mui respeitosamente, que acho que fizestes uma pergunta algo incorreta. Porque desejar manter a atenção? Que existe atrás desta palavra - "manter"? Desejo manter um certo estado de relação com minha mulher, meu marido, um amigo. Desejo conservá-lo vivo, em um certo nível, num certo grau de "afinação", de modo que possamos sempre amar-nos e corresponder-nos completamente. Ou desejo conservar um certo sentimento. E como o conservarei? Dizendo "Quero mantê-lo vivo" - isto é, mediante a volição, a vontade. E que acontece quando mantendes alguma coisa pela ação da vontade? Essa coisa se torna quebradiça e é destruída. Pode-se manter o amor pela volição, pela vontade? Ora, deve haver uma maneira diferente de atender a esta questão.

Digamos que percebo, num rápido instante, o que significa "estar lúcido". Percebo-o a pleno, e não apenas verbalmente. Surpreendi-me num momento de lucidez sem escolha, e compreendi o que isso significa verdadeiramente. Por um segundo, estou lúcido, e percebo a extraordinária liberdade, a beleza e alegria existentes nesse estado. Digo então de mim para comigo: "Preciso manter isso"; e, no momento em que desejo manter esse estado, ele se torna memória. O que estou mantendo não é o fato, porém a memória do fato e, por conseguinte, uma coisa morta. Vede isto, por favor!

Lembro-me de meu irmão, meu filho, minha mulher, meu marido, que morreu, e estou vivendo nessa memória, conservando-a, com todos os seus deleites, desesperos, ânsias - sabeis de tudo por que passamos. Mas não tratei de descobrir o que significa morrer uma pessoa; não estou cônscio do significado da morte. É preciso, pois, estar-se cônscio do significado do fato, e não, simplesmente, viver numa memória. Compreendeis, senhor? "Não viver numa memória" significa: nunca dizer, a respeito de uma experiência ligada a certa relação: "Quero conservar isto, quero que isto continue". Então, a morte de alguém não tem importância. Isto não é insensibilidade ou indiferença. Estai atento ao presente, a

cada minuto - e vereis.

Transmiti-vos alguma coisa?

A verdade não tem continuidade, porque está além do tempo; e o que tem continuidade não é a Verdade. A Verdade é para ser percebida instantaneamente, e esquecida - "esquecida", no sentido de que não a levemos conosco como lembrança da Verdade que foi percebida. E porque vossa mente está livre da memória, a qualquer instante - no próximo minuto, no dia seguinte ou um pouco mais tarde - a Verdade reaparecerá.

Como não tem continuidade, a Verdade só pode ser vista quando a mente toda inteira está livre desse processo, de manter, de rememorar, de reconhecer. Isso exige extraordinária atenção, já que é muito fácil dizer-se: "Ontem eu vi isso, e quero viver com isso". Se ficardes "vivendo com isso", estareis vivendo com uma memória, coisa morta e sem significação, que vos impedirá de ver a Verdade, sempre nova e fresca. Para ver a Verdade, ou a beleza daquela montanha, vossa mente deve estar sobremodo sensível, não ter sido embotada pela memória de coisas passadas; e isso exige --como sabereis se vos observardes - penetrante atenção. Por conseguinte, não deveis permitir que vosso corpo se torne embotado, indolente. Deveis ter um corpo altamente alertado, sensível; porque as condições do corpo influem no cérebro, e o cérebro influi em vosso pensamento. Psicossomàticamente, é necessário estar-se plenamente lúcido.

A memória é mecânica, e tem naturalmente seu lugar próprio. Sem a memória, não saberíeis onde morais, não saberíeis ler e escrever, etc. Mas, com a maioria de nós acontece que a memória - que é o passado - interfere na observação. Quando tiverdes compreendido este fato, tereis espaço para observar; e nesse espaço, por uma fração de segundo, por dez minutos, por uma hora - o período não importa - há percebimento. Mas, se converterdes esse percebimento em memória, nunca mais tornareis a ver.

Em geral, vivemos de memórias: memórias dos ditosos tempos da juventude, lembranças relativas ao sexo, lembranças de nossas alegrias e desesperos, etc. Vivemos no passado e, por isso, nossa mente é insensível; e nosso preparo técnico, portanto, contribui para nos tornarmos autômatos. Estou falando de coisa muito diferente: tornar a mente sobremodo ativa e sensível, pelo percebimento de tudo o que fazeis e deixais de fazer.[sumário]

INTERROGANTE:*Quando estou escutando o que aqui se diz, sinto-me muito vivo e sensível; mas, quando me vou, a sós, ou quando me acho em casa, essa sensibilidade desaparece.*

KRISHNAMURTI: Se só tendes sensibilidade enquanto aqui vos achais, nesse caso estais sendo influenciado, e isso nenhum valor tem. O que estais ouvindo é, então, mera propaganda e, por conseguinte, deveis evitá-lo, rejeitá-lo, destruí-lo, pois é assim que se criam os Mestres, os instrutores, as autoridades. Mas se, ouvindo-me falar, estivestes cônscio de vossas próprias reações, a cada minuto, acompanhando o que estivemos dizendo durante mais de uma hora; se estivestes atento não só às palavras do orador, mas também aos movimentos de vosso próprio pensamento e sentimento, então, ao sairdes daqui, sozinho, conhecereis o estado de vossa mente e nunca vos deixareis colher cegamente em

suas redes.[sumário]

PERGUNTA:*Não achais que o desejo de libertação é, em parte, a causa de nosso condicionamento?*

KRISHNAMURTI: Naturalmente, senhor; o desejo de nos libertarmos de condicionamento só pode favorecer o condicionamento. Mas se, em lugar de tentarmos reprimir o desejo, compreendermos o seu inteiro "processo", então, nessa própria compreensão, surge a liberdade, a libertação do condicionamento. A libertação do condicionamento não é um resultado direto. Compreendeis? Se me aplico deliberadamente a livrar-me de meu condicionamento, esse próprio desejo cria seu peculiar condicionamento. Posso destruir uma forma de condicionamento, mas fico enredado noutra. Já se houver compreensão do próprio desejo - inclusive, também, o desejo de libertação - então, essa mesma compreensão destrói completamente o condicionamento. A libertação do condicionamento é um resultado acessório, e sem importância. O importante é compreender o que cria o condicionamento.
[sumário]

---

(1) Ideational - de ideation: Criação e conservação de idéias pela mente. (N. do T.)

(2) Isto é, as partes profundas e as partes superficiais (o inconsciente e o consciente). N. do T.

9 - Ação e inação

25 de julho de 1963

NA MODERNA civilização, onde tudo se vai tornando altamente organizado, observa-se um contínuo diminuir da liberdade na ação. Estamos perdendo a espontaneidade e a paixão, em nosso agir. Para a maioria de nós, a ação se tornou rotina. No ir para o escritório todos os dias, no lavar pratos na cozinha, no escrever, no pintar, no que quer que seja, nossa ação se está tornando cada vez mais "canalizada", moldada por uma série de padrões. E, quando tudo o que fazemos é, dessa maneira, reduzido a rotina, não há então nenhum problema relativo à ação, nenhuma vontade de investigar o que é ação. A questão sobre o que é correto fazer só se apresenta quando temos problemas; mas, então, só cuidamos de analisar os problemas, ou ficamos a tatear no escuro, na esperança de uma solução. Tal é a única ação que conhecemos. Mas, parece-me haver uma ação de qualidade completamente diferente, a qual, com efeito, é inação; e desejo, se possível, examinar isso um tanto profundamente, nesta manhã.

Nunca perguntamos a nós mesmos ou tentamos investigar o que é a ação independente de nossa rotineira "resposta" (reação) às diárias exigências da sociedade, ou de nosso esforço para resolver um

certo problema de especial urgência. Dentro dessa estreita esfera, tentamos descobrir o que é correto fazer. Mas, penso que há uma mais ampla esfera de investigação, e possibilidade de busca mais profunda para se descobrir o que é ação; e, se pudéssemos descobri-lo, então, nossas limitadas ações em "resposta" (response) às exigências de uma dada sociedade - capitalista ou socialista - seriam muito mais significativas.

Que é, pois, ação? Não tencionamos averiguar o que se deve fazer num dado conjunto de circunstâncias; isso ficará para mais tarde. Se nos restringimos ao que se deve fazer l num dado caso, a ação se torna superficial, limitada e pouco significativa. O que se pergunta não é "Que fazer?" porém, antes, "Que é ação?".

A ação, para a maioria de nós, tem motivos vários, ou visa a ajustar-nos a um ideal. Nosso comportamento é guiado por um conceito, uma fórmula, uma idéia, e há, assim, um intervalo entra a ação e a idéia. Esse intervalo, essa separação, gera conflito, e com este perdemos energia; e, sem energia, não pode haver a verdadeira ação. A ação requer a energia da liberdade, da espontaneidade; e, se a ação estiver condicionada, limitada por uma idéia, moldada em conformidade com uma fórmula ou sistema racional de pensamento, perderá seu ímpeto próprio, sua espontânea força propulsora.

Espero ter a possibilidade de explicar o que quero dizer, à medida que formos avançando. Não estou falando teoricamente. Como tenho acentuado repetidas vezes, eu não acalento teorias, meras idéias. Em todas estas palestras o que nos interessa são os fatos, a ação.

Ora, enquanto a ação for limitada, restringida por uma idéia, ela não só cria conflito, perdendo, assim, energia, mas também se ressentirá da falta da espontaneidade geradora de energia. Só conhecemos a limitada energia que em nós é gerada pe;o conflito, pela competição, pelo atrito. Nossa "resposta a desafio" depende de um conceito, uma idéia, uma fórmula, e isso significa que a "resposta" é limitada - perdendo-se, assim, parece-me, a extraordinária vitalidade da ação.

Por outras palavras, se observardes a vós mesmo, vereis que há um conceito, uma imagem, uma idéia, de acordo com a qual estais vivendo. Estais sempre ajustando vossa ação a essa idéia, criando assim atrito, conflito, e perdendo energia. Mas, para podermos pensar muito claramente, ser altamente sensíveis, sentir apaixonadamente a respeito de qualquer coisa, necessitamos de extraordinária energia. Parece-me, portanto, que para a maioria de nós o problema é a falta de energia interior, embora exteriormente nos mostremos muitos ativos - freqüentando assiduamente o escritório, fazendo trabalhos caseiros, etc. Interiormente, não temos energia suficiente para atacar um problema diretamente e resolvê-lo instantaneamente. "Transportamos" o problema de dia para dia, de maneira que ficamos carregados de problemas.

Ora, é possível atuar sem idéia? Isto é, pode um homem viver completamente no presente? Como vimos outro dia, viver completamente no presente, dar toda a atenção ao presente, significa morrer para o passado. Isso requer percebimento não só dos movimentos conscientes da mente, mas também de seus movimentos inconscientes. Temos de estar cônscios de todos os nossos pensamentos e sentimentos, de todas as nossas ações, não em conformidade com alguma idéia ou fórmula, porém simplesmente cônscios de todos eles, sem interpretação - estar tão totalmente vivos no presente que a ação seja imediata e não um ajustamento a certa idéia ou ideal.

Se estiverdes deveras cônscio do funcionamento de vossa mente, sabereis que estais constantemente observando com uma conclusão, e em conformidade com ela aprovando, condenando, interpretando ou tentando modificar o que vedes. Ora, se nenhuma conclusão houver, nenhuma interpretação, porém, tão-só, observação pura, então, essa mesma observação é ação sem idéia. Afinal de contas, o cultivo do pensamento, ainda que necessário, não é amor. O amor, assim me parece, é ação direta, e não ação deliberada, ideada.

Não sei se estou transmitindo bem o que desejo transmitir.

Vede, cada um de nós está necessitado de uma mutação total; necessita-se de completa transformação nas profundezas, nas raízes de nossa consciência, pois de outra maneira somos meros autômatos, vivendo num mundo insípido, superficial, cheio de conflitos, pesares, aflições, e "respondendo" ou reagindo apenas às mais superficiais exigências e solicitações. Para realizar essa fundamental revolução interior, precisamos investigar o que é ação; precisamos averiguar se existe ação não ditada pelas circunstâncias, pela ambição, pelas exigências sociais, pelas idéias reformadoras, pelas pressões nacionalistas ou outras. Para descobrir se existe tal ação, acho que a pessoa precisa penetrar muito fundo em si mesma - tão fundo que a mente possa atuar sem ser de acordo com idéias, conclusões, lembranças, e seja, portanto, capaz de viver naquele presente total que, por si só, modifica a natureza mesma da ação.

Quer-me parecer que não estou conseguindo transmitir-vos nada.

Que é comunhão? Eu desejo transmitir-vos algo que sinto ser muito importante; e para que isso possa ser transmitido é evidentemente necessário haver cooperação entre nós, entre o ouvinte e o orador. Assim sendo, de que maneira cooperais? De que maneira escutais o que se está dizendo? Escutais apenas com o fito de "pegar" a idéia, o significado das palavras? Ou estais escutando e ao mesmo tempo observando vossas próprias reações e "respostas", tanto conscientes como inconscientes? Isto é, estais escutando no presente ativo, ou apenas comparando vosso pensamento com o que se está dizendo? Eu desejo dizer algo, que é o seguinte: A pessoa pode viver completamente no presente, sem nenhuma idéia fixa, nenhum pensamento preconcebido, e esse viver completo no presente proporciona a tremenda energia de que se necessita para promover uma revolução total na mente. E' isso o que quero transmitir, e não com meras palavras. Desejo transmiti-lo de maneira tal, que sintais a sua realidade, de modo que, ao sairdes daqui, se tenha efetuado uma mutação, uma tremenda revolução.

Como estive dizendo outro dia, o pensamento se tornou para a maioria de nós sobremodo importante, - sendo o pensamento idéia, racional ou irracional, neurótica ou "normal". O pensamento guia nossas vidas, molda os nossos fins, e controla as nossas ações. Ora, para este orador, o que chamamos "pensamento" nenhuma importância tem, porquanto é mera reação da memória, a voz da tradição, das experiências passadas, acumuladas; e o passado não pode enfrentar o sempre mutável presente. Para enfrentar o presente, deve a mente estar de todo livre do pensamento, para que haja a observação sem idéia; e é essa observação sem idéia que proporciona a tremenda energia necessária para realizar-se a mutação. Isto é, a mente deve estar livre de tudo o que a memória nela depositou. Necessitamos da memória para podermos funcionar, obrar, fazer coisas; necessitamos do passado, como conhecimento, mas sem deixá-lo interferir de modo nenhum no presente, que é ação, que é energia.

Pois bem; escutastes o que se acaba de dizer. E de que maneira o escutastes? Escutastes e observastes de maneira que pudestes ver o fato por vós mesmo? Ou escutastes meramente com a idéia de que "é preciso viver no presente" e apreender o seu significado? A pessoa ou percebe o fato, ou tem uma idéia a respeito do fato e, a seguir, interpreta o fato em conformidade com essa idéia.

Vede, há muito pouco amor em nossas vidas; com efeito, não sabemos o que isso significa. Conhecemos o chamado "amor", sempre acompanhado de ciúme, inveja, irritação, confusão, aflição. Esse, todos nós conhecemos bastante. Mas, não sabemos de fato o que significa achar-se num estado de amor, não é verdade? Podemos amar alguém em particular, mas não conhecemos aquele "estado de ser" extraordinariamente vivo e lúcido, que é o amor. A maioria de nós tem muito pouco amor no coração, e é por isso que o pedimos a outrem. Por não termos amor, encontramos em geral um meio de aliviar-nos, seguindo uma certa via de "autopreenchimento", que pode ser sexual, intelectual, ou de ordem neurótica; de maneira que nossos problemas crescem e se tornam mais e mais agudos.

Ora, eu me estou referindo à mente que nenhum problema tem; ou, melhor, à mente que, ao surgir um problema, é capaz de compreendê-lo e resolvê-lo de pronto, de modo que o problema não deixa resíduo ou marca. Isto é ação; é viver no presente. Teremos problemas constantemente, problemas de várias espécies; e não poderemos, logo que surgir cada problema, resolvê-lo tão completamente, que ele não deixe marca - a memória de algo aprendido, com a qual nos abeiramos do novo problema? Se nos abeiramos do problema novo com uma lembrança, não podemos resolvê-lo. O que estou tentando transmitir-vos é que existe uma ação, que nenhuma idéia inclui, ação que, por conseguinte, é direta e não o produto de uma memória mecânica. Tal ação liberta considerável energia; e vós necessitais de "possante" energia, para descobrirdes o que é verdadeiro, descobrirdes o que existe além dos padrões que o homem estabeleceu para si próprio, além das coisas construídas pela mente.

Deixai-me formular a questão de diferente maneira. A maioria de nós vive vida muito superficial, e temporariamente nos satisfaz viver dessa maneira vulgar, estreita. Depois, compreendendo que estamos vivendo superficialmente, sentimo-nos descontentes e procuramos um modo de nos tornarmos profundos. Mas a mente superficial que quer tornar-se profunda, continua superficial. A mente superficial poderá buscar Deus, mas será sempre superficial e seu Deus será também inferior. Ora, como transformar completamente a mente embotada, superficial, estúpida, de modo que ela se torne totalmente viva? - Esta é que é a questão.

As terríveis condições em que se acha o mundo exigem uma mente nova, fresca, pois, do contrário, os problemas irão aumentar. Haverá mais morticínios, mais guerras, mais confusão, mais rivalidades, mais progresso (assim chamado) e mais escravização às coisas. Se vossa mente não é nova, será colhida pelas circunstâncias. E, mais, necessitais de uma mente fresca, uma mente nova, para poderdes descobrir se algo existe além do mensurável, além das coisas criadas pela sociedade, além das crenças e dogmas inventados pelos sacerdotes. Para tanto, necessita-se de vigorosa energia - energia que não seja produto de conflito, energia isenta de motivo. E só pode ser despertada essa energia demolidora, libertadora, clarificadora, depois de terdes compreendido e resolvido, em vós mesmo, todas as formas de conflito. Só termina o conflito quando há autoconhecimento - o conhecimento da totalidade de vossa consciência. Já tratamos desta matéria - a auto. investigação - e, portanto, não há necessidade de a examinarmos de novo.

Sem amor, vivemos no sofrimento, na aflição, em conflito perene. E o amor, por certo, é sem conflito. Direis, porventura: "Isto é apenas uma idéia, um ideal, um estado teoricamente perfeito" - mas estais enganado. Nasce o amor ao começarmos a compreender realmente a totalidade de nosso próprio ser. Assim, o importante é o indivíduo descobrir por si mesmo, que se acha enredado em palavras, em idéias. Somos escravos das fórmulas, dos conceitos, e a percepção desse fato altera a própria natureza da ação. Na mutação da ação, há paixão, que é energia; e, com essa energia, que faz parte do amor, que faz parte da criação, tem a mente a possibilidade de ingressar num estado jamais concebido ou formulado por ela própria, num estado desconhecido.

Vamos discutir sobre isso?

PERGUNTA:*Para se estar cônscio, é necessário meditar; mas a meditação supõe perfeita harmonia do pensamento e do sentimento. Se se é incapaz desta perfeito harmonia, como é possível estar cônscio?*

KRISHNAMURTI: Quando falais de estar "cônscio", que entendeis por esta palavra? Eu estou cônscio de vossa pessoa, e vós estais cônscio da minha. Vejo muitos rostos, muitas cores; vejo este pavilhão, ouço o rumor do rio e o canto de uma ave; por aquela fresta percebo uma folha agitada pelo vento, etc. De tudo isso estou cônscio, e de minhas reações a tudo isso. Estou também cônscio de que essas reações nascem de meu condicionamento, de minhas lembranças, de meu saber acumulado. Vejo que tudo interpreto em termos de agrado ou desagrado, conforme meus peculiares preconceitos. Estou totalmente cônscio de meus motivos conscientes e inconscientes, de minhas necessidades e anseios. Quando emprega a palavra "cônscio", este orador a entende como abrangendo tudo isso, mas talvez assim não a entenda o interrogante.[sumário]

INTERROGANTE:*Se o indivíduo é neurótico ou louco, não pode "estar cônscio".*

KRISHNAMURTI: Claro que não. Agora, um momento! Estai-vos referindo a alguém que é neurótico, ou percebeis que vós mesmo sois neurótico? Não, por favor, não riais. Esta é uma pergunta muito séria que vos faço. Se uma pessoa se torna cônscia de ser neurótica -- e é dificílimo estar-se cônscio desse estado - então, já está a sair da neurose. Mas a maioria de nós não está cônscia de suas peculiaridades, de seus estados de ligeiro desequilíbrio, suas exagerações, idiossincrasias e inibições. O "estar cônscio" disso requer atenção constante, e em geral não temos nem energia, nem tempo, nem disposição para nos observarmos. Preferimos recorrer a um analista, a alguém que faça por nós esse trabalho, e, desse modo, complicamos mais ainda a nossa vida. Assim, se sois neurótico, como o é a maioria de nós, então, para poderdes mudar, deveis estar cônscio de vós mesmo, não apenas superficial, mas também profundamente. Deveis observar cada palavra, todas as coisas que sentis ou pensais, investigando-vos profundamente. Talvez surja, então, em virtude desse percebimento, a meditação. Já tratamos disso, e não desejo fazê-lo de novo.[sumário]

INTERROGANTE:*Quando uma mãe dá à luz um filho, começa imediatamente a cuidar dele. Não há, nessa ação, amor, ainda que a mãe não tenha uma mente "inocente"?*

KRISHNAMURTI: Senhor, não desejais descobrir por vós mesmo o que é ação? Não desejais descobrir o que significa viver totalmente no presente? Não desejais despojar-vos de todas as coisas falsas que a sociedade e o ambiente vos impuseram, para descobrirdes o que é a verdade, qual o significado do viver? Isto exige muita investigação, o evidentemente a maioria de nós não tem vontade de empreender essa investigação e, por isso, fazemos perguntas que me parecem um tanto fora de propósito.

Senhor, vós sabeis o que se está passando no mundo: ameaça de guerra, encarniçada competição, insana brutalidade. Qual a vossa reação a tudo isso? Não desejais averiguar como se deve agir em tais circunstâncias? Ou, tão preocupados estamos com nossas próprias pessoas, que não nos sobra tempo para as questões mais importantes? Tendes talvez resposta para todas essas coisas, dada por alguma autoridade e, por conseguinte, sabereis responder - mas a resposta será apenas verbal, e não profunda, não vinda de vosso coração e de vossa mente, de vossas próprias profundezas. Foi por isso que nesta manhã estive falando sobre a ação. Um ente humano tem de agir, seu próprio viver é ação, mas sua ação o tem levado a muita aflição, corrupção, confusão; cabe-nos descobrir uma maneira completamente diferente de agir, uma diferente maneira de viver. Não podemos viver meramente em conformidade com uma certa definição, em conformidade com as idéias de Marx, de Lenine ou outra autoridade qualquer. Tudo isso temos de deitar abaixo, para descobrirmos por nós mesmos o que é verdadeiro.[sumário]

PERGUNTA:*Dizeis que, para pensarmos claramente, observarmos diretamente, necessitamos de "espaço" na mente - espaço entre nós mesmos e aquilo que vemos. A maioria de nós não tem tal espaço, nossa mente está repleta de idéias, atulhada de memórias. Como encontrar esse espaço?*

KRISHNAMURTI: Já falamos tanto a respeito disso! Pergunto a mim mesmo qual o grau de ardor e de intensidade com que vivemos. O mundo, nas condições em que está, exige a ação esclarecedora de uma mente em que não haja confusão, uma mente não neurótica, mente que não tenha nenhum ponto fixo de partida, para pensar. Antes de mais nada, percebeis a necessidade dessa mente? E se lhe percebeis a necessidade, de que maneira a conseguireis? Pode alguém vo-la dar? Por certo, tendes de trabalhar ardorosamente, aplicar nesse sentido toda a vossa energia. Mas, vede, em geral falta-nos essa energia, porque temos tanto medo! Tememos perder as pequenas coisas que nos dão segurança, nossos estreitos refúgios, e esse temor nos rouba toda a energia que possuímos. Tendes, pois, de enfrentar tudo isso; tendes de livrar-vos de todo medo. Havemos considerado esta matéria nestas nove palestras; e, como tenho dito, quando puderdes ver que vossa mente está toda enevoada, cheia de medo, então, esse próprio ato de ver produzirá uma ação que destruirá o medo.[sumário]

PERGUNTA:*Há diferença entre observar a si próprio, e observar um objeto exterior?*

KRISHNAMURTI: Quando dizemos "exterior" e "interior", que entendemos por estas palavras? Exteriormente, existem as montanhas, as árvores, o rio, pessoas. Interiormente, encontram-se meus próprios e secretos pensamentos, esperanças, temores, reações; e há, também, o "pensador" que observa, julga, condena, avalia. Existe, pois, a separação psicológica do "pensador" e do "pensamento", ou do "experimentador" e da "coisa experimentada" - e esse é um aspecto do que se chama "interior" e "exterior"; e há a divisão mais óbvia ainda do mundo objetivo, exterior, e do mundo subjetivo, interior. Minha mulher está no "exterior" e eu no "interior" - sendo EU minha ambição, minha avidez, minha brutalidade, minha crueldade, meu amor, etc. Ora, como observais o "exterior" e como observais o "interior"? Observais com uma mente que apenas "reage", isto é, que diz: "Aquilo é bom, isto é mau",

"Aquilo é uma montanha, isto é uma árvore"? Ou observais sem pensamento, sem idéia?

Talvez eu possa dizer isso um pouco mais claramente, de outra maneira.

Quando vedes uma flor, a observais "botanicamente" ou"não-botanicamente"? Isto é, dais nome à flor, ou a observais simplesmente, sem lhe dardes nome? Percebeis a diferença?

Aprofundemo-nos um pouco mais. Pelas circunstâncias de nossa existência, pela maneira como somos criados e educados, etc., que se todos nós nos tornamos embotados; vivemos semi-adormecidos e necessitamos de ser desafiados, pois do contrário cair amos em sono profundo. Ora, vendo-me desafiado, sou forçado a observar. Em geral, observo muito pouco.Observo apenas as coisas que diretamente me cercam, as coisas que diretamente me interessam. Mas, o desafio do mundo exterior - a sociedade, os problemas econômicos,os problemas das relações, da morte, etc. - sacodem-me de minha letargia, de meu embotamento, de minha indolência,e torno-me mais desperto, mais inteligente e sensível. Começo a interrogar-me, a investigar, a buscar, a tatear, a indagar, a exigir, e, assim, já não tenho necessidade de nenhum desafio exterior; e para o homem que não tem necessidade de desafio exterior, não existe divisão entre "exterior" e "interior". Ele se acha rum "estado de investigação", num estado de revolução; está constantemente a observar, a indagar acerca de tudo o que se passa em redor e dentro de si mesmo. E se assim prosseguir, esse homem se tornará sua própria luz; estará sempre completamente desperto e, por conseguinte, não necessitará de nenhum "desafio". Mas esse estado se acha muito distanciado da maioria de nós.

Dizemos que há "exterior" e "interior"; mas, psicologicamente, existe de fato tal divisão? Ou trata-se de um movimento semelhante ao da maré, que "sai" e que "entra"? Se escutastes esta pergunta e penetrastes em vós mesmo, a fim de averiguar a verdade respectiva, como olhais agora a montanha, a árvore, vossa esposa, vossos filhos, vosso próximo, vossas idéias? Qual a vossa relação com a cizânia e os malefícios que correm pelo mundo? Sois uma parte disso? Sois o resultado da sociedade, de vosso ambiente? Ou, tendo-os compreendido (a sociedade e o ambiente), vos arredastes deles? Se o fizestes, sois já, então, coisa completamente diferente; está-se verificando uma mutação, que vos dá lucidez, ardor, o sentimento de amor sem motivo.[sumário]

PERGUNTA: *A ação espontânea é ação correta?*

KRISHNAMURTI: Sabeis quanto é difícil ser-se realmente espontâneo? Estando tão condicionados pela sociedade, vivendo da memória, do passado, que possibilidade temos de ser espontâneos? Sem dúvida, fazer uma certa coisa espontaneamente é agir sem motivo, sem cálculo, sem sentimento egoísta. Não é ação egocêntrica. O que executais procede da plenitude de vosso ser. Mas, para serdes realmente "espontâneo", precisais livrar-vos inteiramente do passado. Só a mente inocente pode ser espontânea.[sumário]

10 - A Realidade ou Deus

28 de julho de 1963

TALVEZ possamos, nesta manhã, investigar juntos uma coisa que o homem vem buscando há séculos e séculos e que, evidentemente, mui poucos conseguiram encontrar. Por causa de sua agitação e sofrer, de sua passageira felicidade, de sua confusão, criou o homem inumeráveis dogmas e crenças relativos àquela coisa, a que deu diferentes nomes no Ocidente e no Oriente. Chamai-a "Deus", "Realidade", o que quiserdes, cada um de nós está em busca dessa coisa; e, para que possamos explorar e descobrir, por nós mesmos, se existe ou não existe algo, além das coisas criadas pela mente, necessitaremos de uma certa eficiência - a eficiência que nasce do próprio movimento de exploração. Não se trata de, primeiro, nos tornarmos eficientes, para depois explorarmos; mas, no próprio processo de explorar, de descobrir, de penetrar, aparece a eficiência, a destreza, a lucidez necessária para olharmos. Mas, para explorar e investigar necessita-se, obviamente, de profundo ceticismo, de um certo elemento de dúvida. Deve haver dúvida, não só quanto às religiões organizadas, mas também em relação a tudo quanto, neste movimento exploratório, descobrimos dentro em nós mesmos. Nada se deve aceitar. Não se deve aceitar o que a sociedade e as religiões organizadas impuseram à mente, nem tampouco as reações que se verificam quando se está a explorar - as reações que temos, porque desejamos algo que seja permanente, estável, certo. Se, em virtude de vossa ânsia de segurança, de permanência, tendes certas experiências e com estas experiências vos satisfazeis, vos contentais, nesse caso, permanecereis, inevitavelmente, num estado de estagnação. Mas se, desde o começo, se mantém uma atitude de indagação, de dúvida, de ceticismo, perante tudo o que vemos, tudo o que sentimos, então, esse mesmo ceticismo produz uma eficiência na observação, eficiência absolutamente necessária à mente que deseja explorar ou investigar algo que não há possibilidade de conceber ou formular.

Sustentam as religiões organizadas do mundo inteiro que algo existe, não produzido pelo homem, algo que não é puramente mecânico, a que elas conferiram vários atributos. Há séculos, essas religiões organizadas, com sua incessante propaganda, vêm impondo à mente certos conceitos, e cada um de nós, consciente ou inconscientemente, está condicionado por esta persistente e sutil propaganda. Para nos desembaraçarmos de todo esse condicionamento, necessitamos de enorme soma de energia; e para explorardes, investigardes em vós mesmo, necessitais, afianço-vos, de extraordinária capacidade de dúvida - dúvida acerca de tudo quanto descobris.

As religiões organizadas tiveram, a princípio, provavelmente, certa utilidade no tornarem o homem um pouco mais civilizado; mas hoje elas já nada significam, porquanto o homem perdeu de todo a noção de civilidade. Está disposto a matar milhares de seus semelhantes e a apagar do mapa, em obra de um momento, uma cidade inteira. Assim, vós e eu temos de averiguar, por nós mesmos (e acho que esta deve ser a intenção das pessoas mais inteligentes e mesmo mais intelectuais) se alguma coisa existe além das criações da mente. Averiguá-lo, e não, aceitar ou simplesmente ter conhecimento do que a tal respeito têm dito as várias religiões; e, também, averiguar é diferente do desejo de experimentar essa coisa. No momento em que desejais experimentá-la, deixais de duvidar, já não tendes ceticismo, e vos tornais então escravo de vossas experiências.

Observai, por favor, vosso próprio movimento exploratório, ao mesmo tempo que este orador vai falando. Não vos satisfaçais com suas palavras, suas explicações, porque, assim, ele estará fazendo a exploração sòzinho, e estareis apenas a ouvir palavras muito pouco significativas. Mas se, ao mesmo tempo que estais escutando, estais também tomando parte na exploração, descobrireis em vós mesmo a eficiência de uma mente vigilante, perspicaz, lúcida, incisiva, e então já não haverá questão de aceitar qualquer autoridade que seja.

Mas, como sabeis, somos criados na base da autoridade. Toda a nossa vida está baseada na autoridade do passado - a autoridade do que ensinaram vários instrutores religiosos, e a autoridade dos sacerdotes, que têm "direitos adquiridos" tanto no instrutor como no ensino. Fomos criados, condicionados, moldados pela autoridade religiosa, e o pôr em dúvida essa autoridade apenas exteriormente, é de muito pouco valor. Mesmo no mundo comunista, onde a religião organizada era antes tabu, os sacerdotes já têm permissão para funcionar, porque, politicamente, a religião organizada, em todas as partes do mundo, se tornou mais ou menos inofensiva. Qualquer um pode praticar a crença religiosa que lhe convém e, enquanto não constituir ameaça aos poderes constituídos, deixá-lo-ão fazer o que quiser em matéria. de religião. Só quando o indivíduo se recusa a ser nacionalista, quando se recusa a ir para a guerra, a matar em nome da pátria, etc., só então se torna perigoso. No mundo ocidental, a religião organizada nunca se opôs fortemente ao nacionalismo, . ao morticínio da guerra; pelo contrário, sempre o encorajou. Assim, somos atualmente entes humanos "amansados", condicionados pelo medo, pela autoridade da igreja, do templo, do sacerdote, e a religião se tornou uma coisa morta com que costumamos entreter-nos aos domingos. A ela recorremos quando nos vemos em profunda aflição e desejamos conforto, consolação. Mas religião - a verdadeira religião - não dá consolo. Não é uma coisa "mansa", que a gente pode levar consigo a toda parte. Ela é severa, impiedosa, demolidora. É o que vamos agora explorar, investigar.

Para explorar, não deveis olhar aquilo que vedes do ponto de vista de algum indivíduo ou filosofia em particular. Para investigar, descobrir, tendes de livrar-vos completamente do passado. Para investigar, necessita-se de virtude, e não de costume. A moralidade se tornou costume, hábito, coisa superficial, condicionada pela estrutura psicológica da sociedade a qual é o que quase todos nós somos. Vivemos segundo as normas habituais, segundo a costumeira moralidade; e a virtude a que me refiro é coisa totalmente diferente.

A ação da virtude não é ação ditada por autoridade; mas, no mesmo processo de compreender a autoridade - compreendê-la inteligente, eficiente, clara e profundamente - nasce a virtude. Assim como não se pode cultivar o amor, não se pode cultivar a virtude; mas, se se compreender o formidável significado, as profundezas, a brutalidade da autoridade, dessa compreensão resulta a beleza da virtude.

No começo, o homem indagava, buscava, tateava, mas essa investigação, essa busca inicial, se tornou tradicional; é coisa pertencente ao passado, agora tornada costume. O prosseguimento da tradição, da autoridade do passado, criou os valores que a sociedade impôs a mente, e com os quais formamos o nosso caráter. Este caráter se torna o fundo de autoridade, de onde vemos, observamos e experimentamos. Assim, se desejamos verdadeiramente investigar, explorar, necessitamos de libertar-nos desse fundo de autoridade.

Prestai atenção, por favor. Se, juntos, pudermos explorar seriamente esta questão, então, talvez, quando sairdes daqui e voltardes a vossos lares, estareis habilitados a enfrentar vossos numerosos problemas e

aflições com uma mente diferente, um coração diferente, um diferente sentimento, em todos os sentidos. Afinal é isto o que aqui estamos tentando: produzir uma completa revolução, uma mutação na consciência. E isso é importantíssimo, porquanto a mera mudança é degeneração. Mudança implica, apenas, modificação do que foi. Não é revolução. E nós estamos falando sobre revolução, a mutação total de nossa maneira de pensar, de sentir, de ser. Tal mutação não pode, de modo nenhum, efetuar-se, se permanecermos meramente no nível verbal ou intelectual. Eis porque, se tendes sério interesse em tudo isso, deveis explorar, penetrar até as profundezas de vosso ser. Com esta exploração, descobrireis por vós mesmo se existe ou não existe algo que excede todos os padrões humanos.

A autoridade psicológica, na forma de memória, como fundo que guia o indivíduo, molda o seu pensamento e controla a sua ação, deve ser compreendida em toda a sua inteireza. Com essa compreensão nasce a verdadeira virtude. A virtude é espontânea; não é aquela coisa artificial que levantastes como muralha de resistência e que tem a utilidade de conservar-vos fechados e bem protegidos em vossa atividade egocêntrica. Exploração supõe eficiência na observação, e para terdes essa eficiência deveis estar livre de toda autoridade - psicologicamente, e não legalmente entendido. Percebeis a diferença? Se desobedecerdes à autoridade da Lei, à autoridade do policial que vigia a rua, sereis detido e posto na cadeia. Não é disso que estamos falando, Referimo-nos à liberdade em que se está livre da autoridade psicológica - autoridade que criastes por meio do conhecimento; da memória, das experiências que tivestes. Enquanto estiverdes na dependência de qualquer autoridade psicológica, ou de qualquer crença que vos dá conforto, vossa mente não será ágil nem suficientemente sutil para a verdadeira exploração. A mente que está explorando, indagando, investigando, não permanece num ponto fixo, não se firma numa posição, para dela tentar explorar. Está em movimento constante, e esse próprio movimento é exploração.

Assim, quando começais a explorar, não estais explorando algo existente fora de vós mesmo. Estais explorando todo o processo de vossa própria consciência, porque é esta a base de vosso pensar e de vosso sentir. Deveis começar por examinar o próprio instrumento com que ides explorar. Compreendeis? Espero estar-me explicando claramente.

Afinal, nós possuímos um único instrumento - a mente, a sede do pensamento. E se a mente, com suas reações, não for devidamente questionada, explorada e compreendida, ficaremos sem nenhum meio de investigação.

Tende a bondade de acompanhar-me muito atentamente, pois isto vai-se tornar um pouco difícil. Quando a mente começa a olhar suas próprias reações, motivos, exigências, impulsos, e as experiências conservadas como memória, apresenta-se uma separação entre o "pensador" e a "coisa observada", não é verdade? É o que de fato acontece. Ora, enquanto subsistir esta divisão entre o "observador" e a "coisa observada", criadora de conflito, não pode haver eficiência na observação e, por conseguinte, não pode haver verdadeira exploração. E requer-se penetrante percebimento, uma certa tensão na observação, para que não surja essa separação entre "observador" e "coisa observada". Essa separação só gera conflito; mas a eficiência na observação não nasce de conflito. Nasce de vossa atenção integral - o que significa que "observador" e "coisa observada" são um só todo, e não coisas separadas. No observardes a vós mesmo, notareis que o instrumento do pensamento, do sentimento, se acha turvado pela vasta experiência de séculos, a qual, como o conhecimento instintivo, se tornou a autoridade que vos diz o que deveis fazer e o que não deveis fazer, e projeta no futuro certos quadros, certas imagens baseadas nas reações condicionadas do passado. Mas é necessário estarmos livres de todo esse fundo (background) para podermos descobrir se há, ou não há, algo além dos padrões humanos.

Quando começardes a investigar em vós mesmo, descobrireis que vossa mente está dividida em "consciente" e "inconsciente"; e, para se compreender a correta exploração, deve a consciência constituir um todo harmônico, e não duas coisas separadas. Para se ter esse todo harmônico, não se deve "integrar" ou juntar artificialmente as duas coisas separadas. Essa harmonia, essa unidade só pode existir quando há compreensão do processo da consciência, quer dizer, quando a mente é capaz de observar a si própria negativamente, e não positivamente; isto é, quando a mente pode olhar suas próprias reações, sem guiar, moldar, ou de outra maneira alterar o que está vendo. Por outras palavras, a mente deve estar cônscia de si própria, sem escolha. Vereis, então, como vossa mente se tornará sobremodo quieta, tranqüila; e, nessa tranqüilidade, pode observar muito mais profundamente seus próprios pensamentos.

Se desejais olhar realmente para uma coisa - um rio, uma montanha, uma árvore - vossa mente deve estar firme, tranqüila, não perturbada. De modo idêntico, para explorar toda a extensão da consciência, a mente deve estar toda tranqüila - mas não disciplinada para a tranqüilidade. A mente aquietada a poder de disciplina é mente superficial, mente morta, e há de degenerar, inevitavelmente. Mas, quando a mente explora e compreende todas as suas reações, quando está cônscia de cada movimento de pensamento e de sentimento, desse percebimento nasce uma tranqüilidade espontânea, uma extraordinária sensibilidade que é sua própria disciplina.

Em maioria, submetemo-nos a disciplinamento. A opinião da sociedade, do vizinho, dos jornais, livros e revistas que lemos - tudo isso influencia e molda o nosso pensamento e sentimento, nosso comportamento. Em reação, disciplinamo-nos para ajustar-nos a certa idéia ou ideal, ou àquilo que foi sancionado pelo instrutor, pelo Salvador, pelo Mestre. Toda disciplina dessa espécie é mero ajustamento, repressão, e não traz liberdade. Mas, quando a mente está totalmente cônscia de todos os movimentos de seu próprio pensar e sentir, desse simples e profundo percebimento nasce uma disciplina que nunca ajusta. Essa disciplina é eficiência na observação. Tal eficiência de modo nenhum será alcançada, se houver dependência de qualquer espécie de autoridade - a autoridade do herói, do exemplo, do sacerdote, ou a autoridade daquilo que já sabeis - porquanto a autoridade vos molda e condiciona a mente e, por conseguinte, limita-vos a investigação, a sutileza, a eficiência na observação.

Vereis que só quando a mente se acha completamente tranqüila, vazia, é possível perceber plenamente qualquer coisa. Tendes necessidade de espaço, de vazio, para poderdes observar. Não posso observar-vos, se não houver espaço entre nós. De modo idêntico, a mente que está paralisada pelo sofrimento, carregada de problemas, a mente que está toda cheia de suas próprias vaidades, suas frustrações, sua ânsia de preenchimento, a mente que se prendeu ao nacionalismo e demais futilidades da vida - essa mente não está vazia, não dispõe de espaço e, por conseguinte, é totalmente incapaz de observar. Quando essa mente diz: "Preciso explorar, a fim de descobrir se algo existe além da mente" - isso que diz é sem significação. A mente deve, em primeiro lugar, explorar a si própria.

Quando a mente está totalmente tranqüila, vazia e isso requer extraordinário percebimento, atenção sem esforço - verifica-se, como já disse, o começo da meditação. 'Ela pode então ver, observar, escutar, a fim de descobrir 'diretamente, por si própria, se algo existe além dos padrões concebidos pelo homem para descobrir a realidade. Para este orador, existe uma Realidade, além das coisas que o homem construiu. Mas este orador não é autoridade para ninguém. Cabe a cada um averiguar por si próprio. O indivíduo deve achar-se num estado de tremenda revolução e, em virtude desta mutação, há ação. No próprio processo de vos descobrirdes, de descobrirdes todo o conteúdo da consciência, nesse próprio

processo há ação; e a mente é então "explosiva", em sua ação. Influi, então, inevitavelmente, na sociedade; mas não lhe preocupa o exercer ou não exercer tal influência.

Em geral, desejamos mudar, reformar a sociedade; mas toda reforma torna necessária nova reforma, e toda mudança produz desintegração, visto que é a negação da mutação completa. Refiro-me à revolução psicológica, pois com esta revolução há ação total, não ação parcial procedente de diferentes níveis de nossa consciência. Só a ação total, a ação procedente de nosso ser total, tem extraordinário efeito no mundo.

Assim, a mente que está em busca da Realidade deve achar-se num estado de constante observação - e isso significa ausência de acumulações e ausência de autoridade. Deve ela também achar-se num estado de inquirição, de dúvida. Cumpre haver um são ceticismo em relação a tudo o que considera importante ou sem importância; é preciso que a mente se despoje de todos os seus confortantes sustentáculos e esteja completamente só. Só então a mente é inocente, só então pode descobrir se há ou não há a Realidade.

Desejais discutir sobre isso, alguém dentre vós?

PERGUNTA:*Permiti-me perguntar quem é que percebe, e se há diferença entre percebimento e "observação pelo observador".*

KRISHNAMURTI: Quando escutais música ou o que outrem diz, de maneira total, há alguém que está escutando? Quando observais algo com atenção completa, existe observador? Só quando a atenção está dividida, quando é incompleta, existe um observador separado do observar; e perguntais, então: "Quem é o observador?".

De que maneira escutais qualquer coisa? Escutais parcialmente, não é verdade? Não prestais toda a vossa atenção. Não estais profundamente interessado no que o outro está dizendo, e prestais muito pouca atenção; ouvis indiferentemente, e por isso há separação entre o escutar e aquele que escuta. Mas, se escutais uma coisa com atenção completa, não existe tal separação. Sabeis o que entendemos por "atenção completa": prestar atenção sem esforço. Não digais: "Estou sujeito a distrações, e como posso prestar atenção sem esforço?" Se prestardes atenção a isso que chamamos "distração", então essa "distração" deixa de ser distração, não achais?

Em geral, não prestamos atenção, e por isso somos exercitados para a concentração. Se, em vosso emprego, não vos concentrardes no que estiverdes fazendo, perdereis o emprego; por isso, sois exercitado, condicionado, disciplinado, para vos concentrardes. Tal concentração implica exclusão. Se vos obrigais a concentrar-vos numa coisa, sois também obrigado a excluir qualquer outra coisa. Quando vosso pensamento se desvia daquilo em que desejais concentrar-vos para aquilo que estais tentando excluir, chamais isso "distração"; por conseguinte, a concentração, para vós, é uma forma de conflito - que é só o que conhecemos, quase todos nós.

Mas eu estou falando de coisa muito diferente: prestar atenção sem conflito. Isso significa escutar sem

tensão, sem perturbação - e isso é escutar com atenção completa. Mas só se pode escutar com "atenção completa" quando no escutar não há ganho, não há motivo pessoal, nem exigências, nem interpretação. A pessoa está, simplesmente, escutando. Nesse estado de "total escutar" não há entidade que está a escutar, não há quem escuta, separado do escutar. É um processo unitário, que se verifica quando estamos completamente interessados numa coisa.

Já observastes uma criança com um brinquedo novo? Enquanto a criança não se acostuma com o brinquedo e dele se enjoa, o brinquedo absorve-a inteiramente. O brinquedo de tal maneira a atrai que, temporariamente, a criança fica unificada com ele; não há distração alguma, porque o brinquedo a absorveu de todo. Nós também desejamos deixar-nos absorver completamente por alguma coisa - Deus, o sexo, o amor, uma centena de coisas. Desejamos estar tão intimamente ligados a uma certa coisa, que por ela sejamos inteiramente absorvidos; mas, essa absorção não é atenção. Em geral temos, dentro em nós ou fora de nós, alguma coisa a que estamos ligados - uma crença, uma esperança, uma relação, uma certa ocupação ou distração - e toda ligação dessa ordem é sempre de fundo neurótico. E a sociedade em que viveis - comunista ou outra qualquer - exige que estejais ligado a alguma coisa - um partido, uma ideologia, a defesa do Estado - porque, de outra maneira, sois um ente humano perigoso. Mas, quando nem as coisas externas nem as internas vos absorvem, e quando tendes compreendido todo o processo da concentração e exclusão, então, dessa compreensão, nasce um estado de percebimento simples, de atenção sem esforço, em que vosso corpo, vossa mente, todo o vosso ser está vigilante, completamente atento.

Senhor, escutai aquele trem que está passando. Se escutais o barulho, o estrondo que ele faz, sem nenhuma resistência, nenhuma idéia de levantar uma muralha contra ele, se o escutardes completamente, vereis que não há entidade que escuta.

PERGUNTA:*Falais da "extraordinária energia" de que se necessita para a atenção completa. Como se pode adquirir essa energia?*

KRISHNAMURTI: Como adquirimos energia? Uma das maneiras é tomar alimentos adequados ou da qualidade de que necessitamos, fazer suficiente exercício, e ter a justa porção de sono. E a maioria de nós, também, deriva energia da competição, da luta e do conflito, não é verdade? É só essa a energia que conhecemos. Restritos a essa limitada energia e desejando, portanto, expandir nossa consciência, recorremos as drogas. Há várias drogas que têm o efeito de expandir a consciência; e no momento dessa expansão provocada por uma droga, sentimo-nos extraordinariamente perceptivos, sensíveis. Ela nos confere uma qualidade diferente, um vivo sentimento de "diversidade" (Otherness) (1). Tal efeito tem sido descrito por várias pessoas que, de fato, fizeram uso de tais drogas.

Ora, como despertar em nós mesmos uma energia que tenha seu ímpeto próprio, causa e efeito próprios, energia que não contenha resistência e não esteja sujeita a deteriorar-se? Como alcançá-la? As religiões organizadas advogam vários métodos, e supõe-se que, pela prática de um certo método, pode-se adquirir essa energia. Mas os métodos não dão tal energia. A prática de um método exige sujeição, resistência, rejeição, aceitação, ajustamento, e com isso se consome a energia de que porventura dispomos. Se perceberdes a verdade desta asserção, nunca mais praticareis método algum. Isto, em primeiro lugar. Em segundo lugar, se a energia tem um motivo, um fim a que se dirige, essa energia é autodestrutiva. E, no que respeita à maioria de nós, a energia tem sempre motivo, não é verdade? Somos movidos pelo desejo de alcançar, de nos tornarmos isto ou aquilo, e, por conseguinte,

nossa energia anula a si própria. Em terceiro lugar, a energia se enfraquece, se degrada, quando se ajusta ao passado - e aí talvez esteja nossa maior dificuldade. O passado não é apenas os inúmeros dias passados, mas é também cada minuto que se lhes vai acrescentando, a lembrança daquilo que se passou há um segundo.

Assim, para despertar essa energia, não deve haver na mente resistência, nem motivo, nem "fim em vista"; ela não deve estar enredada no tempo, sob o aspecto de ontem, hoje e amanhã. A energia está, então, a renovar-se constantemente e, por conseguinte, não degenera. A mente já não está ligada, a nada, é totalmente livre; e só então é capaz de encontrar aquilo a que se não pode dar nome, aquela coisa extraordinária que transcende todas as palavras. A mente precisa libertar-se do "conhecido", para ingressar no Desconhecido.

---

(1) Otherness - Differentness. (Dic. Webster) - Isto é, a pessoa se sente diferente, como se fosse outro. (N. do T.).